



UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO APLICADA
UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA
“LUÍS DE CAMÕES”

É uma menina!

Relatório de atividade profissional para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação
Aplicada

Autora: Edite Susana Teixeira Dias Calado

Orientadora: Professora Doutora Paula Cristina do Rosário Lopes

Número da candidata: 19913162

Lisboa, outubro de 2024

Dedicatória

Este trabalho é dedicado às mulheres da minha vida.

A minha avó, a minha mãe, a minha filha e as minhas sobrinhas I. e A.

Foi com uma carta dedicada ao seu amor e às suas lutas que aqui cheguei. Espero que sorriam muito em todos os sítios onde estiverem e que sejam livres para fazerem o que entenderem.

E também aos homens.

O meu avô, o meu pai, o meu marido, o meu filho e o meu irmão.

Acredito, ainda hoje, que devemos ajudar como conseguirmos a construir um Mundo melhor. Talvez seja romântica ou inocente, mas prefiro isso a tudo o resto. Espero que um dia este meu pequeno contributo ajude de alguma forma.

Agradecimentos

Nunca tive problemas em agradecer, porque também nunca tive problemas em pedir ajuda. E se o fiz centenas de vezes nestes dois anos! Tenho até algum receio de me esquecer de alguém.

Obrigada pelo amor, pela paciência, pela fé na minha capacidade de levar esta empreitada até ao fim, quando eu duvidei. Sem vocês, nada disto seria possível.

Aos meus pais, claro, pelo amor infinito e pela liberdade de pensar. Nunca será suficiente a gratidão para quem nunca me cortou as asas.

Ao meu irmão, o homem mais inteligente que conheço, e que, mesmo sem tempo e com uma paciência infinita, nunca desistiu de me ajudar com a parafernália das formatações. Tenho tanto orgulho que até sufoca.

Ao meu marido, que embarca sem medo em todas as loucuras em que sonho meter-me. Até ao fim do Mundo.

Ao João Bonzinho, à Sofia, ao Paulinho e ao Nuno, que me seguraram todas as pontas quando estas se desataram, nos momentos mais difíceis da minha vida. Com amor, para sempre.

Ao Professor Arons que me ajudou em todas as dúvidas que tive, por mais idiotas que parecessem; ao prof. Bruno Reis que sempre me tirou da zona de conforto; ao Professor Tomé o primeiro que acreditou que eu conseguia chegar aqui.

E, por último, mas não menos importante à minha orientadora Paula Lopes. Devia tratá-la como “Professora” “Doutora” ou alguma coisa ainda com mais pompa. Nada mais justo porque imagino o que ela deve ter passado para aqui chegar. Mas não consigo.

A simplicidade e o conhecimento com que me guiou neste desgastante processo, sem nunca me deixar perder o norte, mostram que basta ser a Paula Lopes e não precisa de mais nada para provar a pessoa boa e competente que é. Lembro-me bem do olhar assustado de alguns colegas de Mestrado quando disse que seria ela a minha orientadora. Percebi logo que tinha feito a escolha certa. E, ainda por cima, com a vantagem de nos reencontrarmos tantos anos depois e perceber que isso faz despertar em mim tantas coisas boas que estavam adormecidas, escondidas pela vida.

A todos, o meu muito obrigada.

Resumo

Este trabalho está dividido em três partes distintas, mas que acabam por se cruzar inevitavelmente. Na primeira etapa, uma visão daquela que é a minha atividade profissional desenvolvida ao longo de 28 anos. Entrei no jornal *A BOLA* com o sonho de ser jornalista e concretizei esse sonho, umas vezes com muita dificuldade, outras nem tanto, mas sempre com o mesmo objetivo de contar ao mundo o que outro meio mundo não conseguia ver. A segunda parte deste trabalho relata como me tornei na jornalista que hoje sou, orgulhosa da minha carteira profissional. Da escola secundária que me começou a formar, à universidade que meu deu os alicerces que até hoje me guiam, e como esses valores são geridos numa carreira que felizmente cresceu para muitas áreas, onde não falta um doloroso processo de transformação. Do tradicional ao moderno em seis meses, a sangue frio, com perdas incalculáveis pelo meio e com ganhos que ainda não consigo quantificar.

E por último, mas não menos importante, uma análise de como o jornalismo desportivo português lida com a linguagem inclusiva no século XXI, quando os valores da igualdade e humanismo estão na ordem do dia. A primeira presença da Seleção Nacional de futebol, não devia escrever feminina, para ser fiel aos resultados, mas faço-o para maior clareza do tema, foi tratada pelos dois maiores jornais desportivos, *A BOLA* e o *Record*, foi o foco e os resultados deixaram a nu o longo trabalho que ainda temos pela frente para que o que defendemos seja uma realidade.

Palavras-chave: jornalismo desportivo, igualdade de género, linguagem inclusiva, produção de conteúdos jornalísticos

Abstract

This work is divided into three distinct parts, which inevitably intersect. The first section offers an overview of my professional activity developed over 28 years. I joined the newspaper *A BOLA* with the dream of becoming a journalist and achieved that dream, sometimes with great difficulty, other times less so, but always with the same goal of telling the world what others could not see. The second part of this work describes how I became the journalist I am today, proud of my professional credentials. From high school, which began my training, to university, which provided the foundations that still guide me, and how these values are managed in a career that has fortunately expanded into many areas, not without undergoing a painful process of transformation. From traditional to modern in six months, with composure, incurring incalculable losses along the way and gains that I still cannot fully quantify.

Finally, but no less important, I analyse how Portuguese sports journalism addresses inclusive language in the 21st century, at a time when values of equality and humanism are paramount. The first appearance of the National Football Team—I should not write “female” to remain true to the results, but I do so here for clarity—was covered by the two major sports newspapers, *A BOLA* and *Record*. This coverage became the focus, and the results highlighted the considerable work still ahead of us for what we defend to become a reality.

Keywords: sports journalism, gender equality, inclusive language, journalistic content production

I Atividade profissional.....	7
1. Do preto e branco ao arco-íris	8
2. As miúdas da redação.....	11
3. Gays, ciganos e estórias	14
4. Abriu-se a caixinha mágica	19
5. Digital first	23
II Formação e experiência profissional	23
1. Os mestres e os aprendizes.....	26
2. Liberdade.....	27
3. Os enviados-especiais	28
4. Uma imagem e mil palavras.....	29
5. A BOLA TV	30
6. O digital.....	31
7. As redes muito pouco sociais	32
III É menina!.....	33
1. Introdução.....	35
2. Jornalismo e representações sociais	36
3. Jornalismo e linguagem inclusiva	39
4. Jornalismo de desporto	45
5. Linguagem desportiva	48
6. Representações e estereótipos de género	51
7. Crónica feminina	54
8. Dois pesos e duas medidas	56
9. As mulheres entram em campo	59
10. Jornalismo de desporto: das origens à consolidação nacional.....	62

11.	Jornalistas desportivos.....	68
12.	O desporto rei e a globalização.....	71
13.	Futebol no feminino.....	75
14.	Protocolo metodológico.....	78
15.	Ups, é uma menina... Apresentação de resultados.....	84
16.	Discussão de resultados	91
17.	Considerações finais - O beijo da “morte”	93
	Referências bibliográficas	98
	Referências Eletrónicas	107
IV	Anexos	115

I

Atividade profissional

1. Do preto e branco ao arco-íris

Foi uma crónica de um menino de rua, escrita por Baptista Bastos no velhinho *Diário Popular*, que me fez querer ser jornalista. Não consigo precisar o ano, mas teria eu uns 15 anos, aquela maravilhosa fase da adolescência em que temos apuradíssima noção de justiça ou injustiça. Ou pelo menos pensamos que sim. Não há margem de erro num Mundo a preto e branco, onde as tonalidades só surgem com a idade, e sabemos exatamente como tudo deve ser. Nesse Universo de fortes e inabaláveis convicções, chorei baba e ranho porque era altura do Natal e não tive dúvidas de que seria uma justiceira de microfone ou caneta em punho. A forma como *BB* me impressionou com a sua escrita marcou-me até hoje.

Cresci numa casa onde nunca faltaram jornais, introduzidos pelo meu pai, sempre com opinião sobre tudo e sobre todos os temas, e livros, comprados religiosamente pela minha mãe, atenta às trivialidades do dia a dia, mas muito mais empenhada em conhecer Mundo e as pessoas que a literatura lhe oferecia. Habituei-me a estes dois mundos e cedo já tinha devorado todos os clássicos nacionais e internacionais e não me importava de sujar as mãos no papel de jornal que o meu pai espalhava pela casa.

Quando cheguei ao secundário, sabia que queria escolher uma área ligada às letras.

Ser filha do pós-guerra colonial, atirou-me para uma estatística de vários zeros, que distribuía as crianças pelas escolas mais próximas e saltitei entre vários estabelecimentos de ensino sempre atrás de uma vaga que desaparecia no ano seguinte. Até que cheguei aos “Viveiros”, liceu, hoje Eça de Queiroz. Felizmente, não foi empurrada pelas notas de matemática que escolhi a área de Humanidades, mas sim por convicção. No 10.º ano, oferecia uma opção Jornalismo/Turismo. Pareceu-me perfeito.

De turismo na verdade não tinha nada, até porque a professora era jornalista, ainda hoje no ativo na RDP. Ana Aranha, transformou aquela turma numa redação e eu, em particular, adorava aquelas aulas. Sob a sua orientação, cedo percebemos as diferenças entre notícias, entrevistas, reportagens e passámos a dominar a terminologia do jornalismo. Segui, entusiasmada com a prática durante o 10.º e 11.º ano, sem dúvidas sobre o que queria fazer. Em casa, via entusiasmada com o meu pai as entrevistas e debates políticos onde, naquela altura, Miguel Sousa Tavares e Margarida Marante lideravam com acutilância.

Chegada ao 12.º ano, nova escola, na altura considerada uma das melhores da Europa onde só as médias abriam portas. Segui sozinha, sem amigos, focada, mas de volta aos livros e

às teorias de Filosofia, História e Geografia. A sombra da Prova Geral de Acesso (PGA), que quase me fez baixar as calças e ter até hoje o rabo estampado na primeira página de um jornal dos anos 90, atrapalhava as contas e o seu peso de 50 por cento no acesso ao ensino superior ainda piorava o cenário. Por outro lado, a minha mãe, sempre atenta, recordava-me de forma discreta que os dois jornalistas que tanto gostava de ver eram ambos advogados, uma opção que me deixaria mais portas abertas no futuro.

No meio de tantas contas, entrei para Geografia, podia ir para a Covilhã para Comunicação Social e decidi de véspera fazer provas de acesso para Direito, opção que viria no final da minha lista de candidatura que, naquela altura, vivia de bonificações em função das prioridades. Podia ter entrado em qualquer uma destas opções, invertendo a ordem, mas queria Comunicação Social em Lisboa e fiquei à porta.

Decidi escolher Direito. Um ano inteiro de aprendizagem, perdida em livros com mais páginas do que o velhinho dicionário lá de casa, onde o meu pai me obrigava a mergulhar à procura de qualquer significado ou conceito, desde que aprendi o abecedário. No final desse ano, acabaram-se as dúvidas: queria ser jornalista.

Sem ter feito provas de acesso, a UAL estava no topo na área da Comunicação Social. Tinha dos primeiros cursos de Ciências da Comunicação no privado, estúdios modernos de televisão e de rádio, bons professores na área da imprensa.

Os meus pais apoiaram, mais uma vez, a mudança, até porque na altura tinha já arranjado um emprego porque queria ser independente, como jurava a pés juntos, e não temeram que me deixasse seduzir pelo dinheiro. Lembro-me do olhar desconfiado do meu avô Belmiro, que se enchera de orgulho por pensar que teria uma neta advogada e do sorriso descontraído da minha avó Adelaide, que sabia, sem que precisasse de dizer-lhe, onde eu sonhava chegar.

O meu avô Henrique continuou a partilhar comigo, a única neta interessada no assunto, todos os livros de política que acumulou ao longo da sua atividade autárquica e não fez comentários sobre as minhas escolhas, até porque sabia que não vestíamos a mesma cor. Sei, porém, que alimentava a esperança de que, com o avançar dos anos nos aproximássemos e, no fundo, creio que até achava alguma graça às discussões teóricas que tínhamos quando o visitava já doente.

Durante os quatro anos do curso, trabalhei na gestão de eventos ligada ao que se chamavam na altura *desportos radicais*. Parte orgulhosa de uma *Geração Rasca* que, apesar de

tudo, nunca perdeu o norte, estava pendurada num *slide* a 300 metros de altura quando o meu irmão me telefonou a avisar que me tinha ligado um senhor de *A BOLA* para ir estagiar e que devia, naturalmente, ser engano, dado que eu pouco ou nada ligava ao futebol. Riu-se quando disse que ia aceitar e testou os meus poucos conhecimentos, divertido e não me augurando grande futuro.

Mas não era engano. Era mesmo de *A BOLA* e aceitei sem pestanejar.

Tinha enviado um currículo, salvo esteticamente pela minha amiga Patrícia, cujas *mãos de ouro* deram dignidade aos meus trabalhos da faculdade, e, de repente, abriram-se as portas de um admirável mundo novo.

A partir daqui as peças começaram a encaixar-se.

Muito do que aprendera até então, sobretudo na universidade, foi usado a partir desse momento, mas outro tanto, ou mais, foi descoberto com maior ou menor facilidade, com a ajuda de profissionais exemplares com quem tive a sorte de me cruzar, numa área em que poucos tinham formação académica. Os velhos jornalistas faziam-se do jeito para escrever, dos contactos nos clubes, com diretores, massagistas – isso dos fisioterapeutas é uma coisa muito moderna –, dos jogadores que paravam à porta dos estádios para dois dedos de conversa enquanto fumavam um cigarro.

Fui sempre a “miúda” no meio dos homens do desporto, a que gostava de contar histórias e fazer reportagens sobre temas que “saíam da caixa”, a que gostava de escrever sobre coisas fora da competição.

Este relatório de atividade profissional pretende ser uma viagem pela minha carreira de mais de 25 anos na área da Comunicação, onde já tive diferentes funções e desempenhei muitos papéis.

Ao longo destes anos, fiz vários cursos, *ateliers*, *workshops*, fiz voluntariado com seniores, dei aulas, tive aulas, escrevi e publiquei três livros, e fiz meses de pesquisa para um deles.

As viagens são uma das minhas grandes paixões e a minha profissão permitiu-me correr Mundo e visitar locais que dificilmente imaginaria. Neste relatório, proponho-me fazer uma análise que me permita trabalhar sobre a visão que os jornalistas têm sobre a linguagem inclusiva e neutra. Sobretudo, na área do desporto em que o *fair-play* é bandeira, em que nenhuma fronteira, seja esta de que natureza for, deveria existir.

Em conversa com o Professor Bruno Reis, brincávamos com a minha “inquietude” e, se calhar, essa é uma das palavras que melhor define a minha forma de olhar para o Mundo.

Um Mundo que vejo à minha maneira, claro, mas onde tento sempre colocar-me no lugar do outro. As minhas fronteiras são simples: nunca escreverei nada sobre alguém que não gostasse de ver escrito sobre mim. Mas que continuo a querer mostrar como é o Mundo aos que não o podem ver e que acredito ainda que pode ser um lugar melhor e mais justo.

Talvez seja ingenuidade, sim, já consigo ver cores, mas o preto e o branco estão sempre lá.

Apesar de só agora ter regressado à universidade, nunca parei de estudar e, muito menos, de aprender.

2. *As miúdas da redação*

Estava pendurada no teto de um hotel, pronta a lançar-me para o vazio agarrada a uma corda, quando o meu irmão me telefonou a dizer que me tinham chamado de *A BOLA* para um estágio. Riu-se do outro lado, digamos assim, para ser simpática e não fazer figura de tonta, e perguntou-me: “Vais?!” Claro que ia! Percebia pouco ou nada de desporto, mas gostava de fórmula 1, ténis e surf. Colecionava – tão típico da minha geração – calendários com os pilotos e os circuitos e sabia de cor os nomes das equipas e as marcas dos carros. Lembro-me da primeira vitória do malogrado Ayrton Senna no Estoril. “Deve ser suficiente”, pensei, arrependida de *A BOLA* ser dos poucos jornais que não lia entre os que havia lá por casa.

Cheguei no dia 1 de novembro de 1996 à velhinha Travessa da Queimada, juntamente com mais cinco estagiários. Tínhamos pela frente quatro meses para mostrar o que valíamos e dois de nós seriam escolhidos para continuar. Demo-nos sempre bem, acho que nunca pensámos que estávamos a competir. Lembro-me bem das primeiras coisas que ouvi: “Se fizeres um texto e não o publicarem, deves ficar preocupada”.

Integrados nas Modalidades, ou seja, todas as competições que não são futebol, parecia-me a seção perfeita. Ao fim de uma semana, marcaram-me um serviço. Finalmente, o primeiro! Domingo, 9.00 horas, uma prova de *dressage*. Gelei, mas não me desmanchei. Que raio seria *dressage*?! Fui para casa, sem internet ainda que naquela altura era coisa que não existia, à procura daquele palavrão no velho e gordo dicionário cor de laranja e nas coleções de enciclopédias que se acumulavam nas estantes. Pouco esclarecida, mas mais confiante, apresentei-me no hipódromo antes ainda da hora marcada. Passei um dia inteiro ao lado de um

senhor de 87 anos que era, na altura, provavelmente, o único jornalista no país que percebia de provas de cavalos. À chuva, inebriada com o cheiro dos animais e dos seus excrementos. Ao final da tarde, já noite escura, usei o meu telemóvel para ligar para o jornal e perguntar se podia ir-me embora. O editor, um homem gigante, antigo jogador de basquetebol, com uma voz proporcional ao tamanho, nem se lembrava que eu lá estava... Não escrevi, não publiquei.

Durou pouco o meu medo, apesar daquela frase latejar na minha cabeça. Rapidamente, percebi que não era uma modalidade prioritária e que o problema não era meu, que aquilo tinha sido um serviço em que era apenas preciso estar lá *A BOLA*, a marcar presença, para dignificar o evento.

Apesar de sermos estagiários rapidamente começámos a produzir textos, sob a supervisão de dois jornalistas com estilos opostos. António Simões, o editor chefe, para quem as regras eram feitas para transgredir, e Martins Morim, para quem as regras eram uma cartilha inviolável. Tentámos os seis novatos, qual equilibristas, encontrar o nosso caminho, uma tarefa complicada, como é fácil de imaginar. Um dia tínhamos “asas nos pés e destruíamos sonhos”, no outro “vencíamos e estávamos na fase seguinte da ronda de qualificação”.

No dia 10 de novembro, publiquei o meu primeiro texto (anexo 1), levada pela mão de um jornalista sénior, o José Lopes, responsável pelo andebol, apesar do seu estatuto de colaborador. Aliás, nessa altura *A BOLA* tinha vários colaboradores e correspondentes para todas as modalidades e cantos do país e do Mundo.

APOIO DO PÚBLICO FOI IMPORTANTE

VOZES AFINADAS NA LUZ

O pavilhão Borges Coutinho abriu ontem as suas portas a uma assistência numerosa que, de bandeiras na mão e voz afinada, *torceu* durante todo o encontro pela vitória do Benfica.

O resultado favoreceu a equipa da casa, mas a vantagem de sete golos obtida em Lisboa esteve longe de deixar tranquilo o técnico Ângelo Pintado. Na opinião do treinador, o Benfica não se apresentou no seu melhor.

«Apesar da vitória, não gostei do jogo», afirmou. «A equipa não jogou bem e perdeu em colectivismo. Rematou muito a nível individual e de forma fantasiosa.» Em relação aos adversários do Sittardia, confessou-se surpreendido com a defesa. «É uma equipa muito forte, fecha-se bastante e não arrisca muito a jogar fora dos seis metros», avançou.

O treinador dos holandeses, Bosse Johansson, considerou, por seu lado, que se assistiu a um bom jogo, embora os seus jogadores não tenham estado muito bem: «Os adversários eram jovens e o ataque da minha equipa não foi lá muito bom», justificou o técnico, que tem nacionalidade sueca.

EDITE DIAS

Havia três mulheres da redação de um dos mais históricos e tradicionais jornais do país, orgulho do seu lema “Mais do que um jornal, uma instituição” e “Mais do que um jornal, uma paixão”, num universo de, talvez, 100 homens. Agora tinham chegado mais “três miúdas”, como nos chamavam. O José Lopes achou piada à minha ignorância quase total sobre a modalidade e ensinou-me tudo pacientemente. Passou a ser também a “minha modalidade” e não mais abandonei esta paixão. Pela sua mão, comecei a fazer jogos, a gostar e a conquistar o meu espaço na modalidade e no jornal.

Ao fim de quatro meses, a direção de *A BOLA* achou que devia ficar com os seis estagiários e passámos a receber. Um salário, a recibos verdes, claro, mas pagavam-nos por aquilo que tanto gostávamos de fazer!

Em agosto, 10 meses depois de ter entrado no velho prédio pombalino do Bairro Alto, saí pela primeira vez como enviada-especial, durante três semanas (anexo 2).

Dois torneios de pré-época do ABC de Braga, a equipa campeã nacional de andebol, que me obrigaram a percorrer mais de 10 cidades francesas, com um *kit* para montar e desmontar telefones fixos, através dos quais deveria “enviar serviço” diariamente.

Felizmente, fiz esta estreia fora de portas integrada na comitiva minhota e nunca me senti sozinha. Estraguei telefones em hotéis, dia sim, dia não. Os malditos dos *crocodilos*, que pareciam os cabos de reanimar baterias de automóveis, mas em ponto pequeno, e as linhas telefónicas eram um verdadeiro pesadelo para uma miúda pouco dada às tecnologias daquele tempo. Sobrevivi e nunca falhei um envio, apesar da quantidade de aparelhos que desgracei por aquela França fora.

A BOLA

ABC EM FRANÇA

TORNEIO DE ESTRASBURGO

Grupo A
Pavilhão Robertsau
ABC
CRETEIL
BUDAPEST
SELESTAT

Grupo B
Pavilhão Tivoli
GROSSWALSTATT
CHAMBERY
ASTRAKHAN
STRASBOURG

Programa — Grupo A
27-8-97 (quarta-feira)
18 h ABC-CRETEIL
20 h BUDAPEST-SELESTAT

Os torneios de Estrasburgo e Paris serão as últimas da preparação dos campeões nacionais

NOVE JOGOS MUITO A SÉRIO

Reportagem de **EDITE DIAS**
Enviada-especial de «A BOLA»

ESTRASBURGO — O ABC prepara-se uma vez mais para participar no torneio internacional de andebol George Marrane, em França. Mas antes disso um outro desafio espera os bracaraenses por terras gaulesas: o torneio de Estrasburgo. Duas provas que constituem a derradeira etapa na preparação dos campeões nacionais para a nova temporada.

O prestígio internacional do Académico de Braga trouxe de novo os académicos-

partida, um elevado nível de qualidade à prova gaulesa. Como curiosidade refira-se

renses vão encontrar o seu antigo companheiro, Dragos Dobrescu, o central romeno que esta época se transferiu para o clube anfitrião.

Também Aleksander Donner, o técnico da formação nacional, poderá ter oportunidade de defrontar um dos clubes que orientou antes de ir para Portugal, o Dinamo de Astrakhan.

Mas se nesta prova o confronto entre portugueses e russos não passa de uma hi-

acontecer no compromisso seguinte — Torneio George Marrane —, onde a sorte ditou que ABC e Astrakhan ficassem incluídos no mesmo agrupamento.

Depois das exhibições em Estrasburgo, que terminarão no próximo sábado, a comitiva seguirá até Paris, onde inicia no primeiro dia de Setembro a sua quinta participação no Torneio George Marrane.

Esta é a 22.ª edição de uma prova que os académicos-

Creio que este teste marcou definitivamente a minha afirmação na redação. Continuei a ser a “miúda”, mas, aos poucos, os *senhores* jornalistas começavam a olhar para nós com mais respeito e a habituar-se à nossa presença. Até o *durão* chefe de redação, Joaquim Rita, começou a ceder. Em *A BOLA*, tradicionalmente, esta foi sempre a figura com mais peso, não o diretor.

Lá fora, na rua, nas entrevistas, nas reportagens, sentia que o respeito também ia aumentando. Pelo trabalho que produzia, espero eu, e também porque começar a carreira num órgão de comunicação social reconhecido além-fronteiras ajuda seguramente. Toda a gente gostava de aparecer em *A BOLA*.

Conheci o Mundo com o jornal *A BOLA*. Com o andebol primeiro e depois com outras modalidades (anexo 3). Conheci pessoas no Mundo inteiro e não mais parei. Houve períodos em que saía como enviada-especial duas a três vezes por mês e mal tinha tempo de regressar a casa para mudar a roupa da mala. Estive nos locais mais inóspitos do planeta, em aldeias que nem no mapa apareciam, sobrevivendo apenas do lado de lá do Bloco de Leste e nas capitais mais bonitas da velha e presunçosa Europa.

Mas, além da competição e do desporto, fui sempre inquieta com as histórias e as pessoas e isso iria valer-me passar de “miúda” à “miúda dos aflitos e das minorias”.

3. *Gays, ciganos e estórias*

Com tantas viagens, não tardou a que percebesse que, afinal, com o desporto também podia ajudar o mundo e contar histórias diferentes dos protagonistas das vitórias e das derrotas.

As causas que me tinham feito sonhar que podia ser uma justiceira continuavam vivas e compreendi que, talvez, pudesse fazer a diferença num mundo que, basicamente, se resumia à frieza de quem ganhava e quem perdia, às contas das qualificações, aos golos e aos erros de arbitragem (anexo 4, anexo 5).

Em 2001, convenci o meu diretor, Vítor Serpa, o histórico diretor de *A BOLA*, a deixar-me escrever a história de uma atleta que tinha sido despedida com justa causa depois de ter engravidado. Mais ainda, embora ele estivesse bastante mais reticente em relação a este aspeto, expliquei-lhe que bom mesmo era publicar uma foto gigante de uma barriga de nove meses com o título: “Grávida? Não, obrigada” (anexo 6).

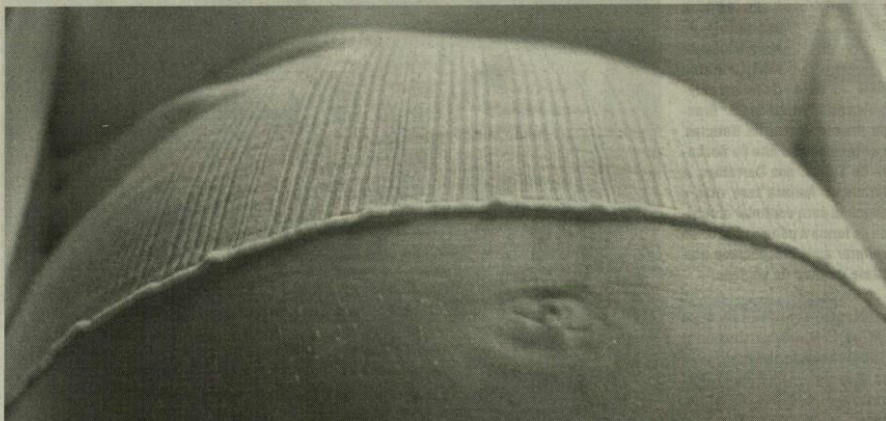
ANDEBOL

O DESPEDIMENTO COM JUSTA CAUSA DE UMA ANDEBOLISTA QUE ENGRAVIDOU AGITOU OS ESPANHÓIS

Grávida? Não, obrigado

Por EDITE DIAS

E se fosse despedida porque engravidou? Ou se isso acontecesse à sua filha ou mulher? Parece impensável nos dias de hoje em que as questões da igualdade e dos direitos da cidadania são bandeiras hasteadas por quem se orgulha de viver nas democracias do século XXI. Porém, há menos de um mês, uma rapariga de 26 anos foi despedida porque engravidou e acatou serenamente a decisão que, aliás, constava no seu contrato de trabalho. A rapariga é ju-



Hesitou bastante, porque *A BOLA* era um jornal tradicional onde se publicavam apenas fotografias de desporto ou atletas, mas lá aceitou.

No ano seguinte, venci pelo cansaço o chefe de redação António Magalhães e publiquei duas páginas sobre o fenómeno dos transsexuais no desporto, o que, em 2002, num jornal como *A BOLA* era, mais uma vez, olhado de lado e fez torcer o nariz a muitos seniores. “E se, afinal, ela fosse ele?” era o título, ilustrado com duas fotografias dos ídolos heterossexuais da altura - a tenista Anna Kournikova e o futebolista David Beckham - e sustentado com a opinião de advogados e médicos (anexo 7).

ACTUALIDADE



TRANSEXUAIS NO DESPORTO

DUMARESQ E ABADE, OS CASOS MAIS RECENTES

Bicicletas e o futebol

A Áustria recebeu, há uma semana, o Mundial de BTT, com todos os olhares centrados numa das ciclistas do Canadá, Michelle Dumaresq, e nos seus 1,82 metros e 90 quilos. Não foi a envergadura que despertou a curiosidade sobre a atleta de 32 anos, mas sim o facto de, até há seis anos, Michelle ser Michael e ter, naturalmente, tudo aquilo que distingue um homem de uma mulher. As colegas de equipa recusam-se a falar com ela e enviaram mesmo uma carta à UCI, pedindo que não autorizasse a participação de Michelle que, aos 25 anos, se submeteu à cirurgia que lhe daria uma nova identidade, reconhecida legalmente na certidão de nascimento. «O passado masculino dá-lhe vantagem física na competição. Porque não criam uma categoria para transsexuais onde possa competir? Não é justo!», exclamam as colegas. Os resultados vitoriosos nada têm a ver com o facto de, durante 25



Michelle Dumaresq

transsexual é apenas uma parte da minha história. Sou uma mulher, ciclista e bastante boa. Os transsexuais têm os mesmos direitos que o resto das pessoas e isso também se aplica ao desporto.» Na Nigéria a federação de futebol veio a público dizer que vai patrocinar a operação de mudança de sexo de Iyabo Abade, 24 anos, a melhor marcador do campeonato interno em 1998, que se converteu numa das principais jogadoras da Seleção Nacional. Abade, porém, escondia um pequeno segredo que

TRANSEXUAL CANADIANO CAUSA POLÊMICA NO MUNDO DO DESPORTO 30 ANOS DEPO

E se, afinal, ela

Por EDITE DIAS

E se, afinal, Anna Kournikova, musa do ténis e do universo masculino em geral, fosse um homem? Ou se um qualquer bota de ouro decidisse mudar de sexo e jogar futebol numa equipa feminina? Estaria em risco a verdade desportiva? Um transsexual tem ou não

reconhecimento médico foi encontrado um pequeno pénis e os testes médicos revelaram que a quantidade de esperma que produz é suficiente para engravidar uma mulher. Nada demoveu a jogadora. «Quero jogar numa equipa feminina. Fui criada como mulher e sou uma mulher, com uma pequena diferença. Os adeptos não se devem esquecer de mim porque o meu problema é apenas temporário», afirmou Abade que



direito a viver a nova identidade e não ser, por isso, discriminado? Estarão as leis dos Homens, em geral, e do desporto, em particular, preparadas para lidar com as novas opções sexuais? Depois de Renee Richards ter chocado o mundo e o ténis, na década de 70, agora é a vez da canadiana Michelle Dumaresq obrigar a União Ciclista Internacional (UCI) a aceitar a participação desta

Paralelamente aos trabalhos fora da agenda, continuei a fazer cobertura de alguns dos mais importantes eventos desportivos nacionais – Campeonato do Mundo de Ralis, Campeonato do Mundo de MotoGP, Torneio de Ténis Estoril Open – e internacionais – Torneio de Ténis de Wimbledon, Jogos Paralímpicos Atenas 2004, Maratona de Londres, Campeonato da Europa e do Mundo de Andebol, Prémios Laureus, etc. (anexo 3, anexo 8, anexo 9, anexo 10, anexo 11, anexo 14).

Durante este período, aproveitei para fazer vários cursos no CENJOR, o centro de formação de jornalistas. Comecei pela rádio por puro prazer, sem qualquer aplicação prática à minha atividade profissional, segui para o fotojornalismo, bastante mais útil em termos práticos. Sobretudo este último foi muito importante para adquirir novas perspetivas e acabaria por ser bastante útil, dado que durante muitos anos em *A BOLA* foram sempre os jornalistas a escolher a imagem que acompanhava o texto. Por outro lado, eram raras as saídas para o estrangeiro ou internas em que um jornalista não fosse acompanhado por um repórter fotográfico e perceber o outro lado da equipa ajudava muito a criar um melhor trabalho final.

Em 2004, vivi um dos maiores desafios profissionais da minha carreira, quando fiz a cobertura dos Jogos Paralímpicos em Atenas (anexo 13).

Cheguei à capital grega convicta da importância do serviço, mas confiante de que era mais uma jornada de praticamente um mês de reportagens. Porém, o que encontrei foi uma

realidade para a qual não estava, minimamente, preparada. Tive a sorte de o jornalista da concorrência que foi fazer a cobertura do evento ser um amigo de infância. A cumplicidade ajudou-nos a superar duras verdades com as quais nos confrontámos. Lembro-me de como nos caíam as lágrimas no dia da cerimónia de abertura. Sentados num vão de escada a ver desfilar milhares de atletas com deficiências mais ou menos óbvias. Felizes. Jurei que não voltaria a queixar-me de ânimo leve. E troquei o sentimento horrível de pena por um respeito proporcional.

No primeiro dia foi natação. Chegámos à piscina de madrugada, com o estômago embrulhado, a desviar-nos de próteses espalhadas por todo o lado, enquanto treinadores deixavam cair na água, quais sacos de batatas, atletas sem braços e sem pernas. Que vidas tão diferentes tínhamos pela frente! Uma nadadora que tinha perdido a perna num acidente; um ciclista que deixou de ter lágrimas, literalmente, depois de 64 dias em coma devido a um acidente enquanto treinava para o Tour; um nadador espanhol, ex-militante da ETA, que ficou com sequelas para a vida depois de uma greve de fome...E tantas, tantas outras histórias, todas diferentes das que conhecia e que foram um murro no estômago e um banho para a alma que não mais esqueci. Escrevi algumas das histórias mais emocionantes e emocionais da minha carreira, creio. Pelo menos, senti-as dessa forma.

Arranjei forma de começar a fazer voluntariado, numa universidade sénior, para partilhar e aprender.

Em 2014, descobri a única equipa federada em Portugal *gay friendly*. Todos homossexuais, exceto um atleta, treinados por uma mulher. Demorei um ano para convencer a direção da altura a deixar-me fazer a reportagem e mais seis meses a frequentar os treinos e a convencê-los a partilharem a história. Foi publicada em 2015, sob o título “Ensaio sobre a homossexualidade” (anexo 12).



Ensaio sobre a homossexualidade

Os primeiros atletas portugueses a 'saírem do armário' jogam râguebi ◉ Equipa dos Dark Horses compete na III divisão e treina em Lisboa ◉ Grupo quer abrir mentalidades

por
EDITE DIAS

râguebi que se distingue pela sua orientação sexual. Escolheram chamar-se Dark

decidiu criar um projeto desportivo semelhante aos que existiam já em Inglaterra e França. Uma

«Vai existindo menos. O facto de figuras públicas, homossexuais ou não, assumirem esta

tem a palavra

TODA A GENTE MENTE

“Toda a gente mente. Não sinto vergonha, agora sinto-me bem gay. Não quero que os jovens se sintam como eu me senti. Quero que saibam que podem crescer, estar bem e serem gays. Têm a reação da minha família e dos meus amigos. Estou feliz por ter dito aos meus pais que responderam que me amavam e me apoiavam

IAN THORPE
nadador olímpico



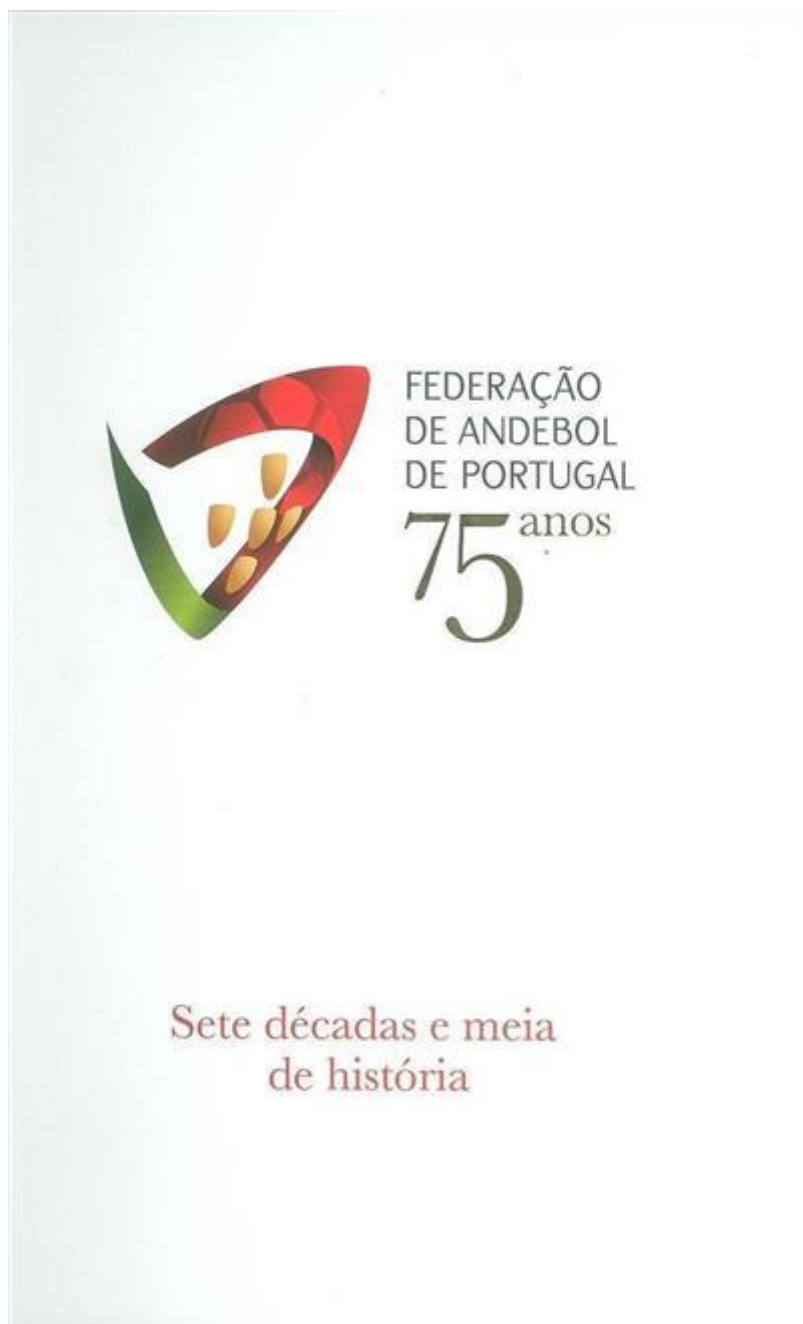
Gareth Thomas numa sessão fotográfica que fez história no sempre conservador mundo do râguebi

Eles abrem as portas do armário

→ Gareth Thomas posou na primeira página com o namorado e revelou como tentou suicidar-se

Gareth Thomas foi dos primeiros atletas a sacudir o râguebi, assumindo-se como

Antes de começar uma nova etapa na minha carreira, a Federação de Andebol de Portugal convidou-me para escrever a história da modalidade em Portugal. Foi um trabalho hercúleo, sem registos ordenados ou organizados, do início do século. Foram horas a ler recortes de jornais debotados, perdidos em sótãos, foram horas a falar com antigos jogadores para construir uma história de 75 anos.



Nesta altura, o diretor de *A BOLA TV*, João Bonzinho, tinha-me convencido a fazer um programa semanal no canal. Não sei até hoje como me deixei levar, mas a verdade é que, durante três anos, produzi e apresentei um magazine semanal de 30 minutos, chamado *Andebola*.

4. *Abriu-se a caixinha mágica*

Em 2017, o mesmo João Bonzinho convenceu-me – a sua capacidade de persuasão é enorme, juro, tanta a paixão que coloca nas suas convicções – a deixar a escrita e passar para o

canal televisivo do jornal *A BOLA*. O desafio era encontrar conteúdos desportivos para a emissão.

Hesitei, muito, mas acabei por aceitar. Precisava de mudar alguma coisa, ao fim de 20 anos, e mesmo sem estar segura de que conseguisse encaixar-me ou ter ferramentas suficientes para o ajudar, mudei.

Depois de dois meses complicados, em que pensei várias vezes que o melhor seria desistir, que não percebia nada da terminologia técnica, estabeleci contactos internacionais, descobri um lado da comunicação que nem sonhava existir. Leis de televisão, publicidade, grelhas de emissão, documentários, *runs*... abriu-se a caixinha mágica.

Ao fim de dois anos, passei a diretora de programas e, no ano seguinte, acumulei com a direção de produção do canal e do jornal.

Nesta altura, o primeiro, e único, piloto português a competir em MotoGP, Miguel Oliveira, convidou-me para escrever a sua biografia, que seria publicada pela Leya. Um novo livro pareceu-me logo interessante, levava-me de novo para as palavras e a escrita e seria um desafio ainda maior do que o primeiro. Como tornar interessante a história de um miúdo de 24 anos, sobre quem está tudo na internet?! Complicado, confesso, mas trabalhámos e conseguimos. Creio.

MIGUEL OLIVEIRA
**NEXT
LEVEL**
44 CURVAS
ATÉ AO MOTOGP

POR
EDITE DIAS

 casadasletras

Ao mesmo tempo, seguia a aprendizagem na televisão. Acho que esta nunca termina, mas é só uma impressão profissional. Enquanto diretora de programas, adquiri vários documentários e séries internacionais, e criei e produzi vários programas novos para o canal, acumulando a apresentação de dois deles: *Chuta na Rede* e *Conversas com*.

<https://www.youtube.com/watch?v=xtEZujAxRtl&t=220s>



<https://www.youtube.com/watch?v=qKJ-IS28WYk>



5. *Digital first*

Já a meio desta aventura que é o mestrado, o impensável aconteceu. O jornal *A BOLA*, propriedade da mesma família há 78 anos, foi vendido a um grupo suíço, a Ringier, em agosto de 2023. Em setembro, iniciou um processo de reestruturação profundo que acabaria com um despedimento coletivo e reduziria os 150 funcionários a 40, pouco mais de metade jornalistas. Um furacão passou no número 23 da Travessa da Queimada e nada mais seria igual.

Em outubro, com o processo de despedimento ainda em curso, chegou uma nova direção, com novas orientações e novos jornalistas e uma mão cheia daquilo a que agora se chama “produtor de conteúdos”. A frase *Digital first* passou a ser o lema numa viragem de 180.º graus daquilo que eram 78 anos de história do jornal.

Site, televisão e jornal são todos produtos de uma plataforma única, *A BOLA*. Mas o papel deixou de ser o mais importante. O *site* é agora quem mais ordena, seguido pelo *social media*. A rapidez de produzir conteúdos antes dos outros e os vídeos são as armas para estar sempre no topo e os *reports* diários sobre desempenho e números de *performance* já são rotina a que tivemos de nos habituar. A pressão passou, também, a ser permanente para que os números batam nos tetos estabelecidos.

No meio deste turbilhão, não fui despedida. Deixei a televisão e regressei ao jornal, quer dizer, ao *site*, onde tudo nasce em poucas linhas e deve seguir, mais tarde, para o jornal. Sou atualmente a coordenadora das modalidades e ainda estou a aprender a viver no mundo digital e nesta velocidade, que consome o tempo. O tempo necessário para produzir um conteúdo, qualquer um, de acordo com os padrões de qualidade que, durante anos, pautaram aquilo que fazíamos. Ficávamos vermelhos de orgulho quando ouvíamos a célebre frase: “Se está n’*A BOLA* é porque é verdade.”

A rapidez com que tudo muda chega a ser inebriante, mas continuarei a aprender.

E lá chegarei.

II

Formação

e

experiência profissional

Uma mudança de 180.º

Comecei a trabalhar em *A BOLA* no dia 1 de novembro de 1996, depois de ter percebido que jornalista de imprensa diária trabalha nos feriados, nos fins de semana, no Ano Novo, no Natal. Instalada no Bairro Alto, dos artistas e dos boémios, carregava consigo um certo romantismo que me encantara na universidade. Há um ano, em 2023, como já salientado, *A BOLA* foi comprada por um grupo suíço que implementou uma política de empresa diametralmente oposta ao que até então vivíamos na imprensa. É caso para dizer que há um AR, antes da Ringier, e um DR, depois da Ringier. Sinto, passado este tempo, que tenho um emprego diferente para o qual ninguém, nem nenhuma universidade nos preparou. Mas também não podia tê-lo feito.

FATORES INTERNOS	
PONTOS FORTES (+)	FRAQUEZAS (-)
Professores jornalistas Formação secundária na área Formação universitária na área Liberdade profissional Cultura dos Enviados especiais A BOLA TV Formação por iniciativa própria	Falta de formação dada pela empresa Atraso tecnológico da empresa

FATORES EXTERNOS	
OPORTUNIDADES (+)	AMEAÇAS (-)
Diversidade de plataformas da empresa Mundo Digital Televisão	Evolução tecnológica da concorrência Falta de hábitos de leitura em papel

MATRIZ DE SWOT SIMPLES

Vamos por pontos.

1. Os mestres e os aprendizes

Sempre tive o gosto pela escrita e creio que imaginei desde cedo que o meu caminho passaria pelo jornalismo. Quando cheguei ao secundário, como já afirmado, o facto de ter tido uma professora de jornalismo com formação na área e no ativo revelou-se determinante. Durante dois anos, as aulas tornaram-se uma pequena redação e a prática imposta pela professora Ana Aranha não só tornava aquilo que podia ser enfadonho bastante dinâmico, como me ajudou a acabar com as dúvidas. Eram poucas as escolas em Lisboa que tinham esta oferta como opção na área de Humanísticas, assim se chamava na altura, mas creio que se revelou uma oportunidade única e decisiva para a minha carreira.

Cumprido o 12.º ano, contudo, Ciências da Comunicação não foi a minha primeira escolha, influenciada pela velha história das saídas profissionais e, provavelmente, porque a profissão não oferecia, na altura, como hoje, sinais de grande segurança. Porém, um ano depois de frequentar Direito, decidi fazer inversão e arriscar.

Naquela altura, a Universidade Autónoma era uma referência na área, como já referi anteriormente, estúdios modernos de rádio e televisão prometiam um curso prático e atraente. Durante três anos, a carga teórica sobrepôs-se ao que esperava. Hoje, a esta distância, percebo o quão importante foi para abrir horizontes e preparar as bases, mas, admito, que me pareceu um caminho com alguns desvios que podiam ser evitados para chegar ao destino final. Cadeiras como Estudos Europeus, Documentalismo ou Estatística podiam ter sido substituídos por cadeiras mais vocacionadas. É importante, contudo, salvaguardar que o curso era um ramo comum para Relações Públicas e Publicidade, o que pode justificar certas opções. Quando cheguei ao 4.º ano, porém, tudo mudou. Os ateliers de rádio e televisão foram excelentes. Nunca esquecerei o professor Vítor Nobre que despertou em mim uma paixão desconhecida pela rádio, curiosamente, a única vertente que não explorei profissionalmente e para a qual ele sempre achou que estaria talhada por causa da voz. Recordo com um sorriso a falta de jeito para a televisão, as intermináveis vezes que tive de repetir até conseguir ler com o rigor exigido na altura a um *pivot* uma *simples* notícia dos números do totobola. Essa prática permanente permitiu a alguns colegas seguirem com sucesso esse caminho e serviu-me, mais tarde, para a experiência como apresentadora.

Foram, contudo, as aulas do professor Adelino Gomes que mais me marcaram e, imagino, que a muitos daqueles que tiveram a sorte de ser seus alunos. Mais uma vez determinante, na minha opinião, não só a sua inquestionável qualidade como jornalista, mas,

sobretudo, essa experiência de quem exerce para melhor explicar, enquadrar, ensinar, guiar. Foram esses momentos, essas discussões, essas formas diferentes de abordar os factos que nos prepararam melhor para aquilo que nos esperava numa redação. Criámos um jornal em papel, tínhamos reuniões, discutíamos, dividíamos e partilhávamos, se calhar, mais até do que em muitas redações.

Nas contas do deve e haver, o saldo é positivo, sem dúvida. Uma oportunidade para agarrarmos. A vida académica deu-nos Mundo sem sabermos, mas nunca nos prepara verdadeiramente para o que vamos encontrar.

2. *Liberdade*

Foi com o sonho intacto que entrei no jornal *A BOLA* e a ilusão criada pela universidade. A qualidade da escrita em *A BOLA* sempre foi elogiada e cobiçada pela concorrência e era uma enorme responsabilidade. São inúmeros os jornalistas, sobretudo os mais antigos, que se tornaram nomes reconhecidos no meio jornalístico. É frequente ouvir e ler várias figuras públicas de outras áreas a dizer que “aprenderam a ler com *A BOLA*”.

Ninguém no jornal deu muita importância à universidade de onde vínhamos, eu e os cinco estagiários que começámos no mesmo dia. Para todos, a primeira aventura profissional como jornalistas.

Por norma, os grandes órgãos de comunicação social têm aquilo que chamamos “Livro de Estilo” onde estão descritas as normas e regras que devem aplicar-se aos diferentes géneros. Regra geral são questões mais formais, mas não só. O “Livro de Estilo” do jornal PÚBLICO é um documento que muitos jornalistas usam como referência. Em *A BOLA*, o antigo diretor, Vítor Serpa, escreveu um “Livre de Estilo” onde a liberdade de escrita e criatividade é oferecida a todos os profissionais do jornal. Eu, por exemplo, sempre tive liberdade para propor e escrever sobre todos os temas, escolher ângulos de abordagem que melhor se adequassem ao tema que queria tratar, mesmo que este, naturalmente ligado ao desporto, fosse “fora da caixa” e de pouco habitual tratamento nos tradicionais órgãos de comunicação social. Fosse a transexualidade no desporto (cujo primeiro trabalho foi publicado em 2001), numa altura em que as causas sociais ligadas a direitos humanos e diferentes liberdades não estavam na agenda mediática, seja, por exemplo, uma entrevista com a primeira equipa *gay friendly* federada em Portugal.

3. Os enviados-especiais

A *BOLA* tem uma longa tradição de acompanhamento editorial das grandes provas desportivas internacionais, sobretudo onde e quando há atletas portugueses em ação. Essa estratégia de colocar enviados especiais em qualquer parte do globo manteve-se ao longo dos anos e permitiu aos jornalistas de *A BOLA* uma experiência da qual poucos possam orgulhar-se. Mesmo com correspondentes espalhados pelos cinco continentes, o jornal nunca deixou de enviar repórteres da “casa” a grandes eventos como mundiais e europeus de futebol, Jogos Olímpicos, o *Tour*, a *Vuelta* ou *Grand Slams* de ténis. Ao longo de 25 anos, tive oportunidade de estar em grandes palcos como os Jogos Paralímpicos, em Atenas-2004 (anexo13), ou o Torneio de Ténis de Wimbledon (anexo 14), bem como em pequenas aldeias ou cidades como Cetinje, agora parte do Montenegro, mas antes ainda encravada na Sérvia onde os carros circulavam sem matrícula e o único hotel que resistiu à guerra tinha apenas um funcionário. Ou Sarajevo e as suas lágrimas (anexo 15). Apesar das dificuldades, óbvias, de trabalhar, as dezenas de viagens feitas como enviada-especial permitiram uma visão do Mundo e das diferentes realidades sociais e desportivas que inevitavelmente seriam capitalizadas a favor do produto final jornalístico.

Surpresa quando alguém, na pequena aldeia búlgara de Veliko Tarnovo (anexo 16), sabe dizer palavras em português? Nem tanto, quando à resposta de que somos de Portugal, recebemos um retorno sonoro e de sorriso aberto: “Eusébio, Figo, Ronaldo!” Como num enclave curdo na Turquia (anexo 17).

A força do desporto é incomensurável seja em que local for e a marca *A BOLA* acompanha essa dimensão em muitos momentos. Seja através de um simples telefonema da redação para aceder a uma qualquer informação ou declaração, seja fora de território nacional, a reverência acaba quase sempre por surgir de forma mais ou menos explícita. Se transpusermos este cenário para locais de implantação de comunidades portuguesas, o impacto é ainda maior e toda a gente tem uma história para contar a *A BOLA* ou aceita falar ou tirar fotografias.

Este peso institucional de um jornal de 78 anos é inquestionável, apesar do aparecimento de muitos outros órgãos de comunicação social, seja em que plataforma for.

Não foi por acaso que viajei até à Suíça em 2013 para entrevistar, provavelmente, o maior tenista de sempre, Roger Federer, com um convite feito por uma marca que elegeu um único meio de comunicação social de cada país europeu. Um ano antes, visitei o Centro Tecnológico

de Operações dos Jogos Olímpicos de Londres -2012, na capital britânica, após um convite solitário para um jornal desportivo nacional. A *BOLA* voltou a ser o meio eleito.



Já ligada ao canal de televisão *A BOLA TV*, tive a oportunidade de ser convidada para um Fórum Mundial de Media na Arábia Saudita (2023) onde era a única jornalista portuguesa entre milhares de representantes do Mundo inteiro.

4. Uma imagem e mil palavras

Ao longo do meu percurso na imprensa, senti necessidade de perceber melhor o outro lado que diariamente nos acompanha: a fotografia. Esta poderia ter sido uma área abordada com mais profundidade na universidade, por exemplo. Não me recordo de ter falado na importância que os repórteres fotográficos têm num trabalho completo. Podia perder horas, dias, meses ou talvez anos no arquivo fotográfico que *A BOLA* possui. Houvesse tempo e disponibilidade e tantas histórias saíam da gaveta, contando o desfiar dos feitos e tragédias desportivas, mas ao mesmo tempo enquadradas na sociedade que os viram acontecer.

Durante anos, na redação do jornal, eram os repórteres que escolhiam e enquadravam as fotografias que acompanhavam as peças que escreviam, sem que tivessem qualquer conhecimento válido de fotografia, que não fosse a experiência e um conceito estético de valor mais ou menos duvidoso.

Decidi, por minha conta e risco, perceber como funcionava esse mundo da imagem e encontrei no CENJOR uma porta aberta para continuar, ou melhor complementar, a formação académica e profissional. Foi um prazer e mais uma descoberta que apenas serviu para confirmar aquela velha máxima de que uma *imagem vale mais do que mil palavras*, embora, eu prefira achar que a excelência é mesmo “uma imagem e mil palavras”.

5. A BOLA TV

Depois da fotografia, continuei à procura. Fiz um atelier de imprensa e um de rádio, ambos nos CENJOR, ao mesmo tempo que continuava a agarrar todas as oportunidades que o jornal me dava. Em 2012, nasceu A BOLA TV, uma televisão que pretendia ser o espelho do que de melhor se fazia no jornal. A força de bloqueio das operadoras detentoras do maior concorrente (Sport TV) não ajudou, mas a perseverança ofereceu uma nova oportunidade aos jornalistas da casa que quiseram aproveitá-la, podendo contactar com uma realidade para a maioria estranha. Para mim, que aceitei o repto, foi um desafio enorme, mas que acabou por me dar conhecimentos e experiências que dificilmente teria de outra forma. Durante três anos, produzi e apresentei um programa semanal direto, que é um trabalho sem rede que inevitavelmente nos obriga a crescer e a enfrentar a dura realidade de perceber para o que estamos ou não preparados. Aquelas aulas da universidade deram uma ajuda, mas já tinham passado largos anos. Percebi rapidamente que havia muito para aprender e ainda mais para trabalhar para poder crescer profissionalmente. Contactos internacionais, questões tecnológicas, realidades legais com direitos de transmissão e tantas outras áreas que são fundamentais para que o espetáculo aconteça todos os dias quando se carrega no botão do comando (anexo 18).

Quando passámos a ter no grupo um canal de televisão, a ideia foi desde o início criar uma redação própria, mas para a qual contribuiriam os redatores do jornal. Um processo que não foi fácil, naturalmente, mas sobretudo em que muitos sentíamos falta de preparação. Não sabíamos escrever para televisão, não tínhamos à vontade frente às camaras, muitos nunca tinham sequer pegado num microfone. Fui das primeiras pessoas da redação do jornal a ter de fazer diretos. Foi o diretor da televisão, também ele saído da redação do jornal, que me deu os melhores conselhos que ele próprio conseguia imaginar. Nunca senti, naturalmente, segurança a fazê-lo e acabou por ser o tempo, o visionamento comparativo com outros colegas, que me permitiu ir aperfeiçoando, mas, obviamente, longe do que seria esperado de um profissional de televisão.

6. O digital

A evolução frenética das novas tecnologias era algo para que nenhuma universidade no século passado estava preparada e, talvez nem hoje, tal é a rapidez com que a mudança acontece. Quando saí da UAL, não havia internet como hoje a conhecemos, por isso, seria impossível estar preparada para tamanha revolução.

Apesar de pertencer, provavelmente, à geração que mais teve de adaptar-se às mudanças impostas pelos avanços tecnológicos que começaram devagar no final do século XX a invadir a área laboral e que se desenvolvem à velocidade da luz no século XXI, a realidade é que este processo foi quase sempre feito de forma solitária.

Os primeiros passos da internet, as possibilidades que este admirável mundo novo, as ferramentas de pesquisa, foram quase todas adquiridas de forma autodidata.

E esta debilidade não era apenas sentida nas oportunidades que pareciam escapar-se-nos por entre os dedos na construção dos conteúdos, era visível em outras situações, como, por exemplo, na questão do envio dos artigos quando estávamos fora da redação. Arranquei, literalmente, dezenas de telefones em hotéis mais ou menos chiques por essa Europa fora, sempre que era preciso enviar serviço nos primeiros tempos de trabalho. Saíamos de Lisboa com um *kit* onde constavam cabos pequenos que pareciam os que uso para pôr uma bateria a funcionar. Tínhamos de ligar os “crocodilos” até hoje não sei bem onde... Sem internet, por processos analógicos, discando 0, discando o 1, trocando fichas “rita” de faxes e telefones. Na maioria das vezes por tentativa e erro, até conseguir depois de estragos mais ou menos aparatosos nas instalações telefónicas. Recordo uma viagem à Macedónia, em 1998, em que tive de deitar-me debaixo do balcão da receção de um hotel para ligar uns cabos de forma que o serviço fosse “puxado” e não enviado. Paguei 70 contos (qualquer coisa como 350 euros) pelo facto de estar a usar uma linha telefónica. Outra vez em Israel, cheguei a suar à receção do hotel, temendo que descobrissem o estado em que estavam os cabos do telefone do quarto, com uma disquete na mão a pedir que me deixassem enviar o serviço. Impossível, por questões de segurança, autorizar que colocasse uma disquete no computador da receção. Já sem telefone fixo no quarto, não me restou alternativa a não ser usar o telemóvel para ditar uma página de texto, que imagino, não tenha saído barata.

7. *As redes muito pouco sociais*

Tudo é mais difícil numa sociedade de imediatismo onde tudo é para ontem e uma notícia com uma hora já é velha e já toda a gente viu nas redes, nos *sites*, nas televisões.

A *BOLA* possuiu um dos *sites* mais poderosos e com mais visualizações no Mundo lusófono, batido apenas pelo brasileiro Globo. Isto significa um mundo de oportunidades, em termos editoriais. Mas nenhum jornalista está preparado para esta avalanche de informação que chega das redes e que é preciso reproduzir.

Mais uma vez, não havia forma ou fórmula académica capaz de nos preparar para isto e creio que a maior parte das empresas de comunicação social também não estava preparada para este *boom* digital. Os mais interessados no assunto partilhavam o que sabiam e assim fomos todos crescendo, a uma velocidade estonteante e difícil de acompanhar. O segredo era não ser engolido na ansiedade de estar sempre pronto. Este imediatismo é inimigo do jornalismo, como ele deve ser na sua essência. Não há tempo para verificar factos, confirmar fontes, procurar o contraditório.

Hoje vivemos na ditadura do *clickbite*, os jornais perderam importância e muitos continuam a existir na sua versão impressa porque são pontos de publicidade. É mais barato ter 10 mil jornais em outros tantos pontos de venda do que fazer uma campanha de marketing a nível nacional.

Procurei ganhar ferramentas para acompanhar este mundo digital. Fiz um curso de marketing digital, outro de produção de conteúdos digitais, outro de social media e ainda outro de publicidade nas redes. Tudo para saber como mover-me nesta área. Antes ainda do furacão chegar a *A BOLA*, ainda me encantei por uma formação em *storytelling*.

Como sabemos, um grupo suíço comprou o mais tradicional dos jornais desportivos portugueses. *A BOLA* passou de ser o último jornal do Bairro Alto dos ardinas para uma marca com várias plataformas onde o lema é *digital first*. Pelo caminho ficaram dezenas de profissionais por “inadaptação” sem que tenham sequer percebido como foram derrubados pela revolução digital para a qual ninguém os preparou.

Sobrevivi, até quando não sei. Mas sei que o jornalismo está muito diferente. Que a ilusão com que saí da universidade e entrei num diário, trago-a ainda comigo, mas que é agora muito mais difícil de manter viva. Falta-nos tempo para aprender e apreender.

III

É menina!

“Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.”

Ludwig Wittgenstein

1. Introdução

Quando cheguei à redação do jornal *A BOLA*, no final do século passado, contavam-se pelos dedos de uma mão, e sobravam, as mulheres na redação. Lembro-me bem da surpresa com que um diretor de um clube desportivo, sem filtros, olhou para mim, no dia em que me conheceu depois de várias conversas telefónicas, após a primeira entrevista que lhe fiz, me disse: “Sabe que eu pensava que devia ser lésbica? Não há muitas mulheres no desporto.” Ele queria dizer no jornalismo de desporto.

De facto, não havia, ao contrário do que se passa hoje, em que, sobretudo, nas televisões há cada vez mais mulheres *pivots* nos programas de desporto. O tempo dirá, e não este estudo, se a razão desse aumento tem a ver com o maior número de mulheres a sair das universidades, com a necessidade de alguma representatividade de género, com o aumento de atletas femininas no desporto federado ou se há uma qualquer outra razão, obscura ou preconceituosa, que tenha de ver com audiências a ditar as novas oportunidades. Ao longo destes 28 anos, não tenho memória de uma produção com atletas homens vestidos com roupa casual, mas recordo várias em que tirámos os equipamentos a atletas, as maquilhámos e lhes calçámos saltos altos.

Nos Jogos Olímpicos de Paris-24 vamos assistir, pela primeira vez na história do maior evento global de desporto, à igualdade em número de participantes masculinos e femininos, e poderemos ver pares masculinos a competir na natação artística, antes denominada sincronizada, modalidade até agora interdita aos homens. Em Tóquio-20, foi permitida pela primeira vez a participação de uma mulher *trans* e uma comentadora da Sports TV brasileira relatou um jogo de futebol referindo-se a um elemento da equipa canadiana que disputava o torneio feminino como “elu”, explicando que este era o pronome pelo qual a atleta não binária gostava de ser tratada.

Os meios de comunicação social mostram tendência para referir certas qualidades das atletas que se associam ao género normativo e que reforçam a dominação masculina, usando uma abordagem e uma linguagem pouco inclusivas. O polvo que ameaça tornar-se a Inteligência Artificial (IA) vai colocar em causa muitas funções e na área dos *media* não será diferente. Pode esta ser uma ferramenta para trabalhar a inclusão? Ou assistiremos ao seu contrário, numa espécie de perversidade do sistema? O primeiro profissional de *media* criado pela IA, curiosamente, foi uma jornalista/apresentadora cuja atividade nas redes sociais rapidamente baralhou o palco da realidade e a ficção. Em Portugal, o *Jornal I* produziu e publicou uma edição completa feita com Chat GPT e o canal norte-americano Chanel 1 promete

uma emissão televisiva completa com conteúdos produzidos com IA e apresentados por *pivots* com a mesma origem.

O jornalismo desempenha um papel crucial na formação da percepção do público sobre os atletas e os seus desempenhos e o uso da linguagem podem perpetuar preconceitos ou promover a neutralidade. Os *media* são responsáveis pela divulgação, mas também criam e moldam percepções, comportamentos e sentimentos. Vários autores, como Segrave (1994), Santoniccolo, Trombetta, Paradiso & Rollè (2023), Khomutova & Channon (2015), Karen & Washington (2015), Greenwood, Caple & Lumby (2010), Katherine (2016) demonstram que os meios de comunicação da especialidade tendem a retratar o desporto associado à virilidade e à competição, no fundo à masculinidade, o que dificulta a prática de atividades que não se apresentem condizentes com o género biológico do indivíduo, seja um rapaz na natação sincronizada, seja uma rapariga no futebol.

Apesar de o número de mulheres que pratica desporto ser cada vez maior, serão as atletas alvo do mesmo tratamento que os colegas do sexo masculino? É inclusiva a linguagem usada para narrar as suas conquistas ou continuam a perpetuar-se os estereótipos do século passado, também através das fotografias? Há dificuldade em considerar a mulher como atleta ou será representada em primeiro lugar como “mulher”, ao contrário dos atletas do sexo masculino, sem qualquer questão e reconhecidos automaticamente como atletas? Há uma linguagem específica do jornalismo de desporto que perpetua os estereótipos?

Este trabalho procura refletir sobre a forma como os três jornais desportivos diários trataram, em termos editoriais, a participação da Seleção Portuguesa de Futebol Feminino no Campeonato do Mundo e como lidam com a linguagem inclusiva. O principal objetivo é perceber de que forma a linguagem utilizada nos jornais desportivos portugueses promove a inclusão de género, se perpetua estereótipos de género, se quando noticia competições masculinas e femininas constrói narrativas desiguais e não conforma questões da linguagem inclusiva de género.

2. *Jornalismo e representações sociais*

Os *media*, sejam os tradicionais ou os novos, como a União Europeia denomina o conjunto de meios digitais que nos entram pelos olhos dentro todos os dias, são o espelho do Mundo em que vivemos ou, no mínimo, são eles que nos mostram a realidade contada à sua maneira. Quer isto dizer que quando os meios de comunicação produzem narrativas propõem abordagens interpretativas que moldam as audiências e oferecem uma imagem dos factos e dos

personagens envolvidos. Estes processos chamam-se “representações sociais” (Moscovici, 1979).

Quando estas representações são difundidas em massa, e para massas, há uma forte hipótese de estabelecerem sentimentos comuns e ideias generalizadas na comunidade. Porém, estas representações vão muito além do relato da atualidade. Há uma relação inata sobre o passado quando existem vínculos socio-históricos pré-existentes que enquadram o facto e o relato do presente pode ter a capacidade de criar uma “nova memória” (Hoskins, 2001, citado por Reis, 2017), projetando representações futuras.

Por isso, os meios de comunicação social têm a enorme capacidade de influenciar a opinião pública e lançar novos e velhos temas para o debate público, “confundindo o mundo com o seu próprio discurso” (Breton, 2006, p. 11) e o jornalista, como divulgador privilegiado da mensagem representa, com naturalidade, a ordem institucional onde está integrado (Berger e Luckmann, 2003). As representações sociais são assim definidas por Moscovici:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientarem-se no seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspetos do seu mundo e da sua história individual e social (Moscovici, 1976, p.13).

Com um trabalho de investigação sobre a realidade francesa, Moscovici (1961/1976) demonstrou que a propagação e a difusão de novas ideias acontecem porque novos e diferentes grupos sociais, que se formam e se desviam da ordem social estabelecida, tentam estruturar diferentes tipos de comunicação para as suas ideias, através das formas possíveis com o objetivo de estender a sua influência na construção de uma representação social específica e nova (citado em Oliveira, 2004).

Na opinião de Semin, as representações sociais são “sistemas de valores, de ideias e de práticas” que instituem “uma ordem que permite aos indivíduos orientarem-se e dominar o seu ambiente social, facilitar, pois, a comunicação entre os membros de uma comunidade ao procurar um código para designar e classificar os diferentes aspetos do seu mundo e da sua história individual e de grupo” (1989, p. 243).

Esta ordem, que permite fugir do caos, quando reproduzida muitas vezes – o mesmo vale dizer quando é repetida pelos órgãos de comunicação social de massas, para as massas –, torna-se aceite por todos e, quando isso se transporta para o tema em discussão, parece claro

que as crenças generalizadas sobre o que se apresenta como apropriado para cada um dos sexos constitui estereótipos de género.

Simone de Beauvoir (1967, p. 9), no coração das lutas feministas do século passado, colocou o dedo na ferida: “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” A afirmação sugere que sexo e género são categorias distintas e o conceito de género é parte de uma identidade adquirida gradualmente (Butler, 1990). Defende a progressista intelectual que nem todos os indivíduos do sexo feminino são mulheres, mas têm de participar da realidade da feminilidade (Beauvoir, 1967). Até porque, conforme salienta Bourdieu (1999, p. 56), “as condutas que não reforcem as diferenças de género são desencorajadas e consideradas impróprias,” pois homens e mulheres são educados de acordo com a visão binária.

Assim, defende Brandão (2007, p. 42) que “os arquétipos de masculinidade e feminilidade que assimilamos e que assumimos como nossos são os da nossa sociedade e da nossa cultura” e pode, por isso, assumir-se que a realidade que atribuímos ao género assenta em construções sociais, em papéis padronizados, transmitidos pelos que nos estão mais próximos, aprendidos com as representações sociais que conhecem e, naturalmente, são veiculadas pelos *media*.

“Aquilo que é normalizado para cada um dos sexos são atributos pessoais, físicos, características de personalidade e padrões de comportamento que facilitam a categorização na sociedade. Porém, as regras que estruturam as ações e as perceções dos corpos são construídas sobre as diferenças biológicas, principalmente sobre a genitália” (Bourdieu, 2011, p. 124, citado por Freire, 2016).

Sexo e género são palavras que se confundem e são muitas vezes utilizados indiscriminadamente, quando o sexo se refere à identidade biológica do indivíduo, baseado na genitália. Segundo Andersen (1997) é usado para expressar o “facto de se ser macho ou fêmea e traz normalmente uma expectativa de género associada logo à nascença”, ou até antes. A compra de roupa é o exemplo mais frequente, mas na moda das festas criadas pelos pais para anunciar que vão ter bebé o sexo da criança é revelado com *confettis* azuis ou cor-de-rosa.

Ora, percebe-se atualmente que estas expectativas de género criadas em função do sexo podem, contudo, não corresponder à identidade de género com que a pessoa se identifica. “O género deve ser entendido como um conjunto de diferenças culturalmente construídas entre homens e mulheres. A representação de uma série de regras e ideias relativas ao género são depois amplificadas pelos *media* e ajudam a lidar com a complexidade e diversidade do mundo

real” (Freire, 2016). Ou não, porque os modelos dominantes do feminino e masculino querem mostrar um mundo social a preto e branco que, na realidade, hoje não existe. “Esta afirmação sugere que sexo e género são categorias distintas e o conceito de «género» é parte de uma identidade adquirida gradualmente” (Butler, 1990).

3. *Jornalismo e linguagem inclusiva*

A linguagem usada na *Declaração dos Direitos Humanos* custou a vida de Olympe de Gouges na França do século XVIII. Ao questionar a utilização da palavra “homens” na declaração como sinónimo de humanidade, Olympe quis mostrar que o texto não contemplava as mulheres e que não estava plasmado o conceito de igualdade. Por isso publicou, em 1791, a *Declaração dos Direitos da Mulher*, documento que invertia a linguagem da declaração oficial de 1789. O seu destino foi a guilhotina mais próxima e Olympe perdeu a cabeça “como uma contrarrevolucionária «impudente» e um ser inatural (um «homem-mulher»)” (Hunt, 2009, p. 172.).

À partida, registre-se uma distinção que consideramos apropriada neste contexto: os defensores da linguagem neutra pretendem comunicar sem excluir pessoas, com propostas de alteração da linguagem; a linguagem inclusiva pretende incluir, mas utilizando palavras que já existem na língua. E é nesta diferença que começa um dos problemas, pois se excluir termos ou palavras é difícil, mais complicado ainda parece ser a adaptação de “todes” a uma modernidade que mexe com o sistema binário e patriarcal há muito vigente, que pouca relevância dá, por exemplo, à comunidade *trans* – indivíduos cuja identidade de género difere do sexo biológico com que nascem – estimada em 25 milhões de pessoas. Na literatura internacional o termo mais usado é linguagem neutra, porém, com o sentido de linguagem inclusiva que lhe é atribuído na língua portuguesa. Neste trabalho usaremos preferencialmente inclusiva, mas também neutra, cientes das diferenças entre ambas na origem, pois a linguagem neutra, atualmente, tem uma ligação à comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgéneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais possibilidades) que não é o ângulo deste trabalho.

O tema está cada vez mais na ordem do dia e são várias as instituições a fazer recomendações sobre o tema. O Parlamento Europeu, por exemplo, criou um documento sobre o assunto e definiu o significado de “linguagem neutra de género”:

A linguagem neutra do ponto de vista do género é um conceito genérico que se refere à utilização de linguagem não sexista, de linguagem inclusiva ou de linguagem equitativa do ponto de vista do género. O objetivo de uma linguagem neutra do ponto de vista do género consiste em evitar a escolha de termos suscetíveis de serem interpretados como tendenciosos, discriminatórios ou pejorativos ao implicarem que

um sexo ou um género social constitui a norma. A utilização de uma linguagem equitativa e inclusiva do ponto de vista do género contribui igualmente para reduzir os estereótipos de género, para promover mudanças sociais e para alcançar a igualdade de género. (2018, p3)

Mas já em 1999, a UNESCO havia editado um *Guia sobre Linguagem Neutra em Função do Sexo*, sublinhando: “A linguagem não reflete apenas o modo como pensamos: também forma o nosso pensamento. Se palavras e expressões que pressupõem que as mulheres são inferiores aos homens são reiteradamente usadas, o assumir desta inferioridade tende a tornar-se parte da nossa mentalidade.”

A referência é clara quanto ao peso das palavras e ao poder das mesmas nas mãos e na boca de quem delas faz uso, nomeadamente, os jornalistas. O livro *Inclusive Journalism*, publicado pelo Media Diversity Institute, realça que “os jornalistas e os produtores de informação têm um poder único para moldar a experiência da diversidade. De acordo com um estudo de 2007 da Comissão Europeia, os meios de comunicação social são a terceira força mais influente na sociedade, a seguir aos pais e às escolas”.

Em 2019, a *Recomendação do Conselho da Europa sobre a Prevenção e a Luta contra o Sexismo* reitera o papel da linguagem inclusiva na garantia da igualdade entre mulheres e homens, referindo a importância de

(...) utilizar as formas feminina e masculina ou neutra das designações e de usar a forma feminina e masculina ou neutra quando nos dirigimos a um grupo, bem como, a título de boa prática, a preparação de manuais de utilização de linguagem e comunicação para uso na administração pública e seus documentos, que sejam não sexistas e não perpetuem estereótipos, ou seja, preconceitos profundamente enraizados sobre papéis sociais de homens e de mulheres, que limitam a liberdade individual, designadamente em matéria de escolhas profissionais e de progressão nas carreiras, e que impedem a concretização da igualdade de facto entre mulheres e homens. (REC, 2019, p. 1)

Na mesma linha de preocupação, o *Manual de Linguagem Inclusiva*, produzido pelo Conselho Económico e Social (CES, 2021), refere que “a linguagem inclusiva é promotora da igual visibilidade e simetria de homens e mulheres”. O documento aponta o masculino genérico, no caso do português, como um dos problemas que é necessário ultrapassar e faz inclusive várias sugestões. “A questão central é a substituição do masculino genérico, o falso neutro, por formas não discriminatórias que respeitem o direito de homens e mulheres à representação linguística (...) pois nenhum dos dois sexos tem o exclusivo da representação geral da humanidade ou cidadania.” Entre as propostas de alteração está, por exemplo, a neutralização através do uso do nome coletivo: imigrante passa a comunidades imigrantes; jovens passa a juventude; idosos a pessoas idosas; alunos a discentes.

Na tentativa de abstração das referências sexuais poderia, sugere, ser substituído o “nascido em” por “local de nascimento”; “filho de” para “filiação”.

Apesar de todas estas recomendações, a resistência continua porque a linguagem está associada a um conjunto de ideologias, crenças e valores para que os indivíduos possam dar sentido ao mundo à sua volta e, como tal, não pode ser considerada um elemento neutro e objetivo na captação da realidade, enquanto construção social (Plaza & Delgado, 2007, p. 49, citado por Carla Cerqueira, 2009, p. 220), independentemente do facto de, muitas vezes, acentuar e legitimar a diferença sexual.

A forma masculina é usada como padrão, nas línguas românicas, assumindo-se como neutro, mas este é, na realidade, um “falso neutro” (Barreno, 1985, citada em Cerqueira et al. 2014, p. 22) e, como concluiu Amâncio (1998, p. 180, citada em Cerqueira et al. 2014, p. 22), a predominância masculina “confunde-se com a conceção dominante de pessoa”, como se se tratasse de uma “propriedade dos homens”. Ora, esta ideia enraizada limita as narrativas no feminino e perpetua a hierarquia de valores (Cerqueira et al. 2014, p. 22).

E é aqui que a linguagem inclusiva de género entra em cena, com a proposta de que se procure usar a flexão apropriada para palavras que pertencem ao feminino e ao masculino, acabando com a utilização do masculino enquanto forma comum dos dois géneros e o machismo inerente à linguagem (Schons, Rosa & Pavarino, 2016, p. 2).

Cerqueira et al. (2014, p. 22) elogiam os esforços feitos, nas últimas décadas, para implementação de políticas de *mainstreaming* de género. As autoras realçam, por exemplo, o *Guia para uma Linguagem Promotora da Igualdade entre Mulheres e Homens na Administração Pública*, de 2009, projeto que pretende reiterar a importância da “dimensão da igualdade de género na linguagem escrita”, com um olhar especialmente focado sobre os *websites* e publicações dos ministérios (Cerqueira et al. 2014, p. 22).

Em termos jornalísticos, o jornal *PÚBLICO* e a Agência Lusa possuem livros de estilo que consideram algumas das recomendações, mas de forma geral este é um assunto que não é debatido nos *media* em geral. Algumas entidades ligadas ao desporto, nomeadamente o Comité Olímpico de Portugal, por orientação do Comité Olímpico Internacional e o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ) apresentaram alguns trabalhos nesta área, mas nada concretizável.

Mas, afinal, por que razão as pessoas usam, ou não, linguagem inclusiva, ignorando tantas recomendações? É esta a resposta a que Sczesny, Moser & Wood (2015) tentam responder com o artigo “Beyond sexist beliefs: how do people decide to use gender-inclusive

language?” As pessoas que usam linguagem masculina genérica fazem-no por hábito ou por convicção? Quando deixam de lado formas mais inclusivas de género, comunicam estereótipos de género e, às vezes, a exclusão das mulheres de certos papéis sociais. Foram realizados dois estudos com participantes alemães e a conclusão identifica duas razões para a fraca adesão à linguagem inclusiva: o hábito e a convicção. Em ambos os casos, apesar de comandados pela rotina, a maioria era favorável à linguagem inclusiva. “A pesquisa descobriu que a utilização da linguagem inclusiva de género entre os participantes foi baixa. As crenças ideológicas sexistas são um fator importante na utilização da linguagem inclusiva de género e as intervenções para aumentar a utilização da linguagem inclusiva podem concentrar-se em repetir termos não sexistas e entender as consequências da utilização da linguagem inclusiva de género.”

A introdução do pronome de género neutro – HEN – na Suécia, em 2015 (Sanches, 2015), foi o primeiro passo para que a linguagem neutra, ou não binária, ganhasse novo impulso. Em 2020, a emissora pública suíça (RTS) divulgou novas orientações para os jornalistas sobre a linguagem, determinando que a apresentação dos programas trocaria o “Boa noite a todos” por “Boa noite a todos e todas”; em 2017, a Associated Press adicionou a palavra “They” ao *Livro de Estilo*, identificada como pronome de género neutro e, também nos Estados Unidos, em 2019, esta foi eleita a palavra do ano pelo dicionário *online* Merriam-Webster.

No desporto, os passos são pequenos e, normalmente, por iniciativa individual dos jornalistas. Nos últimos Jogos Olímpicos de Verão 2020, realizados em Tóquio em 2021, o assunto da linguagem inclusiva até esteve em foco, por um lado por surpresa e, por outro, por polémica.

Quando a jornalista brasileira Natália Lara se referiu à canadiana Quinn durante a transmissão do jogo de futebol entre o Canadá e o Japão, nos Jogos Olímpicos Tóquio, em 2021, choveram comentário elogiosos. “Quinn é uma pessoa *trans* não-binária, por isso, usamos o pronome neutro. «Elu está a sair com A BOLA, elu jogou muito bem no meio-campo».” Lara usou adequadamente o pronome neutro “elu” e explicou ao longo do jogo que Quinn, atleta do Canadá, se identificava com género não-binário - nem masculina, nem feminina - e se sentia mais confortável com “elu” do que com o tradicional “ele” ou “ela”. Tóquio 2020 foi a primeira edição dos Jogos Olímpicos em que houve a presença de atletas transexuais.

A preparação da jornalista brasileira acabou por contagiar um colega responsável pela narração de um jogo nos Jogos Paralímpicos. Estando a relatar um jogo, teve o cuidado de descrever-se, dizer como estava vestido e usar várias imagens, em cima das imagens que passavam na televisão, antevendo que a sua audiência podia possuir algumas deficiências.

Este cuidado dos jornalistas brasileiros foi exatamente o que faltou a dois repórteres da BBC que não escaparam a uma chuva de críticas. O momento em que Ed Leigh e Marc Churchill erraram repetidamente o pronome de Alana Smith, que utiliza os pronomes “they/them” (o equivalente a “elu/delu” em português) estampados no seu skate. A repercussão desse episódio trouxe para cima da mesa a linguagem neutra no jornalismo. Os dois comentadores da rede de televisão BBC foram muito criticados e o mesmo aconteceu com os colegas brasileiros da Sport TV que assumiram em direto não saber como tratar o assunto.

Se estes exemplos, seja pelo exemplo seja pela crítica, colocam o dedo na ferida, também há situações em que os *media* acabam enrolados no discurso estereotipado como recentemente aconteceu, no Brasil, com um protagonista conhecido dos portugueses: Rodrigo, ou, agora, Tiffany.

Antigo atleta da equipa de voleibol do Esmoriz, Rodrigo joga agora no Brasil e passou por um processo de transição, tendo-se tornado mulher. “Um homem é foda” foi a frase de Bernardinho, técnico da equipa feminina de voleibol do Sesc-RJ e ex-selecionador da seleção brasileira feminina e masculina, num jogo em que a atleta trans Tiffany Pereira de Abreu foi destaque na equipa Sesi-Bauru. Apesar de o treinador ter pedido desculpa e tentado explicar que tudo não passou de um mal-entendido, a realidade é que o caso encheu páginas de jornais ainda mais quando a ex-atleta Ana Paula Henke, medalha de bronze em Atlanta 1996, afirmou que Tiffany apresentou um ataque de “homem”.

A lógica binária está tão enraizada na sociedade, genericamente falando, e especificamente no desporto, que Tiffany não só não é aceite na categoria feminina, como é excluída. A realidade é que as competições desportivas são separadas em duas categorias (feminino e masculino) e há uma enorme discussão sobre a inclusão dos atletas trans. Há quem sugira a criação de uma categoria específica, apoiando-se no sexo biológico e critérios hormonais, afirmando que habilidades como velocidade, resistência e força não permitem uma competição justa. A comunidade trans rejeita a ideia pois quer ser reconhecida como tal, porque caso contrário seria validade a ideia que têm superioridade física e que o controlo hormonal a que são sujeitas pelas entidades competentes de nada vale: o Comitê Olímpico Internacional

(COI) permite a participação de mulheres trans que se declarem do género feminino, desde que tenham nível de testosterona inferior a 10 nmol/L no organismo no período mínimo de 12 meses antes do início de cada competição.

Está o jornalismo desportivo preparado para escrever textos e relatar conteúdos utilizando linguagem inclusiva? A especialização jornalística é fundamental para apresentar um sentido crítico nas reportagens, com conteúdos que não estejam carregados de preconceitos e, que, de alguma maneira, se afastem do senso comum, defende Silva (2022) em *A Linguagem Não-Binária na Televisão: uma análise sobre a cobertura dos jogos de Tóquio 2021* (citando Cruz, 2018).

Vergossen, Renström, Lindqvist & Sendén (2020) estudam o tema do ponto de vista da linguagem e pretendem avaliar se os argumentos contra a introdução do pronome neutro variam no tempo, em função do contexto cultural, ou se apenas uma nova palavra recebe tanta resistência como uma alteração linguística. Falta de conhecimento sobre a comunidade *trans* e de vocabulário específico são algumas das razões que justificam a pouca adesão à linguagem neutra de género. Os jornalistas não dominam os temas que fogem à heteronormatividade e optam por escolhas seguras, sem questionar se as mesmas legitimam as comunidades dos protagonistas, as histórias ou se os mesmos se identificam com o que escrevem. As razões para a resistência reconhecidas nas conclusões do estudo (Vergoossen, Renström, Lindqvist & Sendén, 2020) podem ser identificadas com a maioria nas categorias da década de 80 e 90 do século passado, mas há duas novas: primeiro, os pronomes de género são um fator de distração na comunicação e, segundo, a informação de género é importante na comunicação. Da análise final foi possível estabelecer quatro dimensões das críticas contra a linguagem neutra de género: 1. defender o *status quo* linguístico; 2. sexismo e cisgenerismo; 3. desvalorização do assunto e dos seus proponentes; 4. distração na comunicação.

Apesar das reticências encontradas, a análise do jornal argentino *Página/12* mostra um aumento na quantidade de publicações e uma certa normalização da linguagem neutra, porém, com grandes dificuldades de aplicá-la no campo do jornalismo. Concluiu o artigo que “se a tendência é a inclusão de pessoas e comunidades historicamente marginalizadas, é dever do jornalismo colaborar para essa inclusão”. Além disso, “acreditar que as línguas devem ser estritamente iguais para sempre, considerando-as perfeitas da forma que são, é demonstrar pobreza cultural e falta de empatia” (Rodriguez, Pereira & Bender, 2020). Empatia parece ser também a chave para reescrever de forma diferente na área do desporto. Tishev (2020) mostrou no seu estudo que pessoas *trans* imaginam facilmente crónicas desportivas que contribuam para

a mudança social ao fornecer informação correta aos leitores, através de linguagem atualizada e terminologia correta, que servirá também para uma humanização e educação dos próprios jornalistas desportivos. A tese deixa claro que é necessário aumentar a cobertura sobre transgéneros no desporto e alerta para uma sequência lógica: a maioria dos meios de comunicação desportivos fazem cobertura de eventos masculinos por uma maioria de jornalistas masculinos.

Um cenário que, na prática, não é assim tão diferente na Suécia, apesar de ser considerado dos países mais progressistas do mundo em termos de direitos dos transgéneros. Akerlund (2018) afirma que a sociedade é estruturada em torno da heteronormatividade, o que se reflete na linguagem usada pelos meios de comunicação social, que apostam nas representações estereotipadas binárias. O desconhecimento do vocabulário e a dificuldade de aplicar novos termos são obstáculos às alterações de gramática enraizada no estereótipo binário. É muito mais fácil tratar as pessoas pelo sexo com que se nasce do que pelo género com o qual se identifica. Sem determinações diferentes de quem pode legislar sobre a mudança, a língua demorará muito tempo para acompanhar o ritmo a que a sociedade avança.

Estes casos aqui explanados, porém, vão muito além do estereótipo genérico binário e devem igualmente fazer-nos refletir sobre esta nova realidade e perceber se andarão mais rápido na sua luta os temas das minorias para o fim do preconceito do que o estereótipo de género.

4. *Jornalismo de desporto*

O conceito de "toy department" (departamento de brinquedos) para descrever o jornalismo de desporto é geralmente atribuído ao jornalista e editor norte-americano Howard Cosell, que criou a expressão com sentido pejorativo para criticar a maneira como o jornalismo desporto era tratado em comparação com outras áreas, sugerindo que este era menos sério e mais focado no entretenimento do que em reportagens de investigação.

Esta ideia de que o jornalismo produzido por quem trabalha na área do desporto deve ser separado do "jornalismo sério" é das polémicas mais debatidas e nem mesmo os investigadores são consensuais sobre o tema. Felisbela Lopes e Sara Pereira (2006, p. 8) perguntam sem rodeios: "O jornalismo desportivo é um subcampo do jornalismo ou situa-se algures entre o entretenimento e uma poderosa indústria que rende milhões de euros?"

David Rowe (2007) produziu uma investigação com o mesmo sentido crítico, após análise dos dados obtidos no estudo *Play the game international sports press survey*, "um dos

maiores inquéritos acerca de jornalismo de desporto realizado em 10 países (Alemanha, Áustria, Austrália, Dinamarca, Escócia, Estados Unidos da América, Inglaterra, Noruega, Roménia e Suíça), tendo como *corpus* 10 mil artigos de 37 jornais. O objetivo era aferir a qualidade e a influência da imprensa diária desportiva e os resultados contribuíram para validar o estereótipo de *toy department*” (Henriques, 2014). Mas Rowe vai ainda mais longe e “afirma que o jornalismo de desporto é a melhor agência de publicidade do mundo, concluindo que a maior parte das peças desportivas tem como objeto o relato das competições e dos momentos antecedentes (58% de todos os artigos), ignorando aspetos ligados aos contextos sociais em que o desporto está inserido, como a política desportiva (5%), financiamento (3%) e os impactos sociais do desporto (2,5%). Remata com a ideia de que o jornalismo de desporto perdeu componente crítica e capacidade imaginativa, bem como a oportunidade de uma abordagem contextualizada do fenómeno desportivo na sociedade” (Henriques, 2014).

Apesar deste estigma, o cenário tem vindo gradualmente a alterar-se. Bernstein e Blain (2003) explicam “que há muito que o desporto deixou de ser um interesse marginal dos *media* para assumir um papel central na imprensa generalista, tornando-se cada vez mais uma forma especializada de jornalismo ou uma editoria relevante nos *media* generalistas”.

Toney afirma que na altura em que o desporto começou a ocupar mais espaço nos jornais os editores mostraram alguma relutância, justificando a abertura ao desporto com a nova realidade oferecida pela internet que precisa de “conteúdos 24h sobre 24 horas”. Porém, não esquece que as notícias ou artigos de desporto são muito mais populares do que notícias em geral – seja de que meio for (Toney, 2013, p. 20).

O interesse crescente pelo desporto por audiências que tradicionalmente não eram desta área levou o professor da Universidade de Brighton Rob Steen (2020) a defender a importância do jornalismo de desporto e recordar que já em 2015 tinha alertado para o facto de “as secções desportivas, outrora ridicularizadas, pouco povoadas e mal toleradas, são agora desejadas, mesmo que a contragosto” na redação:

O jornalismo desportivo é importante porque o desporto é importante. Preocupamo-nos com o desporto. Preocupamo-nos com os seus heróis, os seus vilões. Grande parte da vida é uma rotina, um trabalho, uma rotina. O desporto não oferece escape, mas fuga. Uma nação de indivíduos pode reunir-se numa tarde assistindo ao extraordinário drama se desenrolar quando Ben Stokes e Jack Leach derrubaram as probabilidades em Headingly e a Inglaterra venceu a Austrália. Por que é o jornalismo desportivo importante? Porque une a comunidade desportiva. Lemos o *The Guardian* ou o *Sydney Morning Herald* para nos juntarmos, para nos sentirmos parte do todo, para termos os nossos sentimentos vingados, confirmados. Através do jornalismo desportivo, tornamo-nos parte do espetáculo. (2015, p5)

Toney defende mesmo que "a melhor escrita de qualquer jornal possa ser frequentemente encontrada nas páginas de desporto" (2013, p. 89). O autor acredita que a era digital trouxe grandes mudanças ao jornalismo de desporto. As novas tecnologias e a internet oferecem enormes oportunidades, sobretudo aos jornalistas mais jovens, mas alerta que os códigos básicos que definem as competências exigidas à profissão são essenciais para o jornalista se destacar, só assim é que se poderá aspirar a ser “um bom jornalista” – especialmente numa era cada vez mais digital (2013, p. 3-4).

Dois fatores terão contribuído de forma decisiva para tal: por um lado a profissionalização dos jornalistas que trabalham na área do desporto e, por outro, mas não menos importante, até pelo contrário, o dinheiro que rodeia a indústria do desporto, os conteúdos e as receitas publicitárias atraídas pelo público digital num Mundo sem fronteiras.

A formação de jornalistas tem vindo a aumentar, tornando-se cada vez mais profissional: dos colaboradores *freelancers*, à qualificação do ensino secundário que se aperfeiçoaria naturalmente com o trabalho e a relação com as fontes, aos repórteres da atualidade cada vez mais licenciados, formados em escolas de jornalismo com múltiplas valências na área da comunicação (Frith & Meech, 2007).

Aliás, Raymond Boyle (2006) considera que a “ideia tradicional de «jornalismo desportivo» começa a ser substituída pela conceção de um jornalismo relacionado com atividades desportivas, devido à crescente importância que os setores político e económico têm no desporto”. Segundo o autor, “a indústria desportiva envolve também instituições financeiras e até governamentais. A noção de um jornalismo de atividades desportivas deve-se também a um alargamento das modalidades que o jornalismo de desporto aborda”, pelo que Boyle (2006, p. 5) considera que “tornou-se mais correto falar em jornalismo sobre desporto, num contexto mais geral, do que num jornalismo de nicho, rotulado, de forma limitada, como jornalismo desportivo”.

O autor do livro *Sports Journalism: A practical introduction* tem uma visão mais simples e considera o jornalismo de desporto uma forma especializada de escrever, dividida em secções (por cada modalidade). A razão para tal relaciona-se com os fãs que têm muito conhecimento sobre o desporto ou equipa que seguem afincadamente e, por isso, os jornalistas têm o dever de estarem igualmente bem informados, de forma a não afetar a sua imagem (Andrews, 2013, p. 2).

Em Portugal, numa dissertação de mestrado elaborada na Universidade do Minho, sob o título “Jornalismo desportivo em Portugal: notícia ou especulação? Análise das fontes nos diários *O Jogo*, *A BOLA* e *Record*”, Tatiana Henriques (2014) cita Rui Novais que afirma que o jornalismo de desporto “oscila entre o imediatismo da oferta informativa ou cobertura noticiosa pura e a dependência do comentário de *experts* que participam na construção da perceção dos eventos” (Novais, 2010, p. 13). Acrescenta ainda a autora, socorrendo-se de Rowe (1999) que a imprensa desportiva, tanto jornais como revistas, pode ajudar a incrementar o interesse antes do evento desportivo propriamente dito e mantê-lo na esfera mediática muito tempo após o mesmo terminar, o que é fomentado pelo estatuto de celebridade que envolve as figuras desportivas.

Rui Novais (2010, p. 16-17) descreve o trabalho dos *media* desportivos como “imediatista e extremado”, passando da exaltação, nos momentos de glória, à “crítica estratégica e contundente”, nos momentos de insucesso, uma característica do jornalismo de desporto que o autor chama de “estrabismo jornalístico”.

Menos agressiva é a visão oferecida por dois antigos jornalistas de *A BOLA*, Sobral e Magalhães (1999, p. 20), que publicaram um dos poucos livros portugueses dedicados ao jornalismo de desporto: “Escrever sobre desporto é tentar objetivar o subjetivo, procurar ordem no desordenado terreno das paixões.” E, para tal, nada como contar as histórias que mantêm o público apaixonado. Por isso para Stofer et al. (2019, p135) os jornalistas de desporto são *storytellers*, porque contam histórias com ação e interesse humano, sobre pessoas verdadeiras, com informação a que chamam factos e números, mas o objetivo é mostrar os atletas como pessoas normais para que os leitores se identifiquem.

Com mais ou menos paixão, as histórias dos heróis e dos vilões parecem ser a chave para agarrar audiências, escritas por jornalistas, sem ser necessário rotular a área de trabalho. Aliás, em algumas televisões portuguesas, os primeiros enviados-especiais à guerra na Ucrânia foram jornalistas habituados a trabalhar no desporto e o seu trabalho foi bastante elogiado pelos seus pares. Afinal, “jornalismo é jornalismo, seja ele desportivo, político, económico, social. Pode ser propagado na televisão, rádio, jornal, revista ou internet. O meio não interessa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público” (Barbeiro & Rangel, 2006, p.13).

5. Linguagem desportiva

Na segunda edição do livro *Sport and the Media, Managing the Nexus*, Nicholson, Kerr e Sherwood são claros quanto à importância dos meios de comunicação social desportivos e das suas representações da sociedade:

Os textos dos meios de comunicação desportivos podem influenciar a forma como as pessoas compreendem o mundo que as rodeia. Por exemplo, uma ênfase no desporto masculino na cobertura mediática pode encorajar os jovens a verem o mundo como um lugar onde os homens são recompensados por serem ativos e as mulheres são passivas. Os textos dos meios desportivos podem também impedir as pessoas de interpretar ou compreender o mundo de determinadas formas. Por exemplo, uma ênfase no nacionalismo e no patriotismo pode encorajar a divisão e a combatividade, o que impede ou limita uma visão do mundo como um mundo sem fronteiras. Finalmente, as formas como um texto é construído podem influenciar a forma como é interpretado. Por exemplo, um artigo de jornal pode consistir numa história, num título, numa fotografia e numa legenda. A ousadia da manchete e o ângulo da fotografia podem despertar ansiedade no leitor, o que afetará qualquer leitura da história. No dia-a-dia, utilizamos textos mediáticos desportivos para dar sentido ao desporto, ao mundo e ao nosso lugar nele. Estes textos não são neutros nem objetivos. Pelo contrário, estão impregnados de ideologias políticas, culturais, comerciais e sociais. Estas ideologias influenciam as nossas leituras dos textos de forma consciente e subconsciente. A fim de compreender como damos sentido ao desporto, ao mundo e ao nosso lugar nele, é essencial desenvolver a capacidade de descodificar ou desconstruir textos mediáticos desportivos, o que é facilitado por uma compreensão profunda do nexó mediático desportivo. (2015, p. 24)

Chamam-lhe “Sportuguese”, “Sportspeak”, “Sporting léxicon”, entre muitos outros termos desenvolvidos ao longo dos anos para caracterizar a linguagem dos jornalistas desportivos e que será diferente das outras, segundo vários investigadores. Segrave (1997) considera que, seja qual for o nome dado a essa linguagem própria do desporto, esta é “fascinante e fabulosa” e conquistou este encanto “graças ao jargão pitoresco e colorido” criado nos anos 20 do século passado e que o autor considera “a idade do ouro do desporto”. Quer se ame ou se odeie, “desenvolveu um estilo distintivo que se apoia fortemente na hipérbole” e “entrelaçada com a metáfora”. E, destaca Segrave, “entender o poder da metáfora é entender o poder de como se moldam argumentos, organizamos perceções, criamos ideologias, controlamos sentimentos, contruímos o nosso eu público e privado”.

Segrave analisa aquelas que considera as três metáforas da linguagem desportiva: violência, sexo e máquinas. E os exemplos são óbvios: “os rivais são inimigos, os atletas guerreiros” e a tendência a descrever um atleta como uma máquina é muito mais frequente do que descrevê-lo como um artista criativo. “A linguagem do desporto, tal como o próprio desporto, é uma prática masculina porque é maioritariamente escrita por homens, sobre homens e reflete a visão do mundo dos homens” (Segrave, 1997).

O futebol é o exemplo máximo do uso da linguagem de guerra: “linhas de ataque, linhas defensivas, raios, morteiros, tiros certos, o capitão da equipa...” O discurso dos treinadores

é frequentemente bélico e não apenas no balneário, mas também nas conferências de imprensa: “Temos de atacar em todas as frentes.” O famoso *mata-mata* com que o antigo selecionador nacional Luis Felipe Scolari descrevia os jogos decisivos é um excelente exemplo da terminologia de guerra usada no desporto.

Quanto ao lado sexual da linguagem usada no desporto, Segrave destaca que alguma terminologia utilizada remete, ironicamente, para os homossexuais, mas a maioria é claramente relativa às relações heterossexuais e à normatividade masculina. “Se não por que razão existem balneários separados?” (Segrave, 1997). O autor identifica sem dificuldade termos como “penetração”, “score”, e cita Sabo (1994) para dizer que as relações sexuais se tornam “jogos em que as mulheres são vistas como oponentes, em que ele marcar significa a derrota delas”.

Em relação ao paralelo com a linguagem das máquinas, prossegue na mesma linha e nos exemplos: “parece uma máquina”, “perdeu o gás”, “tritador”, etc. A linguagem da máquina, como a do sexo e da violência, tende a refletir a visão masculina do Mundo, impessoal e técnica (Segrave, 1997), não sendo de estranhar que as antigas equipas olímpicas da ex-URSS fossem apelidadas de “máquinas soviéticas”.

Tudo à volta do desporto parece estruturado em função do estereótipo de género, até as mascotes. Franks (1982) publicou um artigo muito interessante, no qual concluiu que o estereótipo de género resiste até nas mascotes. Após análise, o autor confirmou que as 10 mascotes mais comuns eram águias, pumas, tigres, leões, bulldogs, panteras, gatos selvagens, ursos e índios, imagens ligadas à ideia de poder selvagem. No caso das mascotes das equipas femininas, por exemplo, *teddy bears* (ursinho de peluche) ou *wild kittens* (gatinhos selvagens), de forma a enfatizar o género e não a competência desportiva.

Darija Omrčen (2017) analisou vários documentos institucionais e revistas técnicas para perceber se existe um esforço de utilização de uma linguagem neutra de género e o estudo demonstrou que é dada especial atenção à utilização da equidade de género na linguagem, tanto no desporto de competição como na escrita científica. Apesar de algumas incoerências detetadas na terminologia usada e que devem ser procuradas melhores soluções, “o desporto é, indiscutivelmente, um domínio que se esforça por seguir uma política destinada a desenvolver a igualdade de oportunidades para mulheres e homens – e a utilização de uma linguagem justa em termos de género é uma das formas de o fazer”.

Este artigo, porém, parece uma pedrada no charco do contexto em análise. Jadwiga Kowalikowa (2009) investigou e concluiu que as características da linguagem utilizada no

desporto são muito específicas e que o “seu vocabulário e funções sociais indicam claramente referências explícitas a termos e padrões de comportamento militares e bélicos”, alertando para a necessidade de evitar que “este processo de brutalização” continue a ser a linguagem do desporto moderno.

Contudo, não é preciso procurar “fora de campo” o uso de linguagem pouco inclusiva.

Adams et al. (2010) passaram meses num balneário de uma equipa inglesa de futebol a acompanhar treinos e preparação para os jogos, e o estudo verificou como treinadores e jogadores construíram e alimentaram a masculinidade no desporto organizado, através dos discursos, os mesmos discursos que reproduziram mais tarde em conferências de imprensa, antes e depois dos jogos, aos *media* que as divulgarão. Os investigadores identificaram “discursos onde predominava a masculinidade e o uso da linguagem tóxica na construção e manutenção dessa masculinidade”. Os treinadores usavam frequentemente discursos que se baseavam em narrativas de guerra, género e sexualidade “para facilitar respostas agressivas e violentas, com vista a melhorar o desempenho atlético. No entanto, os autores também constataram que “esses discursos têm uma influência limitada para além do campo de jogo”, destacando a distinção da “identidade desportiva e social” dos jogadores.

Mas a linguagem do desporto é mais do que bélica, é também muito associada às questões sexuais e o uso das metáforas desportivas na linguagem sexual perpetua os estereótipos em relação à superioridade de género. “O 10 perfeito” já deixou de pertencer à romena Nadia Comaneci que, nos JO Montreal-1976, se tornou a primeira ginasta a garantir a melhor classificação possível numa competição. Um questionário aplicado a 127 estudantes universitários indica o uso generalizado de metáforas desportivas associadas ao sexo, especialmente entre homens. “Longe de ser inócuo, o uso da metáfora desportiva em uma área íntima da vida opera como um componente subtil, mas poderoso de uma cultura onde permanece um discurso que contribui para a construção social da hegemonia masculina na sociedade.” O *sportspeak* na linguagem das relações sexuais funciona como um mecanismo que “objetiva as mulheres, pela construção de noções de hegemonia masculina” (Segrave, 1994).

6. Representações e estereótipos de género

Percebe-se pelos vários exemplos enunciados e pelos discursos que diariamente nos entram pelo ecrã da televisão ou do telemóvel que a linguagem utilizada no desporto é a imagem da hegemonia masculina na sociedade. Quando as mulheres entram em campo, muda o género,

muda o protagonista e a representação tenta adequar-se ao estereótipo. Ao definir “género como um fenómeno social (Mota-Ribeiro, 2005), e não natural, afirmamos que esta categoria tem de ser aprendida e incorporada pelos indivíduos. São as instituições sociais como o Estado, a Igreja, a Escola e a Família que transmitem os papéis de cada um dos sexos e esses papéis mais não são do que um conjunto de comportamentos enraizados que ajudam a moldar as desigualdades de género”. Através do processo de socialização, “a identidade de género é socialmente construída, sendo concetualizada como a definição específica do «eu» de um indivíduo, baseada no seu entendimento daquilo que significa ser homem ou mulher” (Connell, 1990).

Associado ao feminino e, conseqüentemente, à mulher, “encontramos atributos como a fragilidade, a sensibilidade, características que consideramos, no mínimo, redutoras da identidade feminina, mas não só” (Freire, 2016). Lippmann (1965) realça que o senso comum à volta dos estereótipos, arrastados de geração em geração, dão força à ideologia dominante e permitem às pessoas sentirem-se confortáveis no mundo que conhecem. A identidade vivida pelas pessoas do sexo feminino está, por isso, ligada àquilo que uma sociedade acredita que uma mulher deve ser, que antecipa como as ações dos membros do sexo feminino, às representações sociais divulgadas. Conforme Butler (1990) defende, é um círculo vicioso: as identidades são criadas tendo por base representações e estereótipos e os comportamentos vão de encontro aos estereótipos, perpetuando as representações.

No caso das mulheres, a beleza é uma das características mais marcantes. A beleza encontra-se associada ao feminino: “As imagens mostram-no, os comportamentos provam-no e as expectativas confirmam-no: a beleza não possui o mesmo valor no masculino e no feminino”; “as fotografias de moda, os institutos, os concursos de beleza e os produtos de cosmética não cessam de recriar o primado da beleza feminina, de reproduzir a importância do parecer na identidade feminina” (Lipovetsky, 2000, p. 55). Segundo Lipovetsky, “a própria feminilidade baseia-se na beleza, já que quanto mais bonita for a mulher, mais percecionada ela é como feminina. O que não se passa com os homens, já que a masculinidade não é associada à beleza”.

Há dezenas de estudos que provam que a forma como os *media* retratam as atletas enfatizam a feminilidade e a heterossexualidade *versus* a competência atlética, e os investigadores argumentam que tal cobertura banaliza os desportos femininos. Kane et al. (2013) procurou saber como esta imagem é interpretada por diferentes públicos e, numa perspetiva pouco abordada, como as próprias atletas compreendem esta imagem.

O artigo propõe uma pesquisa baseada na receção da mensagem, na forma como os espectadores desconstróem o significado dos textos e como este impacta nos sentimentos em relação às atletas. Foram incluídas no projeto 36 atletas para perceber como desejavam ser retratadas, sendo-lhes mostradas dois tipos de imagens: na sua atividade desportiva ou mais sensuais, fora dos palcos desportivos. Foi pedido às desportivas, de modalidades coletivas e individuais, que escolhessem qual a que melhor representava o seu interesse e respeito pela modalidade que praticavam. “Os resultados indicaram que a competição foi a escolha esmagadora para qual melhor «representa a si /a modalidade» e «aumenta respeito.»” Contudo, 47% das entrevistadas escolheram a imagem sensual para “aumentar o interesse, o que reflete a crença de que o sexo vende o desporto feminino, sobretudo, ao público masculino”.

Alicia Sandell (2021) investigou a representação das atletas nos meios digitais de jornalismo de desporto na Suécia, país histórica e culturalmente na vanguarda das questões de igualdade de género, contudo, o resultado não foi surpreendente:

Existe uma maior quantidade de atletas do sexo masculino do que de atletas do sexo feminino nos meios de comunicação desportivos suecos. Há pequenas diferenças na forma como os atletas femininos e masculinos são retratados visualmente, contudo, estas mostram de forma enfatizada que as atletas femininas são frequentemente mostradas de forma feminina, o que contribui para comprovar o domínio da masculinidade hegemónica. Não há grandes alterações no retrato de atletas femininas antes e depois do #MeToo. Os resultados do estudo são parcialmente apoiados por pesquisas e teorias prévias sobre o tema e sustenta que as atletas femininas são sub-representadas e sexualizadas. (2021, p2)

A decisão de algumas atletas posarem nuas e seminuas para promover a sua modalidade ou o desporto feminino em geral gera sempre polémica. A autora coloca frente a frente os dois lados, citando Heywood & Dworkin (2003) para argumentar que “essas representações podem transgredir e transcender as noções convencionais do corpo feminino ideal” e, por outro lado, Krane et al. (2010) para sustentar que “a decisão das atletas femininas de posar de forma sexualmente provocadora, de maneira a mercantilizar os seus corpos para o «olhar masculino», as torna cúmplices no reforço da exploração do desporto feminino em geral”. A conclusão é simples e direta: se as atletas continuarem a ser retratadas e promovidas de forma a enfatizar o seu aspeto físico em relação às suas capacidades atléticas perderão o seu poder não só no desporto, mas na sociedade geral (Lynn, Hardin, & Walsdorf, 2004).

Já Cooky et al. (2015) constataram uma mudança de estereótipo em relação às mulheres no desporto após uma investigação que abrangeu 25 anos, durante os quais foi notório o enorme crescimento e desenvolvimento do desporto feminino. Contudo, só mudou o estereótipo, mas ele continua a existir. O estudo indica que “a cobertura dos desportos femininos nos noticiários

desportivos televisivos e nos programas de destaques continua a ser desastrosamente baixa”. Referem os autores do artigo um aspeto interessante na mudança da imagem da mulher atleta já que “a tendência outrora comum de apresentar as mulheres como objetos sexualizados foi substituída por uma tendência de ver as mulheres atletas no seu papel de mães. A análise destaca um contraste gritante entre a entrega emocionante e amplificada de histórias sobre os desportos masculinos, e a entrega muitas vezes monótona das histórias desportivas femininas”.

Há ainda uma outra representação frequente associada às atletas, a infantilização, que Diane Ponterotto (2014) validou após analisar várias reportagens sobre a tenista Maria Sharapova na imprensa inglesa e italiana para concluir que, por um lado, se erotiza o corpo feminino e, por outro, ao mesmo tempo, se assiste à narrativa das atletas femininas como infantil.

7. *Crónica feminina*

Apesar do sucesso das atletas nas mais diversas modalidades, o tratamento editorial recebido pelos *media* continua a ser diferente e diferenciado, sendo que o resultado também o é, mas, raramente para melhor. Quando chega a hora de fazer a crónica no feminino, a prática não muda. Para muitos autores, a menor atenção dada ao desporto feminino por parte dos meios de comunicação social, quando comparado com o masculino, não é apenas uma questão de quantidade que muitos estudos validam, é também qualitativa.

Este é um argumento que várias instituições se esforçam por destruir, nomeadamente a UNESCO, que no seu relatório *Gender sensitive indicators for media* escreve:

Existe uma clara intersecção entre o empoderamento das mulheres e o desenvolvimento dos meios de comunicação social. Os *media* estiveram explicitamente implicados na segunda e terceira vagas de emancipação das mulheres. A proliferação dos meios de comunicação social, a explosão das novas tecnologias e a emergência das redes sociais em muitas partes do mundo têm fornecido múltiplas fontes de acesso a informação e conhecimento. Os meios de comunicação social, independentemente da tecnologia utilizada, continuam a ser uma das principais fontes de informação, ideias e opiniões para a maioria das pessoas do mundo inteiro. Embora existam desigualdades e estereótipos de género nas estruturas sociais e na mente das pessoas, os meios de comunicação social têm o potencial de os propagar e perpetuar ou de os melhorar. Além disso, os preconceitos conscientes ou inconscientes que muitos profissionais da comunicação social, homens e mulheres, às vezes têm perspectivas machistas unilateralmente reducionistas é parcialmente devido à falta de capacidade para informar sobre as mulheres e o género de uma forma mais ampla. (2018, p5)

Ao analisar as práticas e os espetáculos desportivos, “podemos afirmar que estes foram culturalmente construídos segundo um ideal de masculinidade em que a superioridade intelectual e a força se apresentam como símbolos de virilidade” (Marivoet, 2002). No

imaginário social coletivo, as conquistas desportivas são associadas à virilidade, velocidade, força, à competição, ou seja, a características que simbolizam a masculinidade hegemónica. “O esforço físico, o suor, os músculos e os gestos agressivos do corpo caracterizam as práticas desportivas e opõem-se à feminilidade normativa que é caracterizada por gestos que se pretendem suaves, delicados, passivos” (Maguire, 2002).

Os Jogos Olímpicos de Londres-2012 foram considerados um evento marcante na afirmação feminina. Pela primeira vez na história do evento, todas as nações participantes tinham pelo menos uma mulher a competir e, em algumas delegações, eram até a maioria. Tudo se conjugava para que as crónicas fossem diferentes, mas as parangonas não mudaram. Os meios de comunicação desportivos, incluindo a televisão, trataram as atletas femininas em Londres como ‘meninas’ em vez de mulheres, dando-lhes *status* secundário em comparação com os atletas masculinos, “e concentravam-se principalmente nas mulheres – e suas partes do corpo – consideradas atraentes para os jornalistas, na sua maioria homens, que estavam a fazer a cobertura jornalística dos Jogos” (Kian, Bernstein & McGuire, 2013).

A linguagem estereotipada em relação às atletas e estas e tantas outras frases comuns usadas pelos meios de comunicação desportivos levam a avaliações menos positivas das suas capacidades físicas (Hallmark, 2006).

No artigo de 2023 “Run like a girl”, investigadoras italianas analisaram o preconceito de género no desporto do ponto de vista da linguagem e da imagem e concluíram que os modelos usados têm potencial para perpetuarem estereótipos nocivos e discriminação, mesmo recorrendo a tecnologia e inteligência artificial. Ambos os conjuntos de dados sub-representam as mulheres, promovendo a sua invisibilidade. “Descobrimos que um preconceito afeta escolhas humanas de nomenclatura para pessoas que praticam desporto: os narradores produzem nomes que indicam a modalidade (por exemplo, «tenista» ou «surfista») com mais frequência quando se trata de um homem do que quando é uma mulher. Um homem com uma raqueta de ténis é um tenista e uma mulher com uma raqueta de ténis é apenas uma mulher com uma raqueta de ténis” (Harrison, Gualdoni & Boleda, 2023).

Quando passamos para o campo das entrevistas o cenário não é muito diferente. Há diferença nas questões colocadas, por exemplo, nas conferências de imprensa pós jogo, dependendo se o protagonista é homem ou mulher. Os jornalistas fazem perguntas mais focadas no jogo aos atletas, quando em comparação com as perguntas que fazem às mulheres (Fu et al., 2016). Esta condução das perguntas tem como resultado a perceção que o público tem sobre os

protagonistas. Cooky et al. (2012) defende que os *media* desportivos perpetuam estereótipos de género, quando exploram as narrativas à volta das atletas, além da competição, e essa cobertura mediática influencia a perceção pública sobre o desporto feminino.

Mannion (2016) cita o trabalho de Higgs e Weiller (2003), que concluiu que os repórteres tinham maior probabilidade de discutir a aparência física de atletas do sexo feminino em termos de atratividade do que as suas competências desportivas. “O trabalho de Weiller (2003) mostra que a palavra «forte», considerada de cunho masculino, foi usada quatro vezes mais para atletas do sexo masculino do que para atletas do sexo feminino (62,9% para 16%), enquanto palavras como «fit» e «ferozes» eram usadas exclusivamente para atletas do sexo feminino.” Para Mannion, o facto de as atletas não serem mostradas a praticar os seus desportos, mas terem mais visibilidade fora desse ambiente, seja em festas ou produções fora de campo, dificulta que o público as veja apenas como atletas.

A representação das mulheres no desporto é frequentemente caracterizada pela "aniquilação simbólica", onde o discurso mediático não apenas minimiza a importância das mulheres como atletas, mas também perpetua normas de género prejudiciais defende, Tuchman (2015).

8. *Dois pesos e duas medidas*

Nem os resultados, nem as imagens sexualizadas parecem fazer o desporto feminino ter mais espaço nos meios de comunicação social. Não se escreve sobre mulheres como se escreve sobre homens.

Na sua dissertação de mestrado, “Atleta: substantivo feminino”, Paula Freire (2016) concluiu que “os meios de comunicação parecem, ainda, ter dificuldade em considerar a mulher como atleta, visível numa tendência geral para a representar, em primeiro lugar, como «mulher», contrariamente ao que acontece com os atletas do sexo masculino, que são reconhecidos automaticamente como atletas. Além disso, os meios de comunicação social mostram também uma tendência para referir certas qualidades das atletas que se associam ao género normativo e que reforçam a dominação masculina”.

Mais recentemente, Romney e Johnson (2020) quiseram investigar se, apesar do crescimento da participação feminina no desporto, a cobertura mediática das mulheres era correspondente e concluíram que a mesma continua estagnada. O estudo examinou 1.587 imagens do Instagram oficial das quatro principais redes desportivas americanas – ESPN, FOX

Sports Media Group (FOX Sports), NBC Sports e Columbia Broadcast System Sports (CBS Sports) – e os resultados indicam que a cobertura desportiva feminina está significativamente atrás da masculina, que as mulheres tendem a aparecer ao lado de homens e em modalidades “culturalmente mais apropriadas” ou em imagens fora da competição. De acordo com os investigadores, contudo, a revelação mais preocupante do estudo é que a amostra representa a cobertura desportiva do dia a dia, em oposição a grandes eventos com participação de homens e mulheres, como os Jogos Olímpicos, onde a cobertura noticiosa das competições femininas parece captar a consciência nacional e a cobertura é mais justa, embora as mulheres ainda tenham de fazer por merecê-lo (citando Hardin et al., 2002). No entanto, quando acabam os Jogos, a cobertura dos eventos desportivos das atletas femininas decresce e o ciclo de notícias é novamente dominado pelas competições masculinas tradicionais.

Os desportos femininos e as atletas femininas ganham apenas uma pequena fração da cobertura dos *media* desportivos em todo o Mundo e sugerem que isso pode dever-se a três fatores particulares que ditam regras dos noticiários desportivos: a redação ser dominada por homens, suposições arraigadas sobre leitores e audiências, e a natureza sistemática e repetitiva do noticiário desportivo (Sherwood et al., 2016).

Em Portugal, Pedro Saraiva, Virgínia Ferreira e Maria João Silveirinha, com o trabalho “Uma meta distante para as mulheres: género e imprensa desportiva em Portugal (1996-2016)”, analisaram a cobertura do desporto feminino pelos três jornais diários portugueses de desporto (*A BOLA*, *O Jogo* e *Record*) durante 20 anos e a “potencial objetificação sexual de atletas do sexo feminino” e concluíram que pouco ou nada mudou, pois os resultados “não mostram mudanças significativas na cobertura de desportos femininos nem uma diminuição significativa na sexualização de atletas, uma vez que os sinais de objetificação sexual permanecem”. Os investigadores portugueses sugerem a intervenção política para promover a igualdade entre mulheres e homens no jornalismo de desporto.

Já Toni Bruce (2016) sustenta que essa tendência está a desaparecer, considerando que, até ao início do século, vários estudos identificaram práticas através das quais os *media* desportivos ignoraram e sexualizaram as atletas. Existiam, de acordo com Bruce, seis regras não escritas que, na melhor das hipóteses, permitiam uma cobertura ambivalente num discurso sobre beleza e poder que transformava a feminilidade e a competição incompatíveis. Mas algo mudou com o *boom* da internet e das redes sociais que alterou “drasticamente o campo das representações, incluindo uma explosão na voz do público”. Por isso, Toni Bruce compilou 15 regras que representam “a amplitude histórica, tendências atuais e emergentes na representação

dos meios de comunicação social” desafiando as interpretações existentes, leia-se estereótipos, sobretudo, o da sexualização.

Diferença: 5 regras antigas

1. ***Lower broadcast production values:*** As audiências do desporto feminino são menores, logo atraem e produzem menos dinheiro, embora tenham custos igualmente elevados.

2. ***Gender marking:*** A Seleção Nacional é sempre masculina, quando à feminina é acrescentado a marca de género.

3. ***Infantilization:*** Muitas vezes, as atletas são tratadas como “as meninas” ou “as raparigas”.

4. ***Non-sport-related aspects:*** O hábito de destacar no desporto feminino áreas que nada têm a ver com a competição, como seja a vida pessoal, família, aparência, personalidade.

5. ***Comparisons to men’s sport:*** “Ronaldo de saias” e “Jordan feminino” são títulos muitas vezes utilizados para destacar exibições ou competências de atletas femininas, enaltecendo por comparação com atletas masculinos.

Diferença: 4 regras persistentes

6. ***Sportswomen don’t matter:*** A regra dominante na cobertura noticiosa diária, as desportistas não importam é uma forma de aniquilação simbólica.

7. ***Compulsory heterosexuality and appropriate femininity:*** A heterossexualidade obrigatória é evidente na preferência mediática e no destaque dado a mulheres desportistas com relações sexuais ou afetivas com homens. Este foco é argumentado para obscurecer as relações e identidades lésbicas, apesar de uma suposição persistente de que as mulheres que praticam desportos associados à força física podem ser lésbicas e um medo de que praticar desporto possa masculinizar as mulheres.

8. ***Sexualization:*** O foco mediático nas mulheres durante a competição não está nas suas habilidades atléticas, mas no potencial de atração de seus corpos femininos.

9. ***Ambivalence:*** A ambivalência pode ser a forma mais comum de representação. Manchetes focadas no desporto acompanhadas de imagens não competitivas ou sexualizadas, ou imagens de desempenho desportivo com manchetes ou textos paternalistas ou infantilizantes.

Similaridade: 4 regras atuais

10. *Athletes in action*: Embora raramente incluídas na recitação quase obrigatória da marginalização, banalização, ambivalência e sexualização das desportistas, uma vasta gama de estudos internacionais referem que as fotografias de jornais representam atletas masculinas e femininas de formas semelhantes.

11. *Serious athletes*: Há cada vez mais evidências das desportistas a serem retratadas como atletas legítimas e sérias.

12. *Model citizens*: Investigadores descobriram que as desportistas que ganham no palco internacional, e especialmente olímpico, são frequentemente representados como cidadãs nacionais bem-sucedidas e não como atletas do sexo feminino.

13. *Us and them*: O padrão cidadão modelo também pode produzir a imagem de que as desportistas nacionais são apresentadas como atletas sérias e cidadãs modelo, mas as desportistas de outras nações estão sujeitas a sexualização ou outros discursos estereotipados.

Agência: Duas regras novas

14. *Our voices*: As desportistas e os adeptos controlam o que é escrito ou difundido. As atletas contam a sua história enquanto resultado do crescimento exponencial do uso da Internet para comunicação e partilha na última década.

15. *Pretty and powerful*: Em contraste gritante com a sexualização, onde numa atleta do sexo feminino o corpo é valorizado, o facto das mesmas partilharem, juntamente com as suas conquistas, o percurso e reivindicarem a sua afirmação feminina.

9. *As mulheres entram em campo*

O termo “*persona non grata*” vem do latim e o significado literal é “pessoa não agradável”, “não querida” ou “não bem-vinda”, exatamente o que queria dizer a presença feminina nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, dado que a sua participação era proibida nas competições, bem como a sua presença nas bancadas. Anos depois, na primeira edição dos Jogos Olímpicos da Modernidade, que aconteceu em Atenas, em 1896, estiveram presentes 241 atletas de 14 países e nenhuma mulher.

Foi apenas em Paris-1900 que foi permitida a participação feminina e seria a tenista Charlotte Cooper a entrar para a história como a primeira campeã olímpica, já depois de ter ficado surda e com o beneplácito dos homens que permitiram a participação feminina nas

modalidades que consideravam adequadas ao género: golfe, ténis, hipismo, vela e *cricket*. No entanto, as mulheres eram vistas como atletas convidadas e não recebiam prémios. Os homens recebiam a coroa de oliveira e as mulheres, que representaram apenas 2% do total de participantes, levavam para casa um certificado e mesmo este contra a vontade do homem que sonhou os Jogos Olímpicos, Pierre de Coubertin, a quem é atribuída a famosa frase: “É indecente ver mulheres a torcer-se no exercício físico que o desporto exige.” O argumento era que o corpo feminino foi feito para a maternidade e não para a competição.

Antes de o Estado Novo moldar o País e o desporto também, havia vários exemplos de mulheres no desporto português. No livro *Desporto com Política*, António Simões relata vários episódios de pioneiras nesta matéria. Uma das primeiras referências de mulheres em competição é de Jeanne Anne Marie Lance, casada com Nuno Tristão Infante de Lacerda, a baronesa de Sabroso. “Em representação do Sporting entrou em competições de tiro e poucos eram os homens que lhe ganhavam” (p. 84). Corriam então os “loucos anos 20”. A revista ilustrada *Football* fez manchetes a 17 de setembro de 1921 com quatro mulheres, “As nadadoras na travessia de Lisboa”, mas seria Estela de Carvalho a virar para si os holofotes. Por muito pouco, a jovem de 16 anos, filha de português com uma espanhola, não ganhou a todos os homens a Travessia do Douro a nado. Também fazia remo e jogava ténis. Num torneio só para sócios do Ginásio Clube Português, saiu-se tão bem que pediu que a inscrevessem na Travessia do Tejo. “Não me queriam deixar nadar, disseram que não era coisa para meninas...” (p. 91). Não tardou a que a Censura se instalasse e acabasse também com a vida dupla de algumas atrizes do Parque Mayer, divididas entre o teatro e o desporto.

A ditadura do Estado Novo, entre 1933 e 1974, aniquilou direitos políticos e sociais da população em geral e das mulheres, em particular, remetidas a um papel secundário e que apenas tiveram direito pleno ao voto após a *Revolução dos Cravos*, a 25 de Abril de 1974. Até lá, a utilização política do desporto foi prática de muitos estados no século XX e “tornou-se num meio de reforço da coesão interna e uma importante forma de aumentar o prestígio nacional” (Freire, 2016).

Para garantir o sucesso da empreitada, foi criada a Mocidade Portuguesa com o objetivo de “revitalizar os jovens portugueses” e “impedir que a raça portuguesa definhasse” (Pimentel, 2007 p. 215).

Em suma, sob o jugo de Salazar, a entrada da mulher no mundo desportivo apenas se deu com a Mocidade Portuguesa Feminina, associada ao objetivo de criar uma “nova mulher

portuguesa”, definida pela domesticidade e pela maternidade. “Embora estimulada, a prática feminina de atividades físicas conheceu limitações, reservando-se para os rapazes os desportos de natureza mais militarista. A segregação entre o sexo masculino e feminino, marcada pelos diferentes espaços de sociabilização, também evidenciou a separação de funções sociais entre eles”, escreveu Irene Pimentel (2007) no livro *Mocidade Portuguesa Feminina*.

Em Portugal, como no Mundo, nunca foi fácil e a direito este percurso das mulheres no desporto, como se de uma maratona se tratasse, mas com bem mais do que os 42.125 quilómetros.

As atletas portuguesas tiveram de esperar até 1952 para pisar o mais ilustre palco desportivo do planeta e participar nos Jogos de Helsínquia, onde Dália Cunha Sammer, Natália Cunha e Laura Amorim competiram na ginástica, num total de 71 atletas em representação nacional.

Até aos Jogos de Tóquio-2020, que se realizaram apenas em 2021 depois de terem sido adiados devido à pandemia COVID-19, Portugal regista a presença de 795 atletas em Jogos Olímpicos, 660 masculinos e 135 femininos, de acordo com o *site* oficial do Comité Olímpico de Portugal. Após este evento, o hino português ecoou cinco vezes apenas, tantas quantas as medalhas de ouro conquistadas. Ao lugar mais alto do pódio subiram duas mulheres (Rosa Mota e Fernanda Ribeiro) e três homens (Carlos Lopes, Nélson Évora e Pablo Pichardo). Da história olímpica portuguesa, consta a conquista de 28 medalhas, sete das quais alcançadas por mulheres. Na última edição dos JO, no Japão, participaram 92 atletas portugueses, 56 masculinos e 36 femininos, naquela que é a maior comitiva feminina de sempre.

Mas há três anos havia ainda modalidades “proibidas” por género, e assim continuarão em Paris-2024. No caso da ginástica, a vertente rítmica não permite a participação de homens, tal como as mulheres não podem competir na luta greco-romana. Os Jogos deste ano vão abrir, pela primeira vez, a natação artística a duos masculinos, algo que até aqui também não acontecia, estando a piscina circunscrita aos pares femininos. Só há uma modalidade em que homens e mulheres disputam a mesma medalha e onde não existem torneios femininos e masculinos: o hipismo. Os Jogos Olímpicos de Paris 2024 terão a maior participação feminina da história. Metade dos 10.500 atletas que estarão na capital francesa a partir de julho deste ano (2024) serão mulheres.

Num artigo publicado na Associação de Basquetebol de Lisboa, a propósito do Dia Internacional da Mulher, Rogério Mota faz um retrato da realidade atual do desporto no

feminino: “Apesar da cada vez maior visibilidade das mulheres no desporto, continuam, no entanto, em minoria, embora segundo o Censos de 2021 o número de mulheres corresponder a 52,4% da população. O Eurobarómetro (2022), sobre Desporto e Atividade Física, revela-nos Portugal como um País sedentário, aparecendo as mulheres com 85% de ausência de atividade, superior aos homens com 75%. Nos praticantes filiados nas Federações Desportivas, no geral as mulheres representam 28% contra os 72% dos homens. No desporto de Alto Rendimento, a diferença é um pouco menor: 38% são mulheres e 62% são homens.”

10. *Jornalismo de desporto: das origens à consolidação nacional*

É num jornal em Boston, nos Estados Unidos da América, aquele que é registado como um dos primeiros artigos desportivos. Em 1733, o *Boston Gazette* escreve uma história de um combate de boxe entre John Faulcomer and Bob Russel (Beck & Bosshart, 2003).

Mas a história do jornalismo de desporto não é fácil de escrever, embora pareça irremediavelmente ligada ao futebol e ao seu aparecimento no final do século XIX.

As primeiras notícias desportivas surgem em publicações generalistas e, mais tarde, em suplementos desportivos. O jornal francês *Le Sport*, datado de 1854, é provavelmente o primeiro jornal desportivo do Mundo.

Em Portugal, o ciclismo, a ginástica e a caça enchiam as primeiras páginas desportivas, mas Francisco Pinheiro (2011) contabilizou 940 jornais com forte pendor desportivo até ao ano de 2000, apontando o primeiro, o *Jornal dos Caçadores*, em 1875.

Durou dois meses o primeiro diário desportivo português. Há 100 anos, o *Diário de Sport* publicou-se pela primeira vez, a 22 de maio de 1924. Pinheiro (2011) considera três fases na história da imprensa desportiva portuguesa: a primeira ligada ao jornalismo generalista (décadas de 1920 e 1930); a segunda assente na informação clubista e institucional (década de 1950); e a terceira apostada nas publicações especializadas (décadas de 1980 e 1990).

Durante o século XX, existiram em Portugal quatro jornais desportivos diários: *O Norte Desportivo*, *A BOLA*, *Record* e *O Jogo*, com estes três últimos a resistirem até aos dias de hoje, apesar dos números de vendas em banca estarem em queda livre – os últimos dados revelam que o *Record* coloca na rua uma média de 20 mil jornais e *O Jogo* cerca de 9 mil. *A BOLA* não é auditada, mas não faz edições diferentes destas e o seu número de assinantes é de cerca de mil.

A BOLA

A *BOLA* é o jornal diário mais antigo em Portugal a dedicar-se exclusivamente ao desporto. Cândido de Oliveira, Ribeiro dos Reis e Vicente de Melo colocaram na rua o número 1 a 29 de janeiro de 1945 e esgotaram todos os exemplares de oito páginas, vendidos a um escudo, qualquer coisa como meio cêntimo nos dias de hoje, sendo que os preços de capa atualmente são 1,50 euros

O ponto de partida dos fundadores, expresso no jornal, era simples: “A *BOLA* aparece como jornal livre, sério e honesto: nas intenções e nos processos, a dizer do bem e a dizer do mal, na crítica, na doutrina, na propaganda desportivas” (Pinheiro, 2011, p. 268). Um ano após o seu lançamento, o jornal foi suspenso durante três semanas porque que a Comissão de Censura não gostou da forma como foi tratada a seleção inglesa de futebol.



Começou a ser publicado duas vezes por semana, às segundas e sextas-feiras, e em julho de 1950 passou a ir para as bancas três vezes por semana, devido à crescente popularidade, e, em 1989, passou a ser vendido quatro vezes por semana. Finalmente, seis anos depois, em 1995, passou a diário e adotou o formato tabloide (28x40), pois o famoso e singular formato *broadsheet* tinha custos de produção bem mais elevados.

Seriam precisas dezenas de anos e dobrar o século e o milénio para o *Record* se aproximar dos números de *A BOLA*. Nos anos 80, *A BOLA* continuava a ser o mais vendido, como explica Daniel Murta (1997, p. 19): “a quota de mercado, em 1980 e em média, era de 77%, mais do triplo do *Record*” e, “em 1990, situava-se nos 41%, sendo a quota do *Record* inferior em apenas 10%, tendo a diferença diminuído, nos dois anos seguintes”. É também bastante reconhecido pelas várias comunidades portuguesas no estrangeiro, sendo vendido em países como França, Luxemburgo, Brasil, Angola ou Estados Unidos (Martins, 2008).

O jornal *A BOLA* não é auditado pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT), pelo que não é possível saber ao certo os valores da circulação.

Em 2023, o título saiu das mãos da família dos fundadores e foi vendido ao grupo suíço Ringier, cuja aposta é o mercado digital.

Record

Foi no café Restauração que nasceu o *Record*, o maior concorrente de *A BOLA* até aos dias de hoje. O jornal foi fundado em 1949 por iniciativa de Manuel Dias, atleta olímpico, que esteve presente nos Jogos de 1936, em Berlim, e era também vendedor de jornais. O maratonista e ardina ganhou a lotaria nacional e um prémio de 40 contos (200 euros nos dias de hoje). Convenceu um jornalista de *A BOLA*, José Monteiro Poças, e um professor de Educação Física ligado ao desporto, e em particular ao atletismo, Fernando Ferreira, para entrarem no negócio. A primeira edição do jornal, então semanário, saiu para a rua no dia 26 de novembro de 1949, um sábado, tendo desde logo procurado dar cobertura às restantes modalidades desportivas.



Foram impressos 15 mil exemplares e, segundo Francisco Pinheiro (2011, p. 277), foi no Restauração que nasceu a ideia do então semanário, no mesmo local onde havia sido criado, quatro anos antes, *A BOLA*. Na sua primeira edição, foram publicadas oito páginas (formato 29x42), sendo que o “custo era de um escudo e o tema principal era o futebol” (Pinheiro, 2011, p. 278).

Segundo o *site* do *Record*, ao longo dos seus 75 anos “o jornal esteve por mais de uma vez para desaparecer, em particular na sequência do período revolucionário que se seguiu a 25 de Abril de 1974”. Antes de chegar a diário, em 1 de março de 1995, o *Record* saía uma vez por semana, aos sábados. Passou a bissemanário – terças e sábados – em fevereiro de 1953 e a trissemanário – quartas, quintas e sábados – em abril de 1972. Como trissemanário, mudou várias vezes os seus dias de publicação, tendo-se fixado finalmente nas bancas às terças, sextas e domingos.

Em 19 de agosto de 1991, o *Record* tornou-se quadrissemanário e a 2 de fevereiro de 1995 – pouco antes de se tornar diário – passou a estar nas bancas cinco vezes por semana, ou seja, todos os dias exceto às quartas e sábados.

O *Record* integra-se no universo das publicações da Media Livre – atualmente, o maior grupo editorial português – ao qual pertencem títulos como *Correio da Manhã*, *Jornal de Negócios*, *Sábado*, *Máxima*, *Vogue*, *TV Guia* ou *Flash*, e é dirigido, desde 12 de março de 2019, pelo jornalista Bernardo Ribeiro.

O Jogo

Pioneiro na periodicidade e no formato, ao contrário de *A BOLA* e de o *Record*, *O Jogo* começou a sua publicação logo como jornal diário e, dos três, é também o único oriundo da cidade do Porto – os outros nasceram em Lisboa.

Sob a propriedade da Empresa do Jornal de Notícias e com a direção de Serafim Ferreira, *O Jogo* surgiu a 22 de fevereiro de 1985, com 16 páginas (com destaque para o futebol), num formato de 41x58. Segundo Daniel Murta (1997, p. 22), dois fatores contribuíram para que o jornal fosse sedado no Norte: “a) o maior clube do Norte, o F.C. Porto, conhecia naquela época os seus maiores sucessos desportivos de sempre, o que mobilizava interesse e apoio; b) o desaparecimento do *Norte Desportivo* deixou esse mesmo Norte (...) sem um jornal desportivo”.

Não foi fácil a entrada no mercado da imprensa desportiva, distribuído por *A BOLA* e o *Record*, e o novo jornal foi obrigado a “fazer uma série de reajustes editoriais em finais de 1986” (Pinheiro, 2011, p. 395), deixando de sair aos domingos, mas voltaria a inovar quando adotou o formato tabloide, sendo o primeiro dos três jornais a fazê-lo.

As dificuldades financeiras, fizeram *O Jogo* recuar para trissemanário em 1992, mas, dois anos depois nas mãos da Jornalinveste Comunicação, mudou de rumo para um “projeto que pretendia essencialmente redimensionar o jornal a nível nacional, tentando apagar o cunho regionalista que lhe era atribuído, fazendo de *O Jogo* um jornal nacional, sediado no Porto” (Pinheiro, 2011, p. 411).

No último ano, o grupo Global Media – que integra também o *Jornal de Notícias*, o *Diário de Notícias* e a rádio *TSF* – passou por várias dificuldades financeiras, com salários em atraso e a compra por um fundo financeiro internacional. Um grupo de empresários portugueses juntou-se para tentar adquirir alguns títulos do grupo, mas o negócio continua a ser trabalhado.



INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS.
SEJA RESPONSÁVEL. JOQUE COM MODERAÇÃO.

10€ GRÁTIS
NOVOS REGISTOS
CODIGO: APOSTAS



FC PORTO VS SC BRAGA
1.53 4.25 5.20
*AS ODDS PODEM SOFRER ALTERAÇÕES

AO DOMINGO



NÃO PERCA A MELHOR OPINIÃO DESPORTIVA NUMA SUPEREDIÇÃO
 // Carlos Tê // Gil Nunes // Jaime Cancell de Abreu // José João Torrinha // Jorge Coroado
 // José Eduardo Simões // Manuel Moura dos Santos // Miguel Guedes // Miguel Pedro // Rui Caeiro

6 OUTUBRO 2024

Director Jorge Maia / Director adjunto João Araújo
Director de Arte Armando Alves

Diário Ano 40, n.º 228
1,50€ IVA Inc. (Portugal continental)

20H30
SPORTS

FC PORTO - BRAGA

Vitor Bruno
"Temos uma vontade louca de ganhar"

Uma cura para duas ressacas

Empate e derrota na Liga Europa exigem reação a dragões e guerreiros

Carlos Carvalho
"Temos em busca dos três pontos"

18H00
SPORTS

NACIONAL-BENFICA

Bruno Lage assegura que Akturkoglu está recuperado e rejeita gestão

"VAMOS NA MÁXIMA FORÇA"

// Treinador garante foco total de Otamendi

BRAGANÇA E GYOKERES [G.P.] CARIMBAM OITAVA VITÓRIA NO CAMPEONATO

SPORTING 2
CASA PIA 0

ROSA SEM ESPINHOS

Amorim: "Pausa agora é boa para recuperar jogadores"

AG aprova contas e recompra do Alvaláxia

Gil Vicente-E. Amadora 3-0 Moreirense-Santa Clara 1-0 Arouca-Aves SAD 1-1

OCAPI GROUP



MADE IN ITALY

MATERIAL DE DIREÇÃO

Porto/Lisboa

Auto Silva

ACESSÓRIOS, S.A.
www.autosilva.pt

Grupo: TEMOT

11. Jornalistas desportivos

Em abril de 2023, a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista contabilizava 5.300 jornalistas em Portugal, dos quais 2.180 eram mulheres (pouco mais de 40%), mas não existe discriminação, nem descriminação, sobre a área em que trabalham. A discussão sobre as

diferentes “classes” entre jornalistas, com os desportivos a serem tratados com uma certa ligeireza, é antiga, e a sua origem é fácil de encontrar.

O título do filme do realizador italiano Ettore Scola, *Feios, Porcos e Maus*, bem podia ser usado para descrever a ideia do que eram os jornalistas desportivos durante muitos anos. A imagem da total descontração, para ser dito de forma simpática, foi assim descrita por Thompson (1973), citado por Weedon, G., & Wilson, B. (2020): “As duas chaves para o sucesso como jornalista desportivo são: (1) uma vontade cega de acreditar em qualquer coisa que lhe digam os treinadores ou qualquer «porta-voz oficial» dos donos das equipas que fornecem bebidas grátis (...) e: (2) O Thesaurus, de Roget, para evitar o uso dos mesmos verbos e adjetivos duas vezes no mesmo parágrafo.”

Guy Berger defende que, atualmente, existe pouca qualidade nas narrativas – e que o problema reside nos jornalistas (2018, p. 9) – e as consequências são óbvias com a falta de confiança do público. A observação não é específica quanto ao jornalismo de desporto, considerado novamente uma editoria menor na estrutura de uma redação, o “toy department” do jornalismo, mas naturalmente extensível ao mesmo.

Rowe (2007) – seguindo Howard Cosell – justifica que o jornalismo de desporto é visto como o “toy department” dos *media*, porque é considerado divertido e, por vezes, fútil, a “sandbox of the newsroom”, traduzindo livremente “o parque de diversões”, porque o trabalho destes jornalistas é visto como mais “brincalhão ou infantil” (Oates & Pauly, 2007, p. 336).

Autores como John Sudgen e Alan Tomilnson vão ainda mais longe e descrevem o jornalismo de desporto “como uma mera exposição de resultados, sendo um espaço para debates sobre jogadores e equipas, que acabou por criar celebridades, incluindo os próprios jornalistas desportivos” (Sudgen & Tomilnson, 2007, p. 45).

Os repórteres das décadas de 60 e 70 eram muitas vezes apoiados financeiramente pelas equipas sobre as quais estavam a escrever, algo que os editores e donos dos *media* ignoravam pois poupavam bastante. Esta cumplicidade levou Thompson (1973) a escrever que, “com raras exceções, os cronistas desportivos são uma espécie de subcultura rude e sem cérebro, bêbados fascistas, cuja única função real é divulgar e vender o que o editor de desporto manda fazer”.

Esta imagem, graças aos passos dados com a profissionalização, alterou-se bastante ao longo dos anos, contudo, existe ainda uma certa resistência em retirar o estatuto “desportivo” aos jornalistas da área. Os autores do livro *The Essentials of Sports Writing and Reporting*,

Scott Reinardy e Wayne Wanta (2015, p. 1-2) enumeram seis pontos que explicam essas diferenças e que podem fazer-nos refletir:

1. Leads – “as notícias tendem a ser mais factuais, simples e diretas. As notícias desportivas aparentam ser mais criativas”;

2. Os cinco W’s – “as notícias têm de responder às cinco perguntas habituais: quem, onde, quando, o quê, como e porquê”. As notícias desportivas “concentram-se apenas no como e no porquê”;

3. Pessoas e lugares – “as notícias tradicionais tendem a focar-se nos edifícios (o tribunal ou a esquadra da polícia), enquanto o desporto concentra-se nas pessoas”;

4. Objetividade – “as notícias dão informação equilibrada, sem qualquer opinião, enquanto os artigos desportivos incluem frequentemente avaliações das equipas e dos atletas”;

5. Fontes – “os jornalistas de outras editorias tentam manter a distância das fontes, enquanto os jornalistas desportivos constroem e mantêm o contacto com algumas fontes”;

6. Eventos – “os jornalistas desportivos sabem onde e quando é que um evento vai acontecer, enquanto os jornalistas tradicionais não conhecem os eventos e reagem às notícias”.

“Apesar da atual crise nas vendas de jornais em Portugal, os diários desportivos continuam a ser dos que mais vendem e, com o avanço tecnológico, a imprensa desportiva consolidou-se no *online*. Os três jornais possuem edições *online* e, na área apenas do digital, o *Maisfutebol* e o *ZeroZero* são órgãos de comunicação social presentes com grande relevância junto do público” (Henriques, 2014).

Também na televisão o desporto ganhou outro destaque, com vários programas nos canais especializados em informação desportiva, como na *RTP Informação*, *SIC Notícias*, *CNN* e *CMTV*, onde o desporto assume o lugar do entretenimento. No mundo da televisão portuguesa existem também cada vez mais canais exclusivamente dedicados ao desporto: *A BOLA TV*, *Eurosport*, *Sport TV*, *Eleven Sports* e *Canal 11*. Também os clubes de futebol começaram a apostar em canais desportivos próprios como é o caso da *Sporting TV*, *Benfica TV* ou *Porto Canal*.

12. O desporto rei e a globalização

Existem milhares de clubes de futebol no mundo e há adeptos para todos. A realidade é que o futebol precisou de apenas 166 anos para se tornar um fenómeno global e construir um império sem fronteiras, capaz de criar empatia em qualquer parte do globo.

Mas foi em 1858, no Sheffield Football Club, que se formalizou o primeiro conjunto de regras básicas da modalidade e, cinco anos depois, em Londres, várias associações desportivas britânicas uniformizaram as regras do jogo e nasceu o futebol. Em Portugal, reza a história que os primeiros pontapés foram dados em Carcavelos, em 1889.

A fama do jogo cresceu, tal como o número de associações e os praticantes e rapidamente se tornou uma modalidade popular. Para Cardoso et al., o futebol é um “espetáculo de massas, de bairro, de rua e de escola, de colegas de trabalho e de torneios universitários, joga-se e vibra-se pela televisão e na rádio, entre amigos ou vizinhos, nos restaurantes, nos cafés, no trânsito e no emprego, em casamentos e batizados, sem raça, sem cor ou religião ...” (2007, p.123)

Os clubes familiares e para as famílias foram “engolidos” pelas circunstâncias atuais. De um mercado local passou-se para um mercado global e os adeptos passaram a milhões de fãs. “O futebol já não é apenas o clube local ao fim-de-semana, ou a Seleção Nacional a jogar contra estrangeiros, mas também os grandes jogadores e as grandes equipas, ainda que não se tenha nenhum tipo de relação afetiva local com eles” (Barrinha & Nunes, 2004).

O futebol nacional viveu de perto um caso assim quando Martunis, com sete anos, entrou na vida dos portugueses. Tinham passado três semanas do tsunami que abalou a Indonésia, em 2004, quando o menino foi encontrado numa praia, malnutrido, desidratado e vestido com uma camisola da seleção portuguesa, orgulhoso do número 7 que trazia nas costas. Cristiano Ronaldo não ficou indiferente à história do menino apaixonado pelo futebol e decidiu visitá-lo um ano após a tragédia.

“Em jogos da Seleção Portuguesa de Futebol, elementos básicos identificativos de uma nação, como a bandeira ou o hino nacional, tornam-se símbolos de orgulho para atletas e adeptos que exaltam tais símbolos, em momentos de união patriótica. Em parte, tal deve-se à forma como o futebol está organizado atualmente – através de ligas, federações e campeonatos (nas diversas dimensões geográficas)” (Henriques, 2014), o que “fornece um fórum para a expressão das identidades coletivas e antagonismos locais e regionais” (Coelho, 2001, p. 38).

No início do século XX, os adeptos identificavam-se com as equipas da sua cidade ou do seu país. Hoje, essa ligação está diferente. O interesse em acompanhar as várias ligas estrangeiras aumentou gradualmente, de modo que as principais ligas europeias, as denominadas *Big Five*, tornaram-se produtos de sucesso. No entanto, aqui também se perderam tradições no mundo dos adeptos. Giulianotti (2005) examinou o impacto deste processo nas formas de identificação dos adeptos com os clubes de futebol. O autor enumerou quatro categorias de espectadores: *supporter*, *followers*, *fan* e *flâneur*.

O *supporter* tem uma ligação emocional com o clube, a demonstração de apoio é obrigatória, uma vez que a relação com o clube se assemelha à relação com familiares; o *follower* é seguidor do clube, mas também de jogadores e, graças ao crescimento do futebol televisado, consegue acompanhar qualquer equipa, tornando-se adepto de vários clubes; o *fan* é um adepto de um clube por causa de jogadores específicos, e é reconhecido através do consumo de produtos, como compra de camisolas com o nome do jogador; por fim, o *flâneur* tem uma relação de distanciamento com os clubes, mesmo com o clube de eleição, pois esta baseia-se na televisão e na internet, e é por isso baixa em termos emocionais.

Nenhuma destas categorias, excluiu, na atualidade, uma ligação direta ou indireta à globalização, o fenómeno que facilitou o acesso a clubes de qualquer parte do mundo, multiplicando a origem dos adeptos e promovendo as equipas de futebol a empresas e, necessariamente, marcas globais. Os órgãos de comunicação social tiveram um papel fundamental nesta nova realidade e na influência social da mesma, tamanha a exposição e a oferta com o aparecimento de televisões privadas em vários países, além dos desenvolvimentos tecnológicos que permitiram a explosão de canais no cabo e satélite. Contando canais terrestres e por cabo, a Europa passou de 20 canais de televisão, em 1984, para mais de 250, em 1997 (Barrinha & Nunes, 2004).

Esta relação dos *media* com os clubes tornou-se um círculo vicioso. Os clubes de massas e as seleções são alvo de uma enorme cobertura e têm com os *media* uma relação de interdependência, pois os milhares de adeptos garantem elevadas audiências, que valem orçamentos de milhões de euros e estruturas cada vez mais profissionalizadas. Isso implica mais pressão e grande exposição mediática. “O futebol sobressai como a modalidade desportiva mais popular na globalidade dos países europeus. (...) destaca-se como o desporto que mais público mobiliza, granjeando adeptos em todos os grupos e quadrantes sociais. Nesta linha o futebol ergue-se como «desporto rei», impondo-se na qualidade de desporto universal” (Gonçalves, 2002, p. 105).

Hoje, a relação entre o público e os clubes é mediada também pelas redes sociais, mas muito ainda pelos órgãos de comunicação social que se expandiram para as redes. Os adeptos sabem das contratações da equipa pelos *media*, é por eles que ouvem as declarações do jogador favorito ou do treinador adversário; é através dos *media* que ouvem o presidente do clube traçar o futuro e justificar o presente. É através dos *media* que os protagonistas fazem ouvir a sua voz. Barrinha e Nunes (2004) não têm pudor em afirmar que “nenhum outro acontecimento televisado, de qualquer tipo, atingiu até hoje as audiências mundiais de um Campeonato Mundial de Futebol. E entre os dez eventos televisados com maiores audiências a nível planetário, mais de metade deles constituem competições de futebol internacional, envolvendo representações nacionais, nomeadamente as finais do Campeonato do Mundo”. Os investigadores justificam que o futebol é o “desporto rei”, recordando que há mais filiados na FIFA (211) do que países membros da ONU (193). Podemos acrescentar: o Fundo Monetário Internacional (190) ou a Organização Mundial de Saúde (192). Barrinha e Nunes (2004) reiteram a ideia ao afirmarem que, “de certa maneira, a FIFA tornou-se numa organização mais global do que a própria ONU, uma vez que integra federações nacionais sem Estado: dá notoriedade a certos sentimentos nacionais, que em troca fazem crescer o negócio d’A BOLA”.

Eram sete (França, Bélgica, Dinamarca, Países-Baixos, Espanha, Suécia e Suíça) os membros da Federação Internacional de Futebol (FIFA) quando foi criada, em Paris, em 1904. O principal objetivo, na altura, era regular o futebol a nível mundial e aplicar sanções a clubes e jogadores, caso houvesse necessidade. Perante o aumento de praticantes e modalidades, em 1930 realizou-se o primeiro Campeonato do Mundo de Futebol, no Uruguai, e este é, até hoje, o principal evento futebolístico, realizado de quatro em quatro anos.

Do ponto de vista desportivo, é o desporto mais praticado e com a maior base global de fãs. Em 2006, a FIFA reportou um total de 270 milhões de participantes, representando 4% da população mundial na época. O futebol tem a capacidade única de mobilizar massas e multidões em todo o mundo, sendo uma atividade comum em diversos contextos sociais e educacionais.

Os últimos campeonatos do Mundo tiveram milhares de milhões de espectadores. Segundo a FIFA, mais de 1,1 biliões de pessoas acompanharam a final do Campeonato do Mundo em 2018, ou seja, mais de metade da população do planeta mostrou interesse na competição, reiterando os números que mostram que as transmissões das competições desportivas são as que atraem maiores audiências.

O futebol é um desporto visto por milhões um pouco por todo o Mundo, mas, irónica e proporcionalmente, é muito baixo o número de pessoas que assistem *in loco* ao espetáculo, sendo esta relação apaixonada mantida pelos *media* e, sobretudo, pela televisão, que transforma o jogo num espetáculo mediático e num negócio que envolve muito dinheiro e emprega muitas pessoas.

Ao longo dos últimos anos, os clubes que representavam determinados ideais, hábitos e identidades, determinados grupos de pessoas, perderam um pouco a sua identidade, deixaram de atrair famílias inteiras aos estádios devido ao peso da lógica económica que faz subir o preço dos bilhetes e estabelece horários pouco atraentes para o público, mas convenientes para as televisões detentoras dos direitos de transmissão.

Na perspetiva financeira, o futebol é um dos principais motores económicos globais. A final da UEFA Champions League de 2022, por exemplo, registou uma audiência global de 480,67 milhões de espectadores e gerou uma receita total de 2.797,6 milhões de euros.

Se a isto somarmos transferências, direitos televisivos, prémios de desempenho, aumento da capacidade dos estádios, receitas de bilheteira e *merchandising*, não restam muitas dúvidas de que o futebol é o principal motor da indústria desportiva, transformando-se num *billion dollar business* (Sakinc, 2017).

Portugal não é diferente nem indiferente a este fenómeno, naturalmente. “O futebol da televisão é um dos mais importantes geradores de audiência. Não todo, claro, só o de melhor qualidade e o que envolve os clubes com mais adeptos: Benfica, FC Porto e Sporting. Além da Seleção Nacional, claro, e das grandes provas internacionais. Enquanto garante de boa e diversificada audiência, o futebol atrai publicidade e, segundo diversos estudos, garante retorno. O que, por sua vez, atrai mais interesse e publicidade” (Sobral, 2006, p. 69). Em Portugal tudo é semelhante, exceto os valores quando convertidos para a nossa realidade, mas relativos quando comparados com outras realidades europeias. Mas o futebol também é rei neste cantinho da Europa e dominou a nível de audiências dos canais generalistas portugueses no ano de 2023. E não foi diferente nos anteriores.

Televisão&Media					
Programas mais vistos de 2023					
	Canal	Data	Programa	Telespectadores	Share
1	RTP1	09/08	Benfica - FC Porto Supertaça Cândido de Oliveira	2 368 960	49,1%
2	RTP1	26/03	Luxemburgo - Portugal Euro 2024: Qualificação	2 312 410	44,0%
3	RTP1	23/03	Portugal - Liechtenstein Euro 2024: Qualificação	2 255 700	42,2%
4	TVI	19/04	Inter Milão - Benfica Liga dos Campeões	2 250 310	43,8%
5	TVI	11/04	Benfica - Inter Milão Liga dos Campeões	2 167 500	41,7%
6	RTP1	13/10	Portugal - Eslováquia Euro 2024: Qualificação	2 154 720	44,1%
7	RTP1	20/06	Islândia - Portugal Euro 2024: Qualificação	2 150 180	46,0%
8	RTP1	11/09	Portugal - Luxemburgo Euro 2024: Qualificação	2 118 520	42,7%
9	RTP1	16/10	Bósnia-Herz. - Portugal Euro 2024: Qualificação	2 032 340	40,0%
10	SIC	20/04	Sporting - Juventus Liga Europa	1 964 310	40,2%
11	RTP1	19/11	Portugal - Islândia Euro 2024: Qualificação	1 962 930	37,8%
12	RTP1	08/09	Eslováquia - Portugal Euro 2024: Qualificação	1 959 940	41,6%
13	SIC	13/04	Juventus - Sporting Liga Europa	1 909 730	37,8%
14	SIC	28/01	Sporting - FC Porto Allianz Cup: Final	1 902 480	38,4%
15	SIC	16/03	Arsenal - Sporting Liga Europa	1 902 370	36,8%
16	TVI	07/03	Benfica - Club Brugge Liga dos Campeões	1 898 070	36,7%
17	TVI	03/10	Inter de Milão - Benfica Liga dos Campeões	1 870 010	38,3%
18	RTP1	16/11	Liechtenstein - Portugal Euro 2024: Qualificação	1 790 210	36,8%
19	TVI	24/10	Benfica - Real Sociedad Liga dos Campeões	1 720 590	33,3%
20	RTP1	17/06	Portugal - Bósnia Herz. Euro 2024: Qualificação	1 710 070	42,7%

A década de 90 trouxe a Portugal as televisões privadas (SIC e TVI) e com as mesmas outros palcos para o desporto, nomeadamente, o futebol (Neves, 2006). Os novos *players* foram a jogo e nada mais foi como antes. Para Coelho e Tiesler (2006), Portugal passou definitivamente a ser reconhecido como “país de futebol” depois do EURO-2004, que acolheu e no qual chegou à final. Nessa altura, os três jornais desportivos vendiam 200 a 300 mil exemplares diariamente e até a imprensa generalista se dedicava ao fenómeno. Também por isso, Roland Robertson e Richard Giulianotti acreditam que “o futebol não tem rival que possa ser classificado como jogo mundial” (2006, p. 10).

13. Futebol no feminino

A britânica Netty Honeyball é considerada a mãe do futebol feminino após criar o primeiro clube desportivo denominado Bristish Ladies Football Club. Corria o ano de 1894 e a ativista dos direitos da mulher acreditava no futebol feminino e que a mulher podia emancipar-se e ter um lugar de destaque na sociedade. Pouco depois, com a primeira Guerra Mundial, os

homens pegaram nas armas e as mulheres foram ocupar os seus lugares nas fábricas e, nas pausas, o futebol ajudava a passar o tempo. Começaram a organizar-se, primeiro com o objetivo de ajudar instituições e, mais tarde, com a competição mais séria. Em 1917, nasceu a “The Muttionettes Cup”, a Taça da Fábricas, e com ela uma das equipas mais conhecidas do início da história do futebol feminino: as Dick Kerr’s Ladies. A 26 de dezembro de 1920, no *boxing day*, o jogo entre St. Helen’s Ladies e Dick Kerr’s Ladies juntou 53 mil espectadores no Goodison Park, em Liverpool, e mais uns quantos milhares que não conseguiram lugar, tal a popularidade do futebol feminino. Diz-se até que o jogo entre as equipas masculinas do Liverpool e Arsenal nessa mesma tarde teve uma assistência menor.

A Associação de Futebol Feminino tinha 44 clubes em 1969. O entusiasmo das inglesas foi contagiando o resto da Europa e do Mundo e, em 1971, organizou-se um ensaio de Campeonato do Mundo de Futebol Feminino, no México, sob responsabilidade da Federation of Independent European Female Football (FIEF). Competiram seis seleções (México, Argentina, França, Itália, Dinamarca e Inglaterra) e as dinamarquesas foram as vencedoras após derrotarem (3-0) o México. Este tipo de prova, denominada Mundialito, resistiu até 1991 quando a FIFA, finalmente, e após a pressão de milhares de jogadoras espalhadas pelo Mundo inteiro, cedeu e organizou o primeiro Campeonato do Mundo de Futebol Feminino. A prova realizou-se na China e as primeiras campeãs do Mundo foram as norte-americanas após triunfo (2-1) frente à Noruega.

O crescimento do futebol feminino, porém, só seria possível com a entrada em cena dos clubes e a criação de ligas profissionais em países como Suécia, Alemanha, Espanha, França e Inglaterra. Em 2009, foi criada a Liga dos Campeões feminina. Mais um pontapé no preconceito que estabeleceu um *Record* mundial de espectadores femininos nas meias-finais de 21/22, com 91.648 pessoas a assistirem ao jogo entre o Barcelona e o Wolfsburg. Segundo a FIFA, 1.12 mil milhões de espectadores acompanharam o mundial feminino de 2019 (França), com as audiências a duplicarem face ao torneio anterior, no Canadá-2015.

Em Portugal, não há ainda um levantamento histórico sobre o futebol feminino. A Federação Portuguesa de Futebol está a produzir um livro, ainda não publicado, e os registos que possui são escassos. A primeira referência a um jogo de futebol feminino é de 1935, num domingo de Carnaval, em que o Feirense recebeu e perdeu (1-3), no Campo do Montinho, uma equipa de Paços de Brandão. Mas seria preciso esperar até 1981 para vermos a primeira Seleção Nacional. A Federação Portuguesa juntou 16 jogadoras que atuavam nos distritais e foi a Le Mans empatar a zero com a França. A lista das 16 atletas que integraram a primeira Seleção

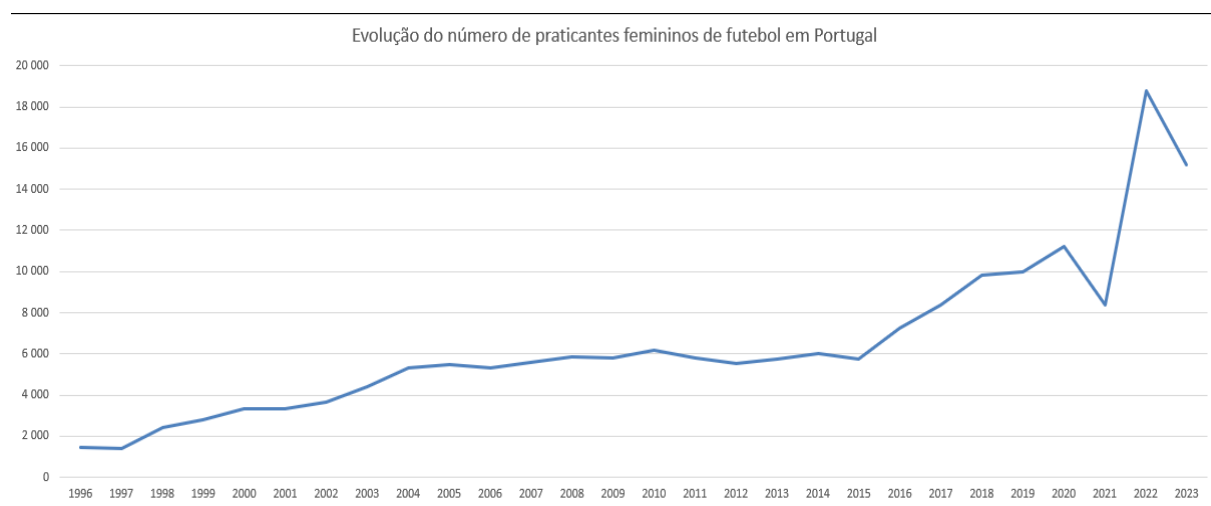
Nacional de Futebol foi publicada na revista da Federação recentemente e não identifica as posições das atletas, mas sim idade e profissão, entre as quais se apresentavam estudantes, enfermeiras, desempregadas, tecedeiras, etc. Havia, na altura, 17 clubes em Portugal e cerca de 300 praticantes, e Portugal estreou-se frente à Suíça na qualificação para o Europeu, em 1982, e perdeu fora por 2-0. Perdeu novamente com a Itália e empatou com França. Um ano depois, porém, o primeiro triunfo da história, frente à Espanha (1-0). Em 1985, foi criada a Taça Nacional de Futebol Feminino que serviria para determinar o campeão nacional até 1993, mas, a partir do ano seguinte, foi substituída pelo campeonato nacional.



A 25 de outubro de 2016, curiosamente, um dia depois de comemorarem os 35 anos do histórico jogo em Le Mans, o futebol feminino escreveu mais uma linha na sua história após empatar a um gol na Roménia, no *play-off* de apuramento para o EURO-2017, e garantia pela primeira vez a presença numa fase final de um Campeonato da Europa de futebol. Depois disso, repetiria a presença no EURO-2021 e, há um ano, finalmente abriram-se as portas do Mundial.

Existem em Portugal, segundo os dados mais recentes do IPDJ (2023) um total de 773.800 federados, dos quais 243.909 estão inscritos como mulheres.

Do total de atletas, 215.048 estão inscritos na Federação Portuguesa de Futebol, que lidera o *ranking* com maior número de praticantes, seguida da Federação Portuguesa de Natação (103. 494), ressalvando-se que esta entidade entendeu que qualquer pessoa, de qualquer idade que pratique natação, tem de ser federada. Em terceiro lugar deste *ranking* surge o voleibol com 59.202.



Fonte: elaboração própria

No que ao futebol diz respeito, e focando-nos nos seniores, em masculinos o total de praticantes é de 38.685, e as seniores femininas são 4.206. Melhor só o “campismo e montanhismo”, com 5.591 praticantes.

14. Protocolo metodológico

Este trabalho propõe uma reflexão e análise crítica sobre a forma como os dois jornais desportivos diários trataram em termos editoriais a participação da Seleção Nacional de Futebol Feminino no Campeonato do Mundo que se realizou em 2023 na Austrália e da Nova Zelândia, e como lidam com a linguagem inclusiva. O principal objetivo é perceber de que forma são representadas as jogadoras e se a linguagem utilizada é neutra em relação ao género.

Tendo assumido este repto, começámos por identificar a pergunta de partida à qual queremos dar resposta e algumas hipóteses que poderão justificá-la.

Pergunta de partida: De que forma a linguagem utilizada nos jornais desportivos portugueses promove a inclusão de género?

Hipótese 1: A linguagem utilizada nos jornais desportivos portugueses perpetua estereótipos de género.

Hipótese 2: A linguagem utilizada para noticiar competições masculinas e femininas constrói narrativas desiguais nos jornais diários desportivos.

Hipótese 3: A linguagem utilizada pelos profissionais dos jornais desportivos portugueses não conforma questões da linguagem inclusiva de género.

A metodologia de pesquisa adotada é qualitativa. Segundo Flick (2009), “a pesquisa qualitativa não se baseia num único conceito metodológico, mas sim em diversos pontos de vista, sendo que os pontos de vista subjetivos constituem o primeiro ponto de partida”. A pesquisa qualitativa ajuda o pesquisador a não ignorar o contexto no qual está inserido e as suas posições, mas, na verdade, qualquer pesquisa exige do investigador um envolvimento tal que o seu objetivo de investigação passa a fazer parte de sua vida; aliás, a temática deve ser realmente uma problemática vivida pelo próprio, deve dizer-lhe respeito, não apenas de forma emocional, mas ao nível da relevância por si abordada e da relação com o universo que o envolve.

No nosso caso, dado tratar-se de um relatório de atividade profissional e por exercer jornalismo na área desportiva há mais de 25 anos e ser mulher num meio, ainda, tradicionalmente masculino, pareceu-nos a opção mais adequada. “A escolha de um tema de pesquisa, e a sua realização, necessariamente é um ato político. Neste âmbito, não existe neutralidade” (Flick, 2009, p. 145).

Ao procurarmos responder às questões “como” e “porquê”, identificamos esta pesquisa qualitativa como um estudo de caso. Os estudos de caso qualitativos tendem a permitir uma melhor compreensão sobre assuntos complexos e acrescentar informação importante aquela que descobrimos durante a revisão de literatura. Este método, defende Becker (1994), ajuda a compreender o fenómeno ou o caso que estamos a estudar, integrado no seu contexto, o que permite fazer descrições, testar teorias ou criar novas ideias.

De forma a validar (ou não) as nossas hipóteses, este estudo tem por base a análise de conteúdo. Seguindo de perto Bardin (1997), conforme indicação de Santos (2012), organizámos a análise de conteúdo em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na fase de pré-análise, organizámos o material a ser analisado, lemos e definimos o período que seria analisado, que, neste caso, foram as edições impressas dos jornais no período em que se realizou o Campeonato do Mundo de Futebol Feminino com a presença da Seleção Nacional sénior, mas foram acrescentados dois momentos: o jogo em que ficou garantido que Portugal estaria presente no Mundial da Austrália e da Nova Zelândia e a chegada a Portugal da equipa depois do torneio. A exploração do material

constituiu a segunda fase, durante a qual definimos as nossas categorias de análise. A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Uma vez que o nosso objetivo principal é analisar se a linguagem utilizada pelos jornais desportivos perpetua os estereótipos de género devido à forma como a mulher que pratica desporto profissional é representada, pareceu-nos pertinente escolher a participação, pela primeira vez na história, da Seleção Feminina de Futebol, no Mundial, que se realizou na Austrália e na Nova Zelândia, entre 20 de julho e 20 de agosto de 2023. A escolha deste evento, em particular, teve a ver como facto de estarmos a falar de uma presença inédita numa modalidade, o futebol, que mais impacto tem no panorama desportivo mundial, por ser o desporto rei. Esta foi a nona edição do Mundial que, pela primeira vez, contou com a participação de 32 equipas (736 atletas), 32 anos depois do primeiro Campeonato do Mundo (1991) que teve 12 candidatas ao troféu. Mais, de acordo com o presidente da FIFA, Gianni Infantino, o Campeonato do Mundo de 2023, “foi a maior e melhor edição de todos os tempos”, gerou mais de 570 milhões de dólares de faturação o que permitiu à FIFA “atingir o ponto de equilíbrio”, e triplicar os prémios financeiros em relação à edição de 2019, realizada na França, elevando-os para um total histórico de 152 milhões de dólares (cerca de 139 milhões de euros), 10 vezes mais do que para o Campeonato do Mundo de 2015, no Canadá. Os primeiros números apontam para uma audiência mundial de 2 mil milhões de espectadores e as plataformas digitais da Fifa receberam mais de 50 milhões de visitantes ao longo do torneio – um aumento de 130% em relação ao Mundial França 2019.

Como já referido, o período de análise é o da participação da Seleção Feminina de Futebol no Campeonato do Mundo de Futebol que se realizou na Austrália e na Nova Zelândia, em julho de 2023, tendo como objeto de estudo os maiores dois diários desportivos em Portugal (*A BOLA* e o *Record*). Apesar das várias solicitações feitas ao Jornal *O Jogo*, os serviços nunca responderam ao pedido de acesso ao arquivo para poder analisar os conteúdos publicados. Acabámos, por isso, de abdicar daquele que é considerado o terceiro jornal desportivo em termos de audiências e impacto, e focarmo-nos nas duas referências e rivais.

Foram considerados três momentos de análise: o primeiro corresponde ao jogo de qualificação para o Mundial; o segundo, ao torneio propriamente dito, sendo que aqui estão incluídos os dias que antecedem a estreia, passados já no local do evento; e, o terceiro, o regresso a Portugal, depois da participação da equipa no Mundial, considerando duas semanas para melhor avaliar o eco do feito inédito das atletas e o final do Campeonato.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, as estratégias metodológicas utilizadas partem da proposta de Toni Bruce (2016) e das regras enumeradas pela autora. Bruce, embora atualmente sustente que os estereótipos de género no desporto feminino estão a desaparecer, considerava que, até ao início do século, vários estudos identificavam práticas através das quais os *media* desportivos ignoraram e sexualizaram as atletas. Existiam, de acordo com Bruce, regras não escritas que, na melhor das hipóteses, permitiam uma cobertura ambivalente num discurso sobre beleza e poder que tornavam os conceitos de feminilidade e competição incompatíveis.

Mas algo mudou com o *boom* da internet e das redes sociais que alterou “drasticamente o campo das representações, incluindo uma explosão na voz do público”. Por isso, Toni Bruce compilou 15 regras que representam “a amplitude histórica, tendências atuais e emergentes na representação dos meios de comunicação social”, desafiando as interpretações existentes, leia-se estereótipos, sobretudo o da sexualização.

A autora estabeleceu quatro categorias – conferir com o ponto 8, *Dois pesos e duas medidas* - e, dentro de cada uma, várias subcategorias que utilizaremos para criar uma grelha para a análise dos artigos publicados nos dois jornais diários desportivos. No final desta pesquisa, pretende-se compreender se há fatores que favorecem os discursos de estereótipos de género através da linguagem usada nos jornais desportivos portugueses e por que razão as recomendações nacionais e internacionais não são seguidas.

Retomemos a proposta de Toni Bruce:

Regras antigas - *Ainda existem, mas pesquisas sugerem que já não são mais tão prevalentes*

1. Valores de produção de transmissão mais baixos: A cobertura do desporto feminino usava menos câmaras, menos estatísticas e menos *replays*. Os comentadores eram homens e tinham pouco conhecimento das jogadoras. A qualidade era má, de uma forma geral, e fazia o desporto feminino parecer chato.

2. Marca de género: Existe o futebol e existe o futebol feminino. Existe o Campeonato do Mundo e existe o Campeonato do Mundo feminino. Este é o conceito por detrás da marca de género – o desporto masculino é descrito apenas como desporto; o desporto feminino não, está sempre associado ao género.

3. Infantilização: Era comum que a cobertura descrevesse mulheres como meninas ou jovens ao longo do século XX. O problema não é chamar meninas às mulheres, mas sim que isso acontecesse apenas em relação a estas e não aos homens.

4. Aspectos extra desportivos: Estudos têm mostrado um alto nível de atenção à vida pessoal, aparência e família das mulheres. Esta tendência está a diminuir, mas não desapareceu.

5. Comparações com masculino: "Ela é a versão feminina de Usain Bolt". Estas declarações pretendem bajular as mulheres, mas, na verdade, são outra forma de apresentar o desporto masculino como padrão pelo qual o feminino deve ser julgado.

Regras persistentes - Estabelecidas e difíceis de mudar

6. Atletas não importam: A cobertura dos desportos femininos nos *media* é muito baixa. Na Nova Zelândia, por exemplo, tem uma média de 10% de cobertura desde 1980.

7. Heterossexualidade compulsória/feminilidade apropriada: "Ok, pode ser atleta, mas apenas de forma feminina." Esta regra vê a feminilidade como incompatível com a força física. A cobertura desportiva enfatiza a feminilidade heterossexual e representa negativamente identidades lésbicas e corpos de "aparência masculina".

8. Sexualização: Esta regra mostra que os *media* se focam nos corpos das atletas em vez das suas habilidades atléticas. Isto é muito comum nos Estados Unidos, onde as atletas são mostradas em poses sensuais em revistas.

9. Ambivalência: Quando uma atleta recebe cobertura mediática, esta foca-se tanto nas suas competências e resultados, quanto nos atributos associados à infantilização, feminilidade compulsória e sexualização. Estas contradições continuam a colocá-la fora das "normas".

Regras atuais - Foco em situações em que a cobertura de atletas femininas é semelhante à de atletas masculinos

10. Imagens de ação: A cobertura mediática mostra o poder e a força das mulheres. Pesquisas mostram que imagens de atletas femininas a competir em eventos são semelhantes às dos homens, porém, o número de imagens é menor.

11. Competência: As mulheres são cada vez mais retratadas como atletas sérias, com mais foco nas habilidades do que no passado. Isso é particularmente evidente em eventos globais como os Jogos Olímpicos.

12. Cidadãs modelo: Quando as mulheres vencem, principalmente se forem do nosso país, são vistas como se estivessem a defender-nos, a honrar o nosso país, são pessoas que devemos admirar. Os estereótipos que temos para nós, associamo-los a elas. Podem ser fortes e determinadas, por exemplo.

13. As nossas e as outras: Contudo, apenas colocamos estes estereótipos nas mulheres do nosso próprio país, não nas dos outros. As nossas atletas são cidadãs modelo, fortes e determinadas, atletas sérias, mas excessivamente feminilizamos ou sexualizamos as mulheres de outros países.

Regras Emergentes-online - Novas tendências na era da internet

14. Discurso direto: Quer atletas, quer adeptos podem, agora, produzir conteúdos de *media*, graças aos sites, blogues e redes sociais. A internet permitiu que vozes alternativas ganhassem atenção nos media tradicionais.

15. Empoderamento: Pode ser feminina e uma campeã mundial poderosa e determinada. Atletas femininas que são representadas de ambas as maneiras são frequentemente aquelas que ganham destaque nas redes sociais. Nos EUA, um estudo mostrou que as atletas são classificadas como mais atraentes do que as modelos. É difícil dizer se isto é realmente positivo ou apenas outra forma de sexualização. Nos EUA, os atletas vistos como atraentes tendem a ser brancos, magros, altos e heterossexuais.

Categoria	Status	Foco	Definição inicial
1. Valores de produção e transmissão mais baixos	Antigas	Diferenças	Homem
2. Marca de género			
3. Infantilização			
4. Aspetos extra desportivos			

5. Comparações com masculino			
6. Atletas não interessam	Persistentes		
7. Heterossexualidade compulsória/feminilidade			
8. Sexualização			
9. Ambivalência			
10. imagens de ação	Atuais		
11. Competência			
12. Cidadãs modelo			
13. As nossas e as outras			
14. Discurso direto	Emergentes	semelhanças	Mulher
15. Empoderamento			Ambos

Fonte: elaboração própria

15. Ups, é uma menina... Apresentação de resultados

Ainda as “Navegadoras” não tinham dado a volta ao Mundo para aterrarem na Austrália e já a polémica se instalava em alguns meios devido ao vídeo de apoio à equipa e que o presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes, disse o levou “às lágrimas”. Sob o título “É uma menina!”, a campanha contou com a participação do selecionador nacional, Francisco Neto, e algumas das jogadoras da equipa, como Ana Borges, Ana Capeta, Ana Rute Rodrigues, Dolores Silva, Jéssica Silva, Kika Nazareth e Vanessa Marques.

A história começa com um casal a descobrir que vai ter um filho que, afinal, é uma filha. Durante vários anos, o pai ignora que a filha joga futebol, colado à televisão, até ao dia em que se rende às suas habilidades. “Trata-se de uma história inspiradora com a qual muitos de nós nos podemos relacionar, seja porque somos mulheres, pais, porque temos aspirações e sonhos. A campanha mostra que «o mundo já está a mudar o mundo» – da mesma forma que o percurso futebolístico da filha convence o pai a apoiar decididamente as suas aspirações, também a qualidade das jogadoras portuguesas tem vindo a mudar mentalidades e a conquistar fãs em todo o país. Temos muito orgulho no crescimento do futebol feminino, que apoiamos desde 2018”, afirmou, em comunicado, Constança Macedo, diretora executiva de Comunicação e Marca do BPI, patrocinador da Seleção.

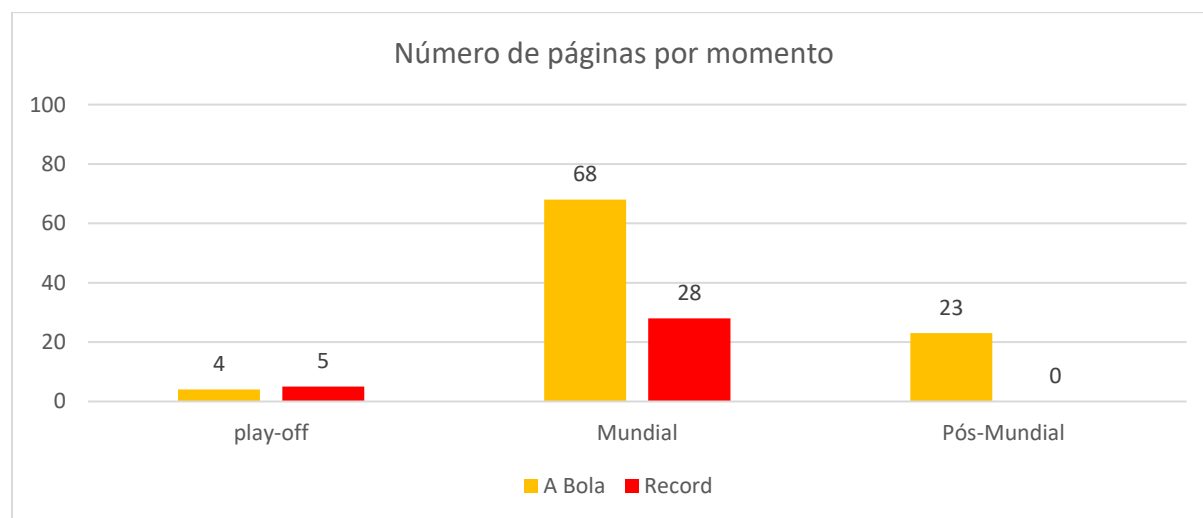
Uma visão bem diferente mostrou Henrique Raposo, cronista do jornal *Expresso*, num artigo de opinião com o título “O machista fofinho”. Defende Raposo: “O futebol feminino neste anúncio do BPI e da FPF surge como um paliativo masculino: as meninas jogam à bola só para compensarem os pais, que estão tristes por não terem filhos machos e futebolistas. É a mulher – a filha – ao serviço das expectativas do homem – o pai. É a mulher sem vontade própria, um mero anexo da vontade do homem. O anúncio quer ser positivo e moderno, mas mostra como o machismo está na própria forma de pensar. Quiseram fazer uma casa feminista, mas só têm tijolos machistas.”

Análise quantitativa

Para a nossa análise foram recolhidas as notícias publicadas no *Record* e em *A BOLA*. Ambos os jornais tinham espaço dedicado diariamente ao Campeonato do Mundo e por isso apenas as notícias publicadas nesse espaço foram analisadas. Foram recolhidas 43 edições dos respetivos jornais, exatamente entre os mesmos períodos do *Record* e de *A BOLA*.

Num total de 128 páginas completas, embora em todos os dias ambos os jornais tenham sempre pontuado o evento, ainda que com formatos menores.

Gráfico 1. Número de páginas por órgão para cobertura noticiosa do Mundial



Fonte: elaboração própria

Play-off

O primeiro momento em análise situa-se na véspera do jogo de qualificação e apesar de se realizar do outro lado do Mundo, *A BOLA* dedicou abertura de páginas nos dois dias antes do jogo decisivo com os Camarões.

No dia do jogo, e apesar da diferença horária – o jogo realizou-se às 7h00 da manhã em Portugal continental – fez uma chamada de 1.^a página e dedicou quatro páginas ao momento histórico que só sairia para as bancas no dia seguinte, 24 horas depois do acontecimento.

O *Record* tinha um jornalista enviado-especial para acompanhar o jogo da Seleção Nacional, e mesmo sendo um *free lancer*, marcou presença no momento. Nos dois dias anteriores, o jornalista escreveu aberturas em cada um dos dias e, no dia do jogo, dedicou-lhe três páginas.

Em termos de espaço, quer *A BOLA* quer o *Record* dedicaram espaço semelhante, ainda que *A BOLA*, mesmo sem enviado-especial, tenha disponibilizado mais uma página para a cobertura e tenha feito chamada de primeira página.

Mundial

A Seleção Nacional viajou para a Nova Zelândia cerca de uma semana antes do início do Mundial, para melhor gerir a questão do *jet lag*. Durante esse período, o *Record*, que voltou a contratar um *free lancer* para garantir a presença de um enviado-especial na prova, apenas teve reportagem *in loco* a partir do dia que marcou o início da prova. Na semana anterior, os textos foram produzidos da redação, com o apoio de *press releases* e imagens fornecidas pela Federação Portuguesa de Futebol.

A BOLA não teve qualquer enviado-especial e todos os textos produzidos no jornal foram feitos na redação com recurso a *press releases*, comunicados oficiais da Federação de Futebol que forneceu também fotografias locais.

Até ao arranque da competição, o *Record* nunca produziu uma página completa sobre a Seleção Nacional, embora diariamente tenha feito apontamentos sobre a presença da equipa na Nova Zelândia. *A BOLA* apresentou praticamente uma página diária sobre os trabalhos da Seleção na Nova Zelândia.

A partir do dia 20, os dois jornais começaram a aumentar o espaço dedicado à equipa portuguesa, mas a análise quantitativa revela uma superioridade diária de *A BOLA* em relação ao *Record*. Em pelo menos nove edições, *A BOLA* produz quatro ou mais páginas, enquanto o *Record* apresenta no máximo três páginas numa mesma edição, o que aconteceu três dias precisamente.

Durante o período considerado para este segundo momento de análise – Campeonato do Mundo – foram considerados os dias desde a partida da Seleção Nacional para a Nova Zelândia,

a 12 de julho, até à receção pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no regresso a Portugal, a 3 de agosto. Nestes dias, os dois jornais produziram notícias – no caso de *A BOLA* que não teve ninguém no local – e reportagens – no caso do *Record* com um enviado-especial – diariamente.

Além de notícias, *A BOLA* fez duas entrevistas em Portugal, ambas com antigos jogadores internacionais – António Simões e Éder – a falar da participação da Seleção Nacional.

Quer o *Record*, quer *A BOLA* fizeram uma reportagem na ilha da Madeira, local onde cresceu uma jogadora após o golo que esta marcou no Mundial e ambas foram publicadas no mesmo dia.

O *Record* baseou o seu trabalho quase exclusivamente em acompanhar a Seleção Nacional e o dia a dia da mesma, enquanto *A BOLA* dedicou espaço à competição de outras equipas, neste caso *A BOLA* recorreu às agências de notícias e *sites* internacionais, quer para conteúdos informativos, quer para imagens.

A BOLA fez 95 páginas, com sete chamadas de primeira página durante este período, e o *Record* 33 páginas e nenhuma chamada de primeira página.

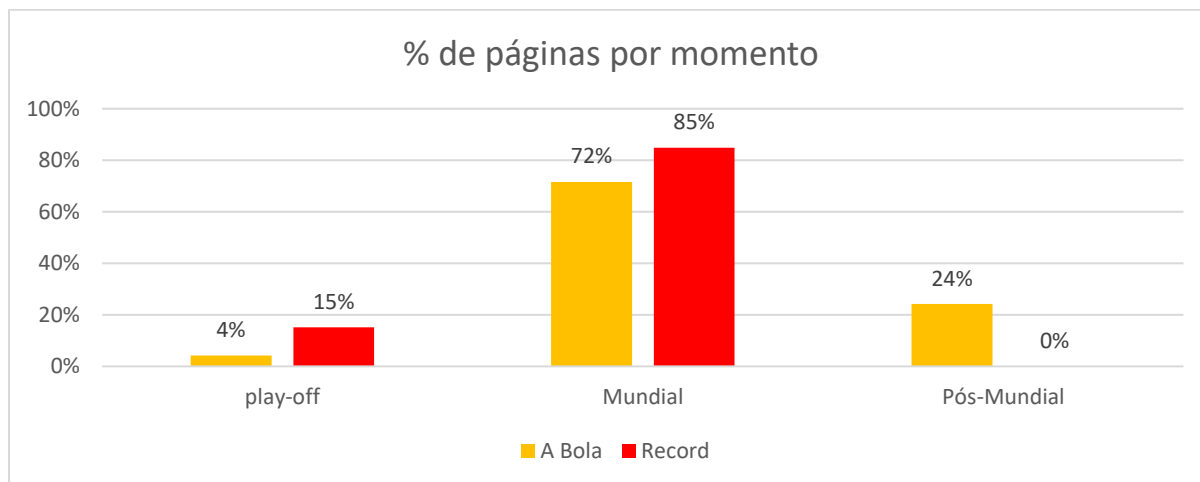
Pós Mundial

Após o regresso a Portugal da Seleção Nacional, o *Record* deixou de acompanhar diariamente o Campeonato do Mundo, tendo, porém, dedicado praticamente uma página no dia da final que Espanha venceu. Esta decisão sugere que o enviado-especial deu por terminado o seu trabalho, que não teve continuidade de forma regular na redação.

No caso de *A BOLA*, o espaço diminuiu, mas o jornal continuou a acompanhar a competição até ao último dia, dedicando duas páginas diárias durante a primeira semana e uma na segunda e derradeira semana da prova. Apesar de não ter enviado ninguém à Nova Zelândia, *A BOLA* manteve a coerência em termos de espaço adotada durante o evento. Até ao final do evento produziu 23 páginas.

Em termos percentuais, claramente o investimento do *Record* em termos de espaço aconteceu durante a presença da Seleção Nacional no evento.

Gráfico 2. Percentagem de páginas de cada jornal para cobertura noticiosa do Mundial em três momentos distintos



Fonte: elaboração própria

Em termos de formatos adotados, o facto de *A BOLA* e o *Record* seguirem os critérios utilizados em competições com equipas masculinas e apresentaram o mesmo tratamento. Em dias de jogo da Seleção Nacional, o espaço é dividido entre crónica, ficha de jogo, classificações, declarações e reações.

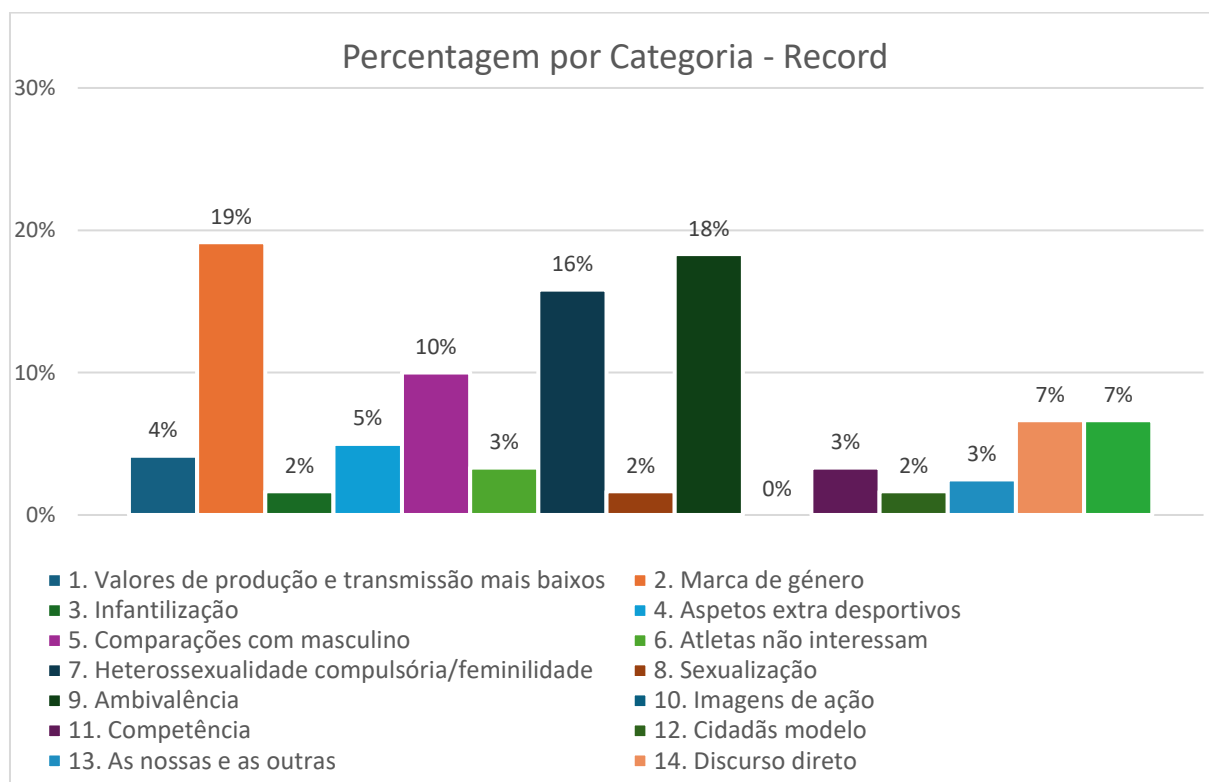
Análise qualitativa

Nesta etapa da investigação, vamos apresentar a análise das categorias temáticas presentes nas notícias, utilizando a grelha produzida pela autora Toni Bruce e anteriormente explicada.

No gráfico1 e no gráfico 2, extraídos da análise de conteúdos dos dois maiores jornais desportivos portugueses é clara a semelhança entre ambos, sobretudo naquilo que são consideradas as velhas regras e as regras persistentes.

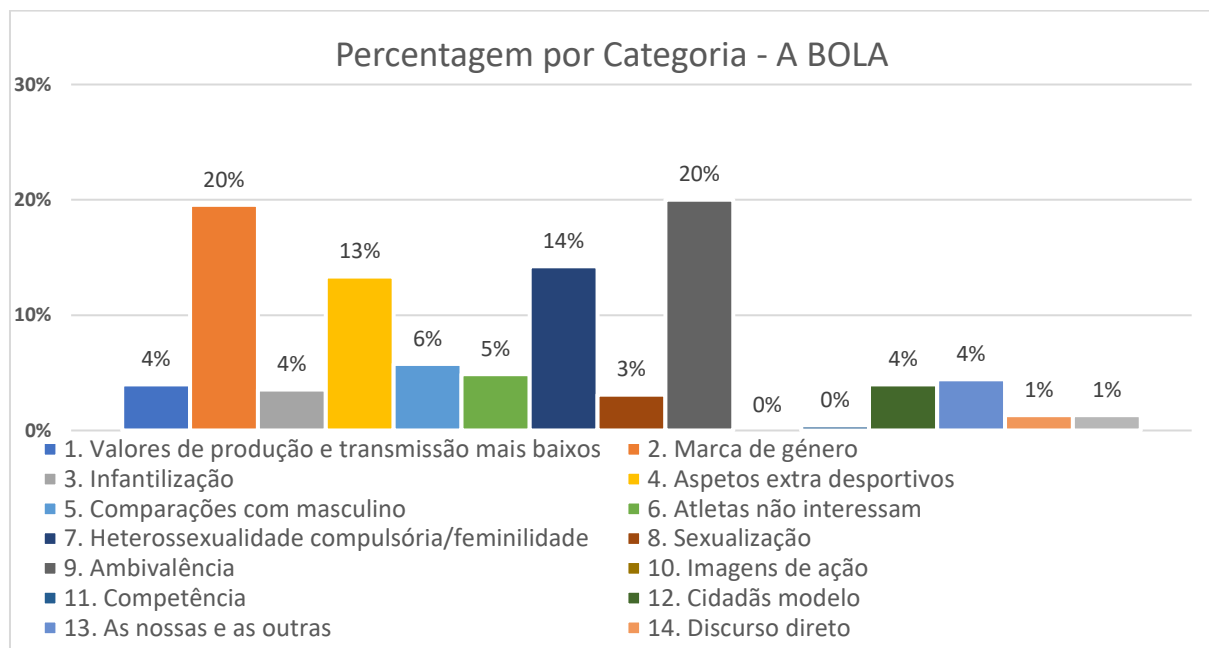
Quer em *A BOLA*, quer no *Record*, as três categorias mais vezes identificadas são as mesmas: Marca de género (2), Heterossexualidade compulsória/feminilidade (7) e Ambivalência (9). Curiosamente, ambos apresentam zero registos no que diz respeito às Imagens de ação (10).

Gráfico 3. Categorias verificadas no jornal Record



Fonte: elaboração própria

Gráfico 4. Categorias verificadas no jornal A BOLA



Fonte: elaboração própria

De acordo com Toni Bruce, a regra n.º 2, Marca de Género, pertence ao grupo das antigas, e foi criticada por adicionar o género apenas às competições femininas (Bruce, 2015), porém, na realidade da imprensa desportiva portuguesa continua bastante presente, sendo em ambos os jornais aquela que mais vezes é utilizada. No caso de *A BOLA*, em particular, todas as cabeças de página dedicadas ao evento surgem com o nome “Mundial Feminino 2023”.

Durante o evento a referência a “Seleção feminina” repete-se quase diariamente em ambos os jornais.

A segunda das 15 regras definidas que foi mais vezes observada foi a número 7, considerada por Bruce como persistente, e nomeada Heterossexualidade compulsória/feminilidade. Refere a autora que estas duas práticas são muitas vezes discutidas em separado, mas ela propõe que surjam juntas devido às “suas construções de natureza sobrepostas como oscilações em torno de um tema”. Se no que diz respeito à heterossexualidade, defende a investigadora que é evidente a preferência mediática para desportistas com relações com homens, o que “obscurece relações e identidades lésbicas”, recordando o pressuposto persistente de que as mulheres que praticam desportos associados à força, contacto corporal ou agressão podem ser lésbicas. Bruce alerta ainda, socorrendo-se de Cahn (1995; 2010) e Pirinen (1997b), para a ideia de que praticar desporto possa (inapropriadamente) masculinizar mulheres.

Curiosamente, este aspeto foi pouco ou nada abordado nas reportagens e notícias produzidas quer em *A BOLA*, quer no *Record*. Já o outro lado da regra, a Feminilidade, fez disparar os índices dos dois gráficos. Ligada à heterossexualidade compulsória está a prática de enfatizar características físicas ou emocionais que reflitam ideais de feminilidade branca, de classe média, como a pequenez, fraqueza física, preocupação com os outros e emocionalidade, tais como choro (Wensing & Bruce 2003). E, quer *A BOLA*, quer o *Record* recorrem frequentemente a palavras como “choro”, “lágrimas”, “emoção”, “nervoso”, “ansiedade”, “sorriso” para descrever estados de espírito das atletas. No caso de *A BOLA* há 32 referências e, no *Record*, 19.

Toni Bruce dá o exemplo do jornal *USA Today*, em 2004, focando-se nas atletas olímpicas cujo diminutivo, tamanho ou aparência apoiavam discursos dominantes de feminilidade: tem olhos de avelã, cabelos loiros e um sorriso que a fazem parecer mais um modelo de passarela do que uma candidata ao ouro olímpico (Spencer 2010, p. 190).

A terceira regra que fecha o top das mais verificadas é a Ambivalência (9), para a autora, a última da sublista as normas persistentes, mas a “mais comum”. Se, por um lado, os *media* se focam nas capacidades atléticas das desportistas, na sua competência, focam-se na sua tradicional feminilidade, fraqueza, incapacidade ou qualidade inferior, numa justaposição pouco clara (Duncan & Hasbrook 1988; Pirinen 1997a; Poniatowski & Hardin 2012). Os exemplos passam textos focados no desporto, mas acompanhados por imagens fora de competição, muitas vezes sexualizadas, o que nunca se verificou nos jornais portugueses, até porque nenhum dos dois tinha um repórter fotográfico no local e recorreram a fotografias de agência ou fornecidas pela Federação Portuguesa de Futebol, ou por imagens da prática desportiva associadas a textos paternalistas ou infantilizantes, e, aqui sim, a pena dos jornalistas descaiu várias vezes para o lado “fofinho” e “carinhoso” das atletas.

Nas regras mais recentes, com as quais Toni Bruce acredita que os estereótipos vão diminuir, assiste-se a um tímido, mas visível, crescimento das mesmas no jornal *Record*. As crónicas raramente saem do registo utilizado na cobertura dos eventos masculinos, assinalando-se uma sobriedade típica da maioria dos eventos.

16. Discussão de resultados

As dezenas de páginas que os dois maiores diários desportivos portugueses dedicaram ao Campeonato do Mundo parecem uma cobertura noticiosa bastante boa, mas, e isso poderá ficar para análises futuras, quando comparadas com o espaço dedicado a um Mundial ou um Europeu masculino é bastante inferior. O cenário é ainda pior se tivermos em consideração que o mesmo se realizou num período em que a maior parte dos campeonatos internos profissionais ainda não começaram e a atualidade vive a chamada “silly season” de transferências.

Quanto ao acompanhamento realizado, é importante ter em consideração os custos de envios de equipas de reportagens para literalmente o outro lado do Mundo. Ainda assim, não há grande competição internacional de seniores masculinos que não conte com jornalistas e, pelo menos, um repórter fotográfico. No último europeu de seniores masculinos, por exemplo, *A BOLA* enviou oito jornalistas, contando com operadores de camara e repórteres fotográficos. Os mesmos produzem, em média, podemos dizer que cerca de 10 páginas diárias, com chamada de primeira página ou manchete regular.

Para a Nova Zelândia, o jornal *A BOLA* não enviou qualquer jornalista, enquanto o *Record* contratou um *free lancer*. Mesmo assim, foi *A BOLA* quem mais destaque deu ao

“Mundial feminino”, mantendo um acompanhamento da prova mesmo depois de Portugal ter sido afastado.

O facto de *A BOLA* não ter um jornalista no local, transformou qualquer reportagem possível em simples notícia, mesmo considerando a volatilidade dos conceitos que definem os géneros. Para Paula Lopes “Os géneros jornalísticos ordenam o material informativo, produzem discursos sociais mais ou menos diferenciados.”

(...) podemos dizer que existem dois grandes grupos onde se “arrumam” os géneros jornalísticos enquanto matriz teórica: o que serve para dar a conhecer actos/acontecimentos, através da sua descrição e narração; e o que visa dar a conhecer ideias, através da exposição de comentários e juízos de valor acerca de factos/acontecimentos. No primeiro caso, falamos de géneros informativos (facts); no segundo, de géneros opinativos (comments). Identifiquemo-los: • Informativos, onde se incluem a notícia, a breve, a reportagem, a entrevista, o inquérito. Opinativos, onde se incluem o editorial, o artigo de opinião, o artigo de análise, o comentário, a crónica. (2010, p.8)

Jorge Lellis Bomfim Medina publicou em 2001 um interessante artigo, na revista *Symposim*, sob o título “Géneros jornalísticos: repensando a questão” onde propõe “uma revisão de literatura sobre o conceito de género, de discurso e de géneros discursivos, de Platão a Mikhail Bakhtin, passando por Derrida e José Marques de Melo.”

A conclusão é de que não existe uma classificação, uma definição clara, existem muitas perspectivas, muitas propostas e o autor acaba também ele por fazê-lo, propondo-se organizar as ideias soltas sob as quais tantos refletiram ao longo dos anos. E é uma ordem e organização que se assemelha à realidade portuguesa em vários pontos. A sua proposta divide-se em três áreas: “jornalismo, propaganda e entretenimento”.

Interessa-nos, sobretudo, o primeiro ponto: “Géneros na comunicação jornalística **Jornalismo**”:

Géneros informativos: Nota, notícia, reportagem, entrevista, título e chamada.

Géneros opinativos – (totalmente subjetivos, com opiniões de colaboradores e editores). Editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, carta, crónica.

Géneros utilitários ou prestadores de serviços – roteiro, obituário, indicadores, campanhas, “ombudsman”, educacional (testes e apostilas). **Géneros ilustrativos ou visuais** – engloba gráficos, tabelas, quadros demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia.

Na nossa análise da cobertura do Campeonato do Mundo, constatámos a existência de todos, exceto os géneros utilitários ou prestadores de serviço.

O facto de o jornal *A BOLA* não ter um enviado-especial ao evento inviabiliza, logo à partida, a existência de reportagem, “relato ampliado de um acontecimento, o jornalista vai ao local para apurar os fatos” (Medina, 2001) e reduz praticamente toda a cobertura a notícias.

Durante o período em análise, foram realizadas e publicadas em *A BOLA* duas entrevistas, em Portugal, a dois ex-internacionais portugueses, mas o *Record* que tinha um enviado-especial na Nova Zelândia não apresentou uma única entrevista no local, tendo realizado duas em Lisboa, com antigas jogadoras de futebol.

Na análise dos dois jornais, o futebol é sempre feminino, tal como a Seleção Nacional é quase sempre feminina.

Uma reflexão interessante é que o seleccionador nacional, um homem, tem sempre um discurso profissional e inclusivo, nas vitórias e nas derrotas, ao contrário, por exemplo, das dirigentes e de muitas atletas, mais antigas e atuais. O empoderamento e a afirmação passam, diversas vezes, pelo discurso que marca o género às quais as protagonistas pertencem.

Apenas uma jornalista escreveu sobre o Mundial em *A BOLA* e nenhuma no *Record*.

Mesmo depois do fim do Mundial para a Seleção Nacional, e apesar de não ter um enviado especial, *A BOLA* continuou a fazer a cobertura do evento com destaque considerável, enquanto o *Record* apostou em termos noticiosos no acompanhamento da Seleção Portuguesa, tendo terminado praticamente a cobertura do evento depois do fim da participação nacional.

17. Considerações finais - O beijo da “morte”

Atreveu-se Luis Rubiales a dar um beijo na boca de Carvajal ou Ascensio quando a Seleção de Espanha venceu a Liga das Nações em junho de 2023? Não, porque tal não aconteceu. Mas, dois meses depois, o presidente da Federação de Futebol de Espanha beijou na boca Jenni Hermoso em pleno estádio de Sidney, perante milhões que assistiram ao momento insólito na televisão, após a final do Mundial de Futebol Feminino, que a Espanha venceu. A jogadora disse que o beijo não foi consentido e queixou-se também de coações por parte de outros dirigentes da Real Federação Espanhola de Futebol que queriam que corroborasse a versão diferente sobre o beijo que deu Luis Rubiales.

O caso correu Mundo e deixou à vista de todos o longo caminho que a linguagem verbal e não verbal precisa de fazer rumo à inclusão. Muito se disse e se pode dizer sobre a lista interminável de aspetos que este gesto revela sobre o estereótipo de género.

A pergunta de partida deste estudo era: *De que forma a linguagem utilizada nos jornais desportivos portugueses promove a inclusão de género?* Esta análise permite perceber que não promove.

Seguindo as regras identificadas por Toni Bruce, e divididas em quatro grandes grupos, o jornal *A BOLA* e o *Record* utilizam claramente uma maioria de regras antigas e persistentes no seu discurso, tocam levemente nas regras atuais e estão bastante longe das emergentes no que ao fim dos estereótipos de género diz respeito.

Categoria	A Bola		Record		Status	Foco	Definição inicial
1. Valores de produção e transmissão mais baixos	9	4%	5	4%	Antigas A BOLA (104) Record (48)	Diferenças	Homem
2. Marca de género	44	20%	23	19%			
3. Infantilização	8	4%	2	2%			
4. Aspetos extra desportivos	30	13%	6	5%			
5. Comparações com masculino	13	6%	12	10%			
6. Atletas não interessam	11	5%	4	3%	Persistentes A BOLA (95) Record (37)		
7. Heterossexualidade compulsória/feminilidade	32	14%	19	16%			
8. Sexualização	7	3%	2	2%			
9. Ambivalência	45	20%	22	18%			
10. imagens de ação	0	0%	0	0%	Atuais A BOLA (20) Record (9)		
11. Competência	1	0%	4	3%			
12. Cidadãs modelo	9	4%	2	2%			
13. As nossas e as outras	10	4%	3	3%			
14. Discurso direto	3	1%	8	7%	Emergentes A BOLA (6) Record (16)	semelhanças	Mulher
15. Empoderamento	3	1%	8	7%			Ambos
	225		120				

Fonte: elaboração própria

Assim, as três hipóteses levantadas para responder à nossa questão de partida confirmam a mesma, ou seja, os jornais desportivos portugueses perpetuam os estereótipos de género, quando a linguagem utilizada para noticiar competições masculinas e femininas constrói narrativas desiguais e não conforma as questões de linguagem inclusiva de género.

Hipótese 1: A linguagem utilizada nos jornais desportivos portugueses perpetua estereótipos de género.

Hipótese 2: A linguagem utilizada para noticiar competições masculinas e femininas constrói narrativas desiguais nos jornais diários desportivos.

Hipótese 3: A linguagem utilizada pelos profissionais dos jornais desportivos portugueses não conforma questões da linguagem inclusiva de género.

Novas pistas

Este trabalho deve também ajudar-nos a refletir sobre vários aspetos.

Deve a reportagem ser considerada como tal, se feita de forma não convencional? Ao longo das páginas publicadas no jornal *A BOLA* foram apresentadas declarações, fotografias locais, histórias contadas através do conteúdo produzido por agências noticiosas internacionais, apuradas através das transmissões televisivas globais, das conferências de imprensa feitas por *streaming*, por publicações nas redes sociais da organização, das federações, das equipas, das atletas. O fluxo de informação produzida é hoje um filão interminável.

Por outro lado, isto pode levar-nos a questionar se estará em risco o papel do enviado especial? O critério, o rigor, a perspetiva e a validação de um profissional, o olhar global e, ao mesmo tempo regional, de ver e contar, a missão de informar, nunca ninguém retirará ao jornalista que presencia o facto, que está com os protagonistas e vê muito mais além.

Mas, com a informação que chega diariamente às redações de produção de agências de notícias, de agências de comunicação, de produção própria dos protagonistas que usam as redes sociais para mostrar, contar e publicar o que entendem, pode fazer-se uma cobertura rigorosa?

Esta análise de conteúdo da primeira presença de Portugal no mundial mostrou que os conteúdos com e sem enviado especial são praticamente os mesmos todos os dias.

Apesar de o jornal *Record* ter um enviado especial na Nova Zelândia e estar presente, por exemplo, nas conferências de imprensa, não fez qualquer diferença em termos de resultado final no produto jornalístico. Os conteúdos dessa conferência ou eram reproduzidos em direto pelo canal 11, pertença da Federação Portuguesa de Futebol, ou eram enviados a todos os *media* em formato de *press release* acompanhado de imagem e vídeo.

Não foi, porém, este o tema que aqui nos trouxe, mas sim a utilização, ou não de linguagem inclusiva.

Existem dezenas de documentos institucionais e académicos com recomendações para utilização de linguagem inclusiva, mas a realidade é que a mensagem não tem passado com a eficiência e a rapidez desejável.

A Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego (CITE) e o Fórum Organizações para a Igualdade, publicaram um documento simples e que pretende ser eficaz com algumas recomendações. “A linguagem é o maior instrumento de comunicação, essencial na interação coletiva, sendo também um instrumento de transformação social. É através da linguagem que nos expressamos, nos relacionamos com os outros e construímos o nosso mundo.”

Aqui ficam apenas algumas para que nos debrucemos sobre as mesmas.

1. ELIMINAÇÃO DO USO DO MASCULINO GENÉRICO O uso do masculino genérico é uma prática que invisibiliza as mulheres. Por exemplo, a frase “Os professores devem estar preparados para responder a todas as perguntas” invisibiliza as professoras. Para evitar o uso do masculino genérico, podemos utilizar as seguintes estratégias: Usar a forma feminina e masculina de forma alternada: “Os professores e as professoras devem estar preparados e preparadas para responder a todas as perguntas”; usar a forma dupla: “Os/as professores/as devem estar preparados/as para responder a todas as perguntas”; usar expressões inclusivas: “Todas as pessoas que ensinam devem estar preparadas para responder a todas as perguntas”.

2. ELIMINAÇÃO DE TERMOS SEXISTAS A língua portuguesa contém muitos termos que são sexistas, ou seja, que reforçam estereótipos e desigualdades entre mulheres e homens. Por exemplo, a palavra “chefe” é geralmente associada a homens, enquanto a palavra “secretária” é geralmente associada a mulheres. Para evitar o uso de termos sexistas, podemos utilizar as seguintes estratégias: Usar termos neutros: “O responsável” em vez de “O chefe”; usar termos inclusivos: “A pessoa responsável” ou “A pessoa que lidera”. Exemplo de aplicação

prática: Frase original: “O chefe da equipa é um homem experiente”. Frase inclusiva: “A pessoa responsável pela equipa é uma pessoa experiente”.

3. USO DE TERMOS E EXPRESSÕES QUE INVISIBILIZAM OU DISCRIMINAM GRUPOS SOCIAIS A língua portuguesa também contém muitos termos e expressões que invisibilizam ou discriminam grupos sociais, como pessoas com deficiência ou pessoas de etnias minoritárias. Para evitar o uso de termos e expressões discriminatórias, podemos utilizar as seguintes estratégias: Usar termos inclusivos: “Pessoas com deficiência/pessoa com incapacidade” em vez de “deficientes”; ou “pessoas de etnias minoritárias” em vez de “ciganos”; usar termos e expressões específicos: “Pessoas com deficiência visual” em vez de “cegos” ou “pessoas de etnia africana” em vez de “negros”.

Há muitos estudos sobre os atores, os meios, os processos e as condições que geram estas desigualdades. Estão identificadas as causas e as consequências. Devemos refletir sobre a razão pela qual a mudança não acontece e como podemos intervir.

É um nó difícil de desfazer que exige, talvez, uma abordagem diferente. Nunca fui favorável a que se determinasse por lei aquilo que diz respeito à esfera íntima de cada um. No entanto, foi preciso legislar o consumo recreativo das drogas leves, foi preciso legislar a interrupção voluntária da gravidez, foi preciso legislar a eutanásia.

Continuo a acreditar que o jornalismo pode ajudar a fazer do Mundo um sítio melhor para todos. Mas reconheço também que é um espelho de duas faces que gera e reflete desigualdades de todo os géneros, através do conteúdo publicado, mesmo quando o objetivo é terminar com estas.

Cresci muito ao longo deste trabalho, quer em termos pessoais, quer em termos profissionais. Descobri abordagens sobre as quais nunca tinha refletido, aprendi coisas que não imaginava existirem e partilhei com muitos companheiros de trabalho algumas delas. Vi nas suas caras a mesma surpresa que eu tive. Acredito, por experiência profissional, que é uma questão de (falta) literacia e que este pode ser um caminho que devemos trilhar com mais segurança, rapidez e intensidade.

Referências bibliográficas

- Adams, A., Anderson, E., & McCormack, M. (2010). Establishing and challenging masculinity: The influence of gendered discourses in organized sport. *Journal of Language and Social Psychology*, 29(3), 278-300.
- Åkerlund, M. (2019). Representations of trans people in Swedish newspapers. *Journalism Studies*, 20(9), 1319-1338.
- Altopiedi, V. (2022). 6. Sources for a history of women's rights. *DOAJ (Directory of Open Access Journals)*.
- Andersen, M. (1997). *Thinking About Women: Sociological Perspective on Sex and Gender*. Macmillan Publishing.
- Andrews, P. (2013). *Sports Journalism: A Practical Introduction*. SAGE Publications.
- Barbeiro, H., & Rangel, P. (2006). *Manual do Jornalismo Esportivo*. Contexto.
- Barrinha, A., & Nunes, I. (2004). O futebol e a globalização. *Relações Internacionais*, 2, 127-140.
- Beck, D., & Bosshart, L. (2003). Sports and the press. *Communication Research Trends*, 22(4), 6-10.
- Becker, B. (2012). Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. *Matrizes*, 5(2), 231-250.
- Becker, H. (1994). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. Editora Hucitec.
- Berger, G. (2018). Is there a future for journalism? *Journalism Practice*, 12(8), 939-953.
- Bernstein, A., & Blain, N. (2003). Sport and the media: The emergence of a major research field. In A. Bernstein & N. Blain (Eds.), *Sport, Media, Culture: Sport in the Global Society* (pp. 1-30).
- Bourdieu, P., & Kuhnner, M. H. (2014). *A dominação masculina*. Bertrand Brasil.

Brandão, A. M. (2007). “E Se Tu Fosses Um Rapaz?” Homo-erotismo feminino e construção social da identidade. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Braga: Universidade do Minho.

Bruce, T. (2015). Assessing the sociology of sport: On media and representations of sportswomen. *International Review for the Sociology of Sport*, 50(4-5), 380-384.

Bruce, T. (2016). New rules for new times: Sportswomen and media representation in the third wave. *Sex Roles*, 74(7-8), 361–376.

Butler, J. (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Routledge, Chapman & Hall.

Cardoso, G., Xavier, D., & Cardoso, T. (2007). Futebol, identidade e media na sociedade em rede. *Observatorio (OBS)*, 1*(1), 119-143.

Cerqueira, C. (2009). Género y Comunicación. J Plaza e C. Delgado (Eds.). Editorial Fundamentos. *Comunicação e Sociedade*, 16, 219-221.

Cerqueira, C., Magalhães, S., Santos, A., Cabecinhas, R., & Nogueira, C. (2014). *De outro género: Propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS).

Coelho, J. N. (2001). *Portugal: A equipa de todos nós: nacionalismo, futebol e media*. Edições Afrontamento.

Coelho, J. N., & Tiesler, N. C. (2006). O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios. *Análise Social*, 179, 519-551.

Connell, R. (1990). An iron man: The body and some contradictions of hegemonic masculinity. Champaign: Human Kinetics.

Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2005). Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. *Gender & Society*, 19(6), 829-859.

Cooky, C., & LaVoi, N. M. (2012). Gender in the media: The role of the media in the construction of gender. *Feminist Sports Media Studies: State of the Field* (1-30).

Cooky, C., Messner, M. A., & Hextrum, R. H. (2013). Women play sport, but not on TV: A longitudinal study of televised news media. *Communication & Sport*, 1(3), 203–230.

Cooky, C., Messner, M. A., & Musto, M. (2015). “It’s dude time!” A quarter century of excluding women’s sports in televised news and highlight shows. *Communication & Sport*, 3(3), 261-287.

Da Silva Schons, A. da S., Rosa, I. C. da, & Pavarino, R. N. (2016). A linguagem inclusiva de gênero em manuais de redação jornalística. Em Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Eds.), *XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016*. Universidade Católica de Brasília..

De Carvalho, M. E. P. (2004). Pierre Bourdieu sobre gênero e educação. *Revista Ártemis*, 1.

De Oliveira, M. S. B. S. (2004). Representações sociais e sociedades: A contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19(55), 1-18.

Dos Santos, F. M. (2012). Análise de conteúdo: A visão de Laurence Bardin. *Revista Eletrônica de Educação*, 6(1), 383-387.

Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Monitor.

Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Artmed.

Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa: Coleção pesquisa qualitativa*. Artmed.

Flick, U. (2022). *An introduction to qualitative research* (7th ed.). SAGE Publications.

Franks, R. (1982). *What's in a nickname? Exploring the jungle of college athletic mascots*. Amarillo, TX: Ray Franks Publishing Ranch.

Freire, P. (2016). *Atleta: substantivo feminino* [Tese de Mestrado]. Universidade do Minho.

Fu, L., Danescu-Niculescu-Mizil, C., & Lee, L. (2016). Tie-breaker: Using language models to quantify gender bias in sports journalism. In *Proceedings of the IJCAI workshop on NLP meets Journalism*.

Giulianotti, R. (2005). The sociability of sport: Scotland football supporters as interpreted through the sociology of Georg Simmel. *International Review for the Sociology of Sport*, 40(3), 289-306.

Giulianotti, R., & Robertson, R. (2004). The globalization of football: A study in the glocalization of the “serious life”. *The British Journal of Sociology*, 55(4), 545-568.

Gonçalves, A. M. A. (2002). Futebol Amador: Campo Emergente de Sociabilidade. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002. 98 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Gustafsson Sendén, M., Renström, E., & Lindqvist, A. (2021). Pronouns Beyond the Binary: The Change of Attitudes and Use Over Time. *Gender & Society*, 35(4), 588-615.

Hallmark, J. R. (2006). We Don’t Glow, We Sweat: The Ever Changing Commentary about Women’s Athletics. In: Fuller, L.K. (Eds.) *Sport, Rhetoric, and Gender*. Palgrave Macmillan.

Hardin, M., Lynn, S., Walsdorf, K., & Hardin, B. (2002). The framing of sexual difference in SI for Kids editorial photos. *Mass Communication & Society*, 5(3), 341-359.

Harrison, S., Gualdoni, E., & Boleda, G. (2023). Run like a girl! Sports-related gender bias in language and vision. In A. Rogers, J. Boyd-Graber, & N. Okazaki (Eds.), *Findings of the Association for Computational Linguistics: ACL 2023* (pp. 14093–14103). Association for Computational Linguistics.

Henriques, T. (2014). *Jornalismo desportivo em Portugal: notícia ou especulação? Análise das fontes nos diários "O Jogo", "A Bola" e "Record"*. [Tese de Mestrado]. Universidade do Minho.

Hunt, L. (2007). *A invenção dos direitos humanos: uma história*. Companhia das Letras.

Kane, M. J., LaVoi, N. M., & Fink, J. S. (2013). Exploring elite female athletes’ interpretations of sport media images. *Communication & Sport*, 1(3), 269–298.

Kian, E. M., Bernstein, A., & McGuire, J. S. (2013). A major boost for gender equality or more of the same? The television coverage of female athletes at the 2012 London Olympic Games. *The Journal of Popular Television*, 1(1), 143-149.

- Knoblauch, H., & Wilke, R. (2016). The common denominator: The reception and impact of Berger and Luckmann's *The Social Construction of Reality*. *Human Studies*, 39, 51–69.
- Kowalikowa, J. (2009). Language of sport in the context of communication and culture. *Studies in Physical Culture & Tourism*, 16(1).
- Lipovetsky, G. (2000). *A Terceira Mulher: Permanência e Revolução do Feminino*. Piaget.
- Lippmann, W. (1965). *Public opinion*. Free Press.
- Lopes, F., & Pereira, S. (2006). A TV do futebol.
- Lopes, P. (2010). Géneros literários e géneros jornalísticos: uma revisão teórica de conceitos. *Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal*.
- Lynn, S., Hardin, M., & Walsdorf, K. (2004). Selling (out) the sporting woman: Advertising images in four athletic magazines. *Journal of Sport Management*, 18(4), 335-349.
- Maguire, J. (2002). *Sport worlds: A sociological perspective*. Human Kinetics.
- Mannion, K. A. (2016). Play like a girl: An analysis of media representation of female athletes. *The Proceedings of GREAT Day*, 2015(1), 17.
- Marivoet, S. (2002). Assimetrias e afinidades de género no desporto. Em *Actas do Colóquio Internacional Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas* (pp. xx-xx). Associação Portuguesa de Sociologia.
- Medina, J. L. B. (2001, janeiro). Géneros jornalísticos: repensando a questão. *Revista Symposium*, 5(1), 45-55.
- Moscovici, S. (1979). *El psicoanálisis, su imagen y su público*. Huemul.
- Moscovici, S., & Lage, E. (1976). Studies in social influence III: Majority versus minority influence in a group. *European Journal of Social Psychology*, 6(2), 149-174.
- Mota-Ribeiro, S. (2005). *Retratos de mulher: Construções sociais e representações visuais do feminino*. Campo das Letras.

Murta, D. (1997). O mercado português dos jornais desportivos: descrição e modelização da rivalidade estratégica. Tese de mestrado, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

Neves, J. (2006). Uma economia do olhar: notas para uma história do futebol na era da TV. In F. Lopes & S. Pereira (Coord.), *A TV do Futebol*. Campo das Letras.

Nicholson, M., Kerr, A., & Sherwood, M. (2015). *Sport and the media: Managing the nexus*. Routledge.

Novais, R. A. (2010). *A representação do futebol na imprensa*. Media XXI.

Novais, R. A., Lucas, C., & Afonso, R. (2010). O tudo ou nada: A análise dos play-offs nas imprensas online portuguesa e espanhola. In R. A. Novais (Coord.), *A representação do futebol na imprensa* (pp. xx-xx). Media XXI.

Oates, T. P., & Pauly, J. (2007). Sports journalism as moral and ethical discourse. *Journal of Mass Media Ethics*, 22(4), 332–347.

Omrčen, D. (2017). Analysis of gender-fair language in sport and exercise. *Rasprave Instituta za hrvatski jezik i jezikoslovlje*, 43(1).

Pimentel, I. F. (2008). *Mocidade Portuguesa Feminina*. Esfera Dos Livros.

Pinheiro, F. (2005). Imprensa desportiva portuguesa: Do nascimento à consolidação (1893-1945). *Ler História*, 49, 171–190.

Pinheiro, F. (2011). *História da imprensa desportiva em Portugal*. Edições Afrontamento.

Ponterotto, D. (2014). Trivializing the female body: A cross-cultural analysis of the representation of women in sports journalism. *Journal of International Women's Studies*, 15(2), 94–111.

Reinardy, S., & Wanta, W. (2015). *The essentials of sports reporting and writing*. Routledge.

Reis, B., & Sergio Rivera Magos. (2019). Meios de comunicação e socialização política. NIP-C@M - Núcleo de Investigação em Práticas & Competências Mediáticas. Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Autónoma de Lisboa. EBooks, 8–44.

Rodríguez, M., Pereira, C., & Bender, G. (2020). Linguística e jornalismo: Análise da utilização da linguagem neutra pelo jornal argentino *Página/12*. *Revista da Jornada de Pós-Graduação e Pesquisa - Congrega Urcamp*, 16, 136–142.

Romney, M., & Johnson, R. G. (2020). The ball game is for the boys: The visual framing of female athletes on national sports networks” Instagram accounts. *Communication & Sport*, 8(6), 738–756.

Rowe, D. (2007). Sport journalism: Still the “toy department” of the news media? *Journalism*, 8(4), 385–405.

Sakınç, İ., Açıklan, S., & Soygüden, A. (2017). Evaluation of the relationship between financial performance and sport success in European football. *Journal of Physical Education and Sport*, 17(1), 16–22.

Sandell, A. (2021). *The strong men and the good looking women: Quantitative content analysis of the visual representation of athletes in Swedish digital sports journalism* (Dissertation).

Santoniccolo, F., Trombetta, T., Paradiso, M. N., & Rollè, L. (2023). Gender and media representations: A review of the literature on gender stereotypes, objectification and sexualization. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(10), 5770.

Santos, M. (2016). Futebol e Media: uma análise da relação entre o desporto e os meios de comunicação. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(1), 43-54.

Scolari, C. A. (2013). Redes sociais e participação política: Uma análise dos mecanismos da comunicação. *Comunicação e Sociedade*, 23(1), 161-180.

Sczesny, S., Moser, F., & Wood, W. (2015). Beyond sexist beliefs: How do people decide to use gender-inclusive language? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41(7), 943–954.

Segrave, J. O. (1994). The perfect 10: “Sportspeak” in the language of sexual relations. *Sociology of Sport Journal*, 11(2), 95–113.

Segrave, J. O. (1997). A matter of life and death: Some thoughts on the language of sport. *Journal of Sport and Social Issues*, 21(2), 211–220.

Semin, G. (1989). Prototypes et représentations sociales. In D. Jodelet (Org.), *Les représentations sociales* (pp. 239–251). PUF.

Sequeira, A., & Bessa, M. (2018). A construção social da identidade feminina nas narrativas mediáticas: Estudo de caso em duas revistas femininas. *Revista Comunicação & Sociedade*, 15(2), 61-75.

Sherwood, M., Osborne, A., Nicholson, M., & Sherry, E. (2016). Newswork, news values, and audience considerations. *Communication & Sport*, 5(6), 647–668.

Silva, M. A. D. (2022). *A linguagem não-binária na televisão: Uma análise sobre a cobertura dos jogos de Tóquio 2021* (Bachelor's thesis).

Simões, A. (2011). *Desporto com Política*. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Sobral, L., & Magalhães, P. (1999). *Introdução ao jornalismo desportivo*. CENJOR.

Stearns, L. A. (2018). Social media and the public: Engagement in the online public sphere. *Journalism & Mass Communication Educator*, 73(4), 445-459.

Stofer, K., et al. (2019). *Sports journalism: An introduction to reporting and writing*. Rowman & Littlefield.

Sugden, J., & Tomlinson, A. (2007). Stories from planet football and sportsworld: Source relations and collusion in sport journalism. *Journalism Practice*, 1(1), 44–61.

Sweeney, M. (2020). Sport and gender: A review of the literature. *International Review of Sociology*, 25(2), 179-198.

Tishev, T. (2020). *Re-imagining sports reporting: Creating social change in the area of transgender discrimination*. Loughborough University.

Toney, J. (2013). *Sports journalism: The inside track*. Bloomsbury Publishing.

Tuchman, G. (2015). The symbolic annihilation of women by the mass media: A critical discourse analysis of gender representation in sports. *Media, Culture & Society*, 37(8), 1317–1335.

Turner, A., & Newcomb, A. (2017). Gender equality in sport: A study of women in sports journalism. *Journal of Gender Studies*, 26(6), 735-749.

Vergoossen, H. P., Renström, E. A., Lindqvist, A., & Gustafsson Sendén, M. (2020). Four dimensions of criticism against gender-fair language. *Sex Roles*, 83. Springer.

Weedon, G., & Wilson, B. (2020). Textbook journalism? Objectivity, education and the professionalization of sports reporting. *Journalism*, 21(10), 1375–1400.

Referências Eletrônicas

- AFP. (2021, October 27). *EUA emitem primeiro passaporte com gênero X*. CartaCapital. <https://www.cartacapital.com.br/mundo/eua-emite-primeiro-passaporte-com-genero-x/>
- “Alunxs”, “todes” e “elu”: saiba o que é a linguagem neutra e por que gera polêmica. (2022, March 31). GZH. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2022/03/alunxs-todes-e-elu-saiba-o-que-e-a-linguagem-neutra-e-por-que-gera-polemica-cl1ezgs6s001s0165kl4t1v88.html>
- American Psychological Association. (2020). *Bias-Free Language*. <https://apastyle.apa.org>. <https://apastyle.apa.org/style-grammar-guidelines/bias-free-language>
- Após críticas, Museu da Língua Portuguesa defende uso de linguagem neutra. (2021, July 23). ISTOÉ Independente. <https://istoe.com.br/apos-criticas-museu-da-lingua-portuguesa-defende-uso-de-linguagem-neutra/>
- Após viralizar com pronome neutro, narradora do SporTV usa técnicas “para cego ver” nas Paralímpiadas. (n.d.). Lance! <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/apos-viralizar-com-pronome-neutro-narradora-sportv-usa-tecnicas-para-cego-ver-nas-paralimpiadas.html>
- Arquivos linguagem neutra -. (n.d.). Wwww.ufrgs.br. <https://www.ufrgs.br/jornal/tag/linguagem-neutra/?print=print-search>
- As mulheres também vão a jogo! (2021, April 3). Agrupamento de Escolas Da Lousã. <https://escolas.aglousa.com/2021/04/03/as-mulheres-tambem-vao-a-jogo/>
- Berger, M. (2019, December 15). *A guide to how gender-neutral language is developing around the world*. Washington Post. <https://www.washingtonpost.com/world/2019/12/15/guide-how-gender-neutral-language-is-developing-around-world/>
- Bernardinho nega ter sido transfóbico com Tiffany: “Respeito absoluto.” (2021, August 2). Uol.com.br. <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/08/02/bernardinho-transfobia-tiffany.htm>
- Bernardinho volta a falar sobre Tiffany: “Queremos ser justos sem jamais desrespeitar a diversidade” - ESPN. (2019, April 13). ESPN.com; ESPN. https://www.espn.com.br/voleibol/artigo/_/id/5500508/bernardinho-volta-a-falar-sobre-tiffany-queremos-ser-justos-sem-jamais-desrespeitar-a-

diversidade?device=featurephone

- Burgen, S. (2020, January 19). *Masculine, feminist or neutral? The language battle that has split Spain*. The Guardian. <https://www.theguardian.com/world/2020/jan/19/gender-neutral-language-battle-spain>
- Busuu. (2022, March 2). *Neutral Language: 32 Terms Worth Knowing*. Busuu Blog. <https://blog.busuu.com/neutral-language/>
- Cabo Beбето questiona adoção de gênero “não binário” em documentos emitidos no Estado do Rio de Janeiro — Assembleia Legislativa de Alagoas*. (n.d.). www.al.al.leg.br. <https://www.al.al.leg.br/comunicacao/noticias/cabo-beбето-questiona-adocao-de-genero-nao-binario-em-documentos-emitidos-no-estado-do-rio-de>
- Centenera, A. M., Mar. (2019, December 23). *O ativismo dos “amigues” da linguagem inclusiva*. El País Brasil. <https://brasil.elpais.com/cultura/2019-12-23/amigues-da-linguagem-inclusiva.html>
- Claudia. (2020, March 6). *Qual é o futuro do gênero?* CLAUDIA. <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/identidade-de-genero/>
- Como usar o pronome elu?* (n.d.). Todasasrespostas.pt. <https://todasasrespostas.pt/como-usar-o-pronome-elu>
- Como vivem as pessoas trans na Índia, onde o “terceiro gênero” é reconhecido por lei*. (2020, June 28). Brasil de Fato. <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/28/como-vivem-as-pessoas-trans-na-india-onde-o-terceiro-genero-e-reconhecido-por-lei>
- Comunicação e linguagem inclusiva IGEN Fórum Organizações para a Igualdade*. (n.d.). Retrieved October 11, 2024, from https://forumigen.cite.gov.pt/documentos/oferta-formativa-igen/t4-comunicacao-e-linguagem/t4_sara-falcao-casaca.pdf
- Costa, C. (2021, July 22). *Jornalistas do SportTV usam linguagem neutra para se referir a atleta*. Revista Oeste. <https://revistaoeste.com/brasil/jornalistas-do-sporttv-usam-linguagem-neutra-para-se-referir-a-atleta/>
- Diretrizes de representação retrato igualitário, justo e inclusivo no esporte*. (n.d.). Retrieved October 11, 2024, from <https://stillmed.olympics.com/media/Documents/Beyond-the-Games/Gender-Equality-in-Sport/IOC-Gender-portrayal-guidelines-PT.pdf>
- Destrua o Binarismo com essa Gramática da Linguagem Neutra de Gênero*. (2020, September 13). Maira Reis. <https://mairareis.com/gramatica-da-linguagem-neutra-de-genero/>
- Do not use “man” as the neutral term*. (2023, June 9). European Institute for Gender Equality. <https://eige.europa.eu/publications-resources/toolkits-guides/gender-sensitive-communication/challenges/invisibility-and-omission/do-not-use-man-neutral->

term?language_content_entity=en

Dutta, N. (2020, October 6). *The subtle ways language shapes us*. BBC. <https://www.bbc.com/culture/article/20201006-are-some-languages-more-sexist-than-others>

Elsesser, K. (n.d.). *How To Use Gender-Neutral Language, And Why It's Important To Try*. Forbes. <https://www.forbes.com/sites/kimelsesser/2020/07/08/how-to-use-gender-neutral-language-and-why-its-important-to-try/?sh=501a019826ba>

elysium, rose iris theodosia. (2019, July 18). *Cisgender Privilege On Full Display In The New York Times*. Gender from the Trenches. <https://medium.com/gender-from-the-trenches/cisgender-privilege-on-full-display-in-the-new-york-times-7c13e065cfd9>

Estadão Conteúdo. (2019, March 27). *Fora da semifinal da Superliga, Bernardinho se envolve em polêmica com Tiffany*. O Popular; Esporte. <https://opopular.com.br/esporte/fora-da-semifinal-da-superliga-bernardinho-se-envolve-em-polemica-com-tiffany-1.1761868>

European Parliament. (2018). *Gender-Neutral Language in the European Parliament*. https://www.europarl.europa.eu/cmsdata/151780/GNL_Guidelines_EN.pdf

Fifa divulga que 1,5 bilhão de pessoas ao redor do mundo assistiram a final da Copa do Mundo; veja dados. (2023, January 19). ESPN.com. https://www.espn.com.br/futebol/copa-do-mundo/artigo/_id/11497424/fifa-divulga-1-5-bilhao-pessoas-redor-do-mundo-assistiram-final-copa-do-mundo

Flores no Dia da Mulher? Só se alertarem para a desigualdade de género – Marketeer. (2022, March 7). <https://marketeer.sapo.pt/flores-no-dia-da-mulher-so-se-alertarem-para-a-desigualdade-de-genero/>

For Intersex Awareness Day: The History of the X Passport Marker – Intersex Campaign for Equality. (n.d.). [Www.intersexequality.com. https://www.intersexequality.com/intersex-history-of-the-x-passport-marker/](https://www.intersexequality.com/intersex-history-of-the-x-passport-marker/)

Form, structure and language - Neutral Tones by Thomas Hardy - GCSE English Literature Revision. (n.d.). BBC Bitesize. <https://www.bbc.co.uk/bitesize/guides/zqrtsg8/revision/4>

Freitas, A. (2016). *Nexo Jornal*. *Nexo Jornal*. <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/07/10/Todxs-contra-x-l%C3%ADngua-os-problemas-e-as-solu%C3%A7%C3%B5es-do-uso-da-linguagem-neutra>

Gender-inclusive language in games and its localization challenges | MultiLingual. (2019). Multilingual.com. <https://multilingual.com/issues/may-jun-2019/gender-inclusive-language-in-games-and-its-localization-challenges/>

Género, Comunicação e Media: que desafios? (n.d.). ESCS. <https://www.escs.ipl.pt/agenda-e-eventos/genero-comunicacao-e-media-que-desafios>

Globoesporte.com > Futebol Internacional - NOTÍCIAS - Fifa: 265 milhões jogam futebol no mundo. (s.d.). [ge.globo - É esporte sempre. https://ge.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Campeonatos/0,,MUL45389-4840,00-FIFA+MILHOES+JOGAM+FUTEBOL+NO+MUNDO.html](https://ge.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Campeonatos/0,,MUL45389-4840,00-FIFA+MILHOES+JOGAM+FUTEBOL+NO+MUNDO.html)

Hanna,Nikki, A. (2019, May 3). *Actually, We Should Not All Use They/Them Pronouns.* Scientific American Blog Network. <https://blogs.scientificamerican.com/voices/actually-we-should-not-all-use-they-them-pronouns/>

Homem e mulher - estratégias lingüísticas diferentes. (n.d.). Wwww.filologia.org.br. <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/13.htm>

Homens e mulheres escrevem de maneira diferente. (n.d.). Wwww.alert-Online.com. <https://www.alert-online.com/pt/news/health-portal/homens-e-mulheres-escrevem-de-maneira-diferente>

Inclusive Language: Can masculine words be neutral? | *Business Room.* (2023). Novasbe.pt. <https://en.blog.exed.novasbe.pt/articles/inclusive-language-can-masculine-words-be-neutral>

Innovagency. (n.d.). *Do jogo ao desporto | Fronteiras XXI.* Fronteirasxxi.pt. <https://fronteirasxxi.pt/dojogoadesporto/>

International Olympic Committee. (2022, August 26). *Fairness, inclusion and non-discrimination in olympic sport.* International Olympic Committee. <https://olympics.com/ioc/human-rights/fairness-inclusion-nondiscrimination>

IOC Publishes Updated Portrayal Guidelines. (2024). Csrwire.com. https://www.csrwire.com/press_releases/805726-ioc-publishes-updated-portrayal-guidelines-help-ensure-gender-equal-fair-and

Jacobs, T. (n.d.). *Using Gender-Neutral Pronouns May Reduce Sexism.* Pacific Standard. <https://psmag.com/news/using-gender-neutral-pronouns-may-reduce-sexism>

Jain, S. (2024, August 9). *Another gender row at the Olympics: BBC host uses wrong pronouns for “non-binary” US athlete.* Hindustan Times. <https://www.hindustantimes.com/trending/another-gender-row-at-the-olympics-bbc-host-uses-wrong-pronouns-for-non-binary-us-athlete-101723178202785.html>

Kanter, J. (2024, August 8). *BBC Host Corrected After Misgendering U.S. Shot Putter Raven Saunders.* Deadline. <https://deadline.com/2024/08/bbc-olympics-commentator->

- misgender-shot-put-raven-saunders-1236034392/
- La Academia sueca admite un nuevo pronombre para el género neutro.* (n.d.). Wwww.efe.com.
<https://www.efe.com/efe/america/cultura/la-academia-sueca-admite-un-nuevo-pronombre-para-el-genero-neutro/20000009-2586042>
- La UNESCO renueva su compromiso en favor de la educación inclusiva en un mundo plurilingüe.* (2022). Unesco.org. <https://www.unesco.org/es/articles/la-unesco-renueva-su-compromiso-en-favor-de-la-educacion-inclusiva-en-un-mundo-plurilingue>
- Lance. (2019, March 29). *Ana Paula critica Tiffany em caso Bernardinho, que rebate: “Para mim você nem existe”* - Lance! Ana Paula Critica Tiffany Em Caso Bernardinho, Que Rebate: “Para Mim Você Nem Existe” - Lance!; Lance! <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/ana-paula-critica-tiffany-caso-bernardinho-que-rebate-para-mim-voce-nem-existe.html>
- Lance. (2024, June). *Final da Champions x Super Bowl: qual evento tem maior audiência?* Veja ranking - Lance! Lance.com.br; Lance! <https://www.lance.com.br/lancebiz/mercado-do-esporte/final-da-champions-x-super-bowl-qual-evento-esportivo-tem-maior-audiencia-veja-ranking.html>
- Linguagem inclusiva e neutra: um tema para plebiscito?* (n.d.). SWI Swissinfo.ch. <https://www.swissinfo.ch/por/linguagem-inclusive-e-neutra--um-tema-para-plebiscito-/46683058>
- Linguagem inclusiva: falar para todxs, ou “desrespeito” pela Língua Portuguesa?* (n.d.). CNN Portugal. <https://cnnportugal.iol.pt/sociedade/femismo/linguagem-inclusiva-falar-para-todxs-ou-desrespeito-pela-lingua-portuguesa>
- Linguagem Neutra de gênero: o que é e como aplicar.* (n.d.). Rock Content - BR. <https://rockcontent.com/br/talent-blog/linguagem-neutra-de-genero/>
- Linguagem neutra: será que estamos incluindo usando "todes"?* (n.d.). Pt.linkedin.com. <https://www.linkedin.com/pulse/linguagem-neutra-ser%C3%A1-que-estamos-incluindo-usando-todes-lisboa/?originalSubdomain=pt>
- Lusa, A. (2023, August 18). *Gianni Infantino diz que Mundial feminino gerou mais de 570 milhões de dólares.* Observador. <https://observador.pt/2023/08/18/gianni-infantino-diz-que-mundial-feminino-gerou-mais-de-570-milhoes-de-dolares/>
- Macedo, A. (2023, 9 de fevereiro). *Super Bowl, final da Champions ou Copa: o que dá mais audiência no mundo?* UOL - Seu universo online. <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2023/02/09/super-bowl-final-da-champions-ou-copa-o-que-tem-mais-audiencia-no-mundo.htm>

- Madrigano, C. (2015, April 16). *Escrita feminina e escrita masculina*. Homo Literatus. <https://homoliteratus.com/escrita-feminina-e-escrita-masculina/>
- Maimann, K. (2024, August 9). *Broadcasters criticized for misgendering non-binary athletes at Paris Olympics*. CBC. <https://www.cbc.ca/news/world/nonbinary-misgender-olympics-1.7290185>
- Manual de Linguagem Inclusiva*. (n.d.). <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2021/08/12-Manual-de-Linguagem-Inclusiva-CES.pdf>
- Michael Brendan Dougherty. (2019, July 11). *Let Us Have Our Boyhoods and Girlhoods*. National Review. <https://www.nationalreview.com/2019/07/let-us-have-our-boyhoods-and-girlhoods/>
- Moceri, A. (2021, October 7). *There's Nothing Neutral about Gender Neutrality*. IE Insights. <https://www.ie.edu/insights/articles/theres-nothing-neutral-about-gender-neutrality/>
- NACIONES UNIDAS *Lenguaje inclusivo en cuanto al género*. (n.d.). Wwww.un.org. <https://www.un.org/es/gender-inclusive-language/>
- Nagem, S. E., & Gama, M. (2020). Entre o neutro e o Grau zero da Escritura: A utopia da linguagem em Roland Barthes. *Revista Letras Raras*, 9(1), 9–31 / Eng. 8-30. <https://doi.org/10.35572/rlr.v1i9.1608>
- Não-binários: 16 países têm terceiro género no passaporte*. (n.d.). Jornal Expresso. <https://expresso.pt/sociedade/2022-04-16-Nao-binarios-16-paises-tem-terceiro-genero-no-passaporte-d0927886>
- Nayak, S. (2019, March 7). What is gender-neutral language and why is it important? ABC News. <https://www.abc.net.au/education/learn-english/whats-gender-neutral-language-and-why-is-it-important/10879990>
- New volume on gender-neutral language sheds light on political controversy in France*. (n.d.). UW News. <https://www.washington.edu/news/2022/03/17/new-volume-on-gender-neutral-language-sheds-light-on-political-controversy-in-france/>
- Nöstlinger, N. (2021, March 8). *Debate over gender-neutral language divides Germany*. POLITICO. <https://www.politico.eu/article/debate-over-gender-inclusive-neutral-language-divides-germany/>
- Parsons, V. (2021a, July 27). *Non-binary skateboarder makes Olympics history – and is misgendered while doing it*. PinkNews | Latest Lesbian, Gay, Bi and Trans News | LGBTQ+ News. <https://www.thepinknews.com/2021/07/27/alana-smith-olympics-misgendered/>
- Parsons, V. (2021b, July 27). *Non-binary skateboarder makes Olympics history – and is*

- misgendered while doing it.* PinkNews | Latest Lesbian, Gay, Bi and Trans News | LGBTQ+ News. <https://www.thepinknews.com/2021/07/27/alana-smith-olympics-misgendered/>
- Patrícia edí ramos. (2014). *Uma análise da linguagem escrita na sala de aula*. Monografias Brasil Escola. <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/generos-digitais-ensino-uma-analise-linguagem-escrita-na-sala-de-aula.htm>
- PGLS. (2022, October 6). *How Does “Gender Neutral” Work in Different Languages?* PGLS. <https://pgls.com/how-does-gender-neutral-work-in-different-languages/>
- Piser, K. (2021, July 4). *Aux Armes, Citoyen·nes!* Foreign Policy. <https://foreignpolicy.com/2021/07/04/france-gender-language-ecriture-inclusive-aux-armes-citoyennes/>
- Presse, D. F. (2013, December 3). *Estudo nos EUA diz que homens e mulheres pensam diferente.* Ciência E Saúde. <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/12/estudo-nos-eua-diz-que-homens-e-mulheres-pensam-diferente.html>
- Pronomes neutros ganham espaço nas ruas, redes sociais e até em empresas* | diversitybbox. (2017). Diversitybbox.com. <https://diversitybbox.com/pt/pronomes-neutros-ganham-espaco-nas-ruas-redes-sociais-e-ate-em-empresas/>
- Qué debe saber acerca de la inclusión en la educación.* (2023). Unesco.org. <https://www.unesco.org/es/inclusion-education/need-know>
- R7.com. (2024, October 11). *Análise: Linguagem neutra prejudica mais de 43 milhões de brasileiros.* R7 Entretenimento; R7.com. <https://entretenimento.r7.com/vivaavida/patricia-lages/analise-linguagem-neutra-prejudica-mais-de-43-milhoes-de-brasileiros-02072023/>
- Red de Portales News Detail Page.* (n.d.). Wwww.universia.net. <https://www.universia.net/br/actualidad/orientacion-academica/homens-e-mulheres-se-comunicam-formas-diferentes-924081.html>
- Santos, A. F., Nuno Ferreira. (n.d.). *Linguagem inclusiva não é “capricho”. É “igualdade e respeito.”* PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2022/06/22/p3/noticia/linguagem-inclusiva-nao-capricho-igualdade-respeito-2010431>
- Schaefer, M. P. (n.d.). *Diferenças entre comunicação masculina e feminina.* Differbetween. https://pt.differbetween.com/article/differences_between_male_and_female_communication
- Should language be more gender neutral?* (n.d.). Resources.unbabel.com.

- <https://resources.unbabel.com/blog/language-gender-neutral>
- Sistema Elu, Linguagem Neutra em Género.* (n.d.). Dezanove.pt. <https://dezanove.pt/sistema-elu-linguagem-neutra-em-genero-1317469>
- Ten years of “X” passports, and no protection from discrimination – Intersex Human Rights Australia.* (2013, January 12). Ihra.org.au. <https://ihra.org.au/21597/ten-years-of-x-passports-and-no-protection-from-discrimination/>
- The best and worst ways to tackle linguistic sexism.* (n.d.). The Economist. <https://www.economist.com/books-and-arts/2021/09/03/the-best-and-worst-ways-to-tackle-linguistic-sexism>
- These countries allow non-binary gender on passports like in US.* (2021, October 28). WION. <https://www.wionews.com/photos/these-countries-allow-non-binary-gender-on-passports-like-in-us-424698#a-widespread-practice-424694>
- They Makes a Good Case.* (n.d.). Hmm Daily. <https://hmmdaily.com/2019/07/11/they-makes-a-good-case/>
- Times, I. (2024, June 11). *IOC advises media against calling trans athletes “biologically male/female.”* Island Times. <https://islandtimes.org/ioc-advises-media-against-calling-trans-athletes-biologically-male-female/>
- UOL Esporte. (2023, February 9). *Super Bowl, final da Champions ou Copa: O que tem mais audiência no mundo?* <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2023/02/09/super-bowl-final-da-champions-ou-copa-o-que-tem-mais-audiencia-no-mundo.htm>
- Valente, P. (2021, September 6). *O “X” e o “@” não são a solução: Sistema Elu | Linguagem Neutra em Género.* Medium. <https://medium.com/@pedrosttv/sistema-elu-linguagem-neutra-em-g%C3%A9nero-pt-pt-9529ed3885cf>
- Wright, J. (2024, June). *Is the Champions League final bigger than the Super Bowl? How 2024 UEFA projected viewership compares to Chiefs vs. 49ers.* Sportingnews.com. <https://www.sportingnews.com/uk/champions-league/news/champions-league-super-bowl-bigger-viewership-comparison-uefa/579e1ce87f1e2d0916f06267>
- (2024). Unesco.org. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000114950>

IV

Anexos

APOIO DO PÚBLICO FOI IMPORTANTE

VOZES AFINADAS NA LUZ

O pavilhão Borges Coutinho abriu ontem as suas portas a uma assistência numerosa que, de bandeiras na mão e voz afinada, *torceu* durante todo o encontro pela vitória do Benfica.

O resultado favoreceu a equipa da casa, mas a vantagem de sete golos obtida em Lisboa esteve longe de deixar tranquilo o técnico Ângelo Pintado. Na opinião do treinador, o Benfica não se apresentou no seu melhor.

«Apesar da vitória, não gostei do jogo», afirmou. «A equipa não jogou bem e perdeu em colectivismo. Rematou muito a nível individual e de forma fantasiosa.» Em relação aos adversários do Sittardia, confessou-se surpreendido com a defesa. «É uma equipa muito forte, fecha-se bastante e não arrisca muito a jogar fora dos seis metros», avançou.

O treinador dos holandeses, Bosse Johansson, considerou, por seu lado, que se assistiu a um bom jogo, embora os seus jogadores não tenham estado muito bem: «Os adversários eram jovens e o ataque da minha equipa não foi lá muito bom», justificou o técnico, que tem nacionalidade sueca.

EDITE DIAS

ABC
EM FRANÇA



Os torneios de Estrasburgo e Paris serão as últimas etapas da preparação dos campeões nacionais

NOVE JOGOS MUITO A SÉRIO

ESTRASBURGO — O ABC prepara-se uma vez mais para participar no torneio internacional de andebol George Marrane, em França. Mas antes disso um outro desafio espera os bracarenses por terras gaulesas: o torneio de Estrasburgo. Duas provas que constituem a derradeira etapa na preparação dos campeões nacionais para a nova temporada.

O prestígio internacional do Académico de Braga trouxe de novo os académicos até França. Só que desta vez a participação desportiva do clube não se resume à habitual presença no Torneio George Marrane, mas estende-se a uma outra competição, o torneio de Estrasburgo que goza, igualmente, de enorme prestígio. E é precisamente por esta prova que o ABC irá iniciar, amanhã, a sua tournée francesa.

Os clubes participantes nesta competição foram divididos em dois grupos, cabendo aos portugueses terem como adversários na sua série as formações de Creteil, Budapest e Selestat. No outro grupo participam as equipas de Grosswalstatt, Chambéry, Astrakhan e Estrasburgo. Um lote de excelentes conjuntos que garantem, à

partida, um elevado nível de qualidade à prova gaulesa. Como curiosidade refira-se que neste grupo os braca-

renses vão encontrar o seu antigo companheiro, Dragos Dobrescu, o central romeno que esta época se transferiu para o clube anfitrião.

Também Aleksander Donner, o técnico da formação nacional, poderá ter oportunidade de defrontar um dos clubes que orientou antes de ir para Portugal, o Dinamo de Astrakhan.

Mas se nesta prova o confronto entre portugueses e russos não passa de uma hipótese, o mesmo não irá

acontecer no compromisso seguinte — Torneio George Marrane —, onde a sorte ditou que ABC e Astrakhan ficassem incluídos no mesmo agrupamento.

Depois das exibições em Estrasburgo, que terminaram no próximo sábado, a comitiva seguirá até Paris, onde inicia no primeiro dia de Setembro a sua quinta participação no Torneio George Marrane.

Esta é a 22.^a edição de uma prova que os académicos conhecem bem e que é considerada por muitos como um autêntico campeonato do Mundo a nível de clubes.

Como preparação para uma nova temporada que se adivinha muito competitiva, os bracarenses vão ter pela frente alguns adversários de respeito. Além do já referido Astrakhan, terceiro classificado do campeonato russo, o ABC vai defrontar, na primeira fase do George Marrane, o U.S. Ivry, campeão de França e o Trieste, vencedor do campeonato italiano.

Esta é igualmente a melhor oportunidade para o técnico ucraniano ao serviço do Académico testar o mais importante reforço da sua equipa, o egípcio Ahmed El Attar.



O egípcio Ahmed El Attar estreia-se pelos bracarenses

TORNEIO GEORGE MARRANE

Grupo A

US IVRY
ASTRAKHAN
ABC
TRIESTE

Grupo B

US CRETEIL
ADEMAR LEON
RK CELJE
STOCKERAU

SAINT-BRIEUE

1-9-97 (segunda-feira)

19.00 ABC-ASTRAKHAN

21.00 IVRY-TRIESTE

BREST

2-9-97 (terça-feira)

19.00 ABC-TRIESTE

21.00 IVRY-ASTRAKHAN

VANNES

3-9-97 (quarta-feira)

19.00 TRIESTE-ASTRAKHAN

21.00 IVRY-ABC

QUARTOS-DE-FINAL

PARIS

5-9-97 (sexta-feira)

- (1) IVRY-STOCKERAU
- (2) ASTRAKHAN-CELJE
- (3) ABC-ADEMAR LEON
- (4) TRIESTE-CRETEIL

MEIAS-FINAIS

PARIS

6-9-97 (sábado)

- Vencedor jogo 1-Vencedor jogo 3
- Vencedor jogo 4-Vencedor jogo 2
- Vencedor jogo 1-Vencedor jogo 3
- Vencedor jogo 4-Vencedor jogo 2

FINAIS

PARIS

7-9-97 (domingo)

Apuramento dos 1.º a 8.º lugares

PORTLAND RENUNCIOU A QUATRO JOGADORES PARA CONTRATAR BRIAN GRANT POR SETE TEMPORADAS

Um Blazer de 63 milhões

Por MIGUEL CANDEIAS

NA passada temporada uma séria lesão reduziu a acção de Brian Grant a escassas 24 partidas da época regular, ao serviço dos Sacramento Kings, porém tal pouca sorte não o impossibilitou de, neste defeso, se tornar na mais importante contratação dos Blazers. Se bem que tal já se esperava, sobretudo pelos números envolvidos, Grant (25 anos) assinou um contrato de sete épocas com a formação de Portland por 63 milhões de dólares (11.340 milhões de contos), valores que o tornam o mais bem pago jogador do conjunto do estado de Oregon.

Assim, depois de três campeonatos ao serviço dos Kings e de no ano passado ter tido um salário a rondar os 1,2 milhões de dólares (216 mil contos), Brian Grant não só passa a jogar numa equipa com maiores ambições como vê o seu ordenado subir para uma média anual de 9 milhões de dólares (1.620 milhões de contos). Isto para além de ter conseguido intro-

duzir no acordo uma cláusula que lhe permite rescindir após cumpridas as primeiras três temporadas. Note-se que, para poderem ganhar espaço no tecto salarial para a contratação de Grant, os Trail Blazers viram-se obrigados a renunciar aos direitos que tinham sobre quatro jogadores: Mitchell Butler, Marcus Brown, Rumeal Robinson e Cliff Robinson (uma das suas principais figuras), que na situação de free agent ainda não encontrou um clube para a próxima época.

Dudley renova mas não deve ficar

A turma de Portland anunciou igualmente a contratação (por um ano) do poste Chris Dudley, o qual no final da temporada havia rescindido o acordo que tinha com os Blazers e optado por passar à situação de agente livre. Porém, os rumores que correm é que Dudley (32 anos) não ficará muito tempo na cidade pois apenas foi adquirido para ser trocado num negócio com uma equipa de Este que está interessada nos seus serviços.



Grant — o mais bem pago dos Blazers



Dudley deve seguir para uma equipa de Este

ATLETISMO



MARATONA DE LONDRES

REINADOR SATISFEITO

Pinheiro de espanto

LONDRES – Alfredo Pinheiro foi para a meta à espera do seu atleta. Quando saiu da sala de imprensa, ainda viu António Pinto a dar sinais de querer fugir do quinto lugar que lhe parecia destinado. O técnico assistiu à chegada Mouaziz e Tergat um minuto depois. Alfredo Pinheiro teve de esperar mais um minuto antes de vislumbrar a figura daquele que seria o último atleta a subir ao pódio. E qual não foi o seu espanto quando percebeu que era Pinto. «Estou mais feliz do que ele! O resultado é o mesmo e sofri muito menos do que ele. Quando vemos a corrida de fora não temos tanta noção do que se está a passar. Na última imagem que tive do Pinto ele estava a recuperar. Mas nunca imaginei que chegasse a terceiro!» Um lugar muito honroso tendo em conta a feroz concorrência oferecida pelo marroquino e pelo estreante Tergat. «Aos 20 quilómetros Mouaziz atacou e ninguém reagiu. Por sorte estava cá o Paulo Catarino para fazer a recolagem. Foi a sorte não só do António Pinto como de todos os outros. Depois da aproximação, o Pinto dominou um pouco mais viu-se nitidamente que a corrida estava a jogar com milhas muito rápidas e muito lentas, ou seja que ninguém queria arriscar.» Mas não tardou, porém, a que Mouaziz decidisse assumir o risco e partisse irremediavelmente para o topo da corrida. «Estavam os seis juntos, o Mouaziz fez um ataque muito forte e o Pinto foi o que descolou mais cedo. Sei que ele conhece bem o percurso e já em 1997 também andava lá mais para trás e depois ganhou. Mas vi logo que desta vez tal não aconteceria, se não teria ido com o Mouaziz... Todas as maratonas têm uma história e a desta é que o António Pinto conseguiu um resultado excelente com uma exibição média.»



Os mais famosos de Londres ao lado do primeiro-ministro britânico, Tony Blair

EM 2.09.36 HORAS ANTÓNIO PINTO MANTÉM PÓDIO DE LONDRES

Um dia tinha de ser

Reportagem de
EDITE
DIAS



Enviada especial de «A BOLA»

LONDRES – António Pinto avisara que esta era a mais forte edição de sempre da maratona londrina. Não se enganou. O ataque de Mouaziz deixou o pelotão nervoso. Apenas Tergat respondeu. Pinto escoregou para quinto. A partir daí iniciou a mais dura escalada para cumprir a tradição de ocupar um lugar no pódio. E conseguiu. Foi terceiro com 2.09.36 horas

Enquanto El Mouaziz ainda agradecia a Alá a vitória conseguida em Londres, com 2.07.11 horas, e Paul Tergat desfilava orgulhoso pelo segundo posto obtido na sua estreia

(2.08.15), a expectativa aumentava quanto ao terceiro homem. Só quase em cima da meta, a televisão revelou o segredo. Era António Pinto. Dentes cerrados, cortou a meta em 2.09.36 horas. Primeiro o abraço a Alfredo Pinheiro, depois a Mouaziz, repetindo o gesto quando em 1999 perdeu para o marroquino, exactamente depois de um ataque surpresa semelhante. Um abraço triste? «Não tenho motivo para não estar contente, recuperei o pódio nos últimos metros. No derradeiro quilómetro percebi que seria terceiro. O Mouaziz e o Paul Tergat, tal como imaginava, estavam muito fortes. Senti falta de pernas. Não sei se foi da corrida ir aos estícos ou do vento... Aos 37 quilómetros tentei vir para o quarto lugar e consegui passar o Kosgei. Depois já

no último quilómetro apanhei o Jifar que já se arastava...»

«Tergat não me surpreendeu»

Paul Tergat acendeu-se do português e deu-lhe os parabéns pelo seu terceiro lugar. Pinto parecia já ter imaginado este episódio. «Eu bem disse que eles me iam dar dores de cabeça. Quando o Mouaziz fugiu, aos 32 ou 33 quilómetros, o Tergat respondeu e o grupo ficou todo baralhado. Tentei reagir mas não dava mais. Estava em quinto. Ainda vi as coisas mal paradas e pensei logo que algum dia tinha de ser, haveria de ficar fora do pódio. Ainda por cima, olhava para o Mouaziz que cada vez corria com mais vontade de ganhar.»

O pupilo de Alfredo Pinheiro esteve quase sem-

pre no grupo da frente. Quando Luís Jesus, a lebre, encostou, o marroquino atacou. Pinto reagiu à primeira ameaça. O grupo manteve-se até aos 35, altura em que El Mouaziz voltou a esticar e apenas Tergat o seguiu. «O Tergat não me surpreendeu. Se ele gaulhasse também não me espantava nada! Ser segundo em Londres é melhor do que muitas vitórias em algumas maratonas. Tal como o meu terceiro posto. Foi uma corrida dura.» Dura e, por certo, não tão feliz como António Pinto esperava. Perdeu o primeiro lugar mas o terceiro do pódio com que abandonará Londres só pode enchê-lo de orgulho pela coragem que teve em acreditar quando tudo parecia perdido. Os verdadeiros vencedores são assim!

MOUAZIZ FENOMENAL

As jóias da coroa

LONDRES – Ainda antes da partida Mouaziz brincava com o facto de alternar o primeiro e o segundo lugar em todas as suas participações em Londres, garantindo que nesta lógica já sabia que ia ganhar. Não se enganou. «Vim para ganhar. Agora que tenho um novo treinador, Ibrahim Boutayeb (campeão dos 10 mil metros em Seul), sinto-me melhor.» O marroquino andou sempre na frente, ameaçou duas vezes fugir e à segunda foi mesmo. Conseguiu apenas levar Paul Tergat. «Falei com o Pinto, ele disse que não podia ir comigo porque estava vento. O Tergat foi. Conseguiu ser segundo na primeira corrida, fantástico! Imparável esteve Mouaziz que mal cortou a meta se ajoelhou para agradecer a Alá. «Apenas porque terminei não porque ganhei.» Mas bem podia fazê-lo, pois além do triunfo, o marroquino estabeleceu também a sua melhor marca pessoal (2.07.11 horas), e engordou em muito a sua conta bancária. Agora já só pensa na próxima maratona que deverá ser Chicago, depois dos Mundiais. Tergat não ganhou mas foi como se tivesse ganho. Estreou-se com um magnífico segundo lugar em Londres, com 2.08.15 horas. Alguns compatriotas fizeram mesmo questão de ostentar a bandeira do seu país e gritar alto pelo nome do seu herói. «Foi uma experiência maravilhosa e estranha porque tão depressa se andava rápido como devagar. Não sabia muito bem o que fazer. Olhava para Pinto, sabia que ele era perigoso. Quando Mouaziz foi embora voltei a olhar para o Pinto, para ver se ele reagia, depois fui-me embora.» E não podia ter sido mais acertada a decisão, já que para trás ficaram Pinto, Jifar, Kosgei e muitos outros...

Classificações

Masculinos

1. Abdelkader El Mouaziz (Mar) 2.07.11 horas;
2. Paul Tergat (Que) 2.08.15; 3. ANTÓNIO PINTO (POR) 2.09.36; 4. Testay Jifar (Eti) 2.09.45; 5. Japhet Kosgei (Que) 2.10.45; 6. Mark Stahle (GB) 2.10.46; 7. Takayuki Inubushi (Jap) 2.11.42; 8. Abel Anton (Esp) 2.11.57; 9. Hendrick Ramaala (RAS) 2.12.02; 10. Gert Thys (RAF) 2.12.02; 11. Mark Huds-pith (GB) 2.13.13; 12. Joseph Mereng (Que) 2.13.26; 13. Mohammed El Hattah (Mar) 2.14.27; 14. Alfrad Shemweta (Sue) 2.15.34; 15. Eric Wainana (Que)

Femininos

1. Derartu Tulu (Eti) 2.23.57 horas; 2. Svetlana Zakharova (Rus) 2.24.04; 3. Joyce Chepchumba (Que) 2.24.12; 4. Lidia Simon (Rom) 2.24.15; 5. Elenosh Alemu (Eti) 2.24.29; 6. Nuta Olaru (Rom) 2.25.16; 7. Alina Ivanova (Rus) 2.25.34; 8. Tegla Loroupe (Que) 2.26.10; 9. Adriana Fernandez (Mex) 2.26.22; 10. Madina Biktagirova (Rus) 2.27.12; 11. Marleen Renders (Bel) 2.28.31

TEGLA, DESILUSÃO OU TALVEZ NÃO

Renascida das cinzas

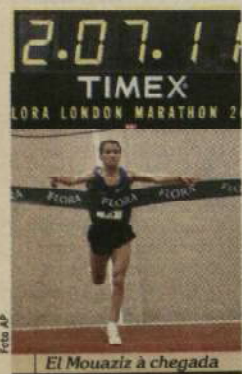
LONDRES - Tegla Laroupe chegou a Inglaterra disposta a repetir a proeza do ano passado e vencer sem apelo nem agravo a concorrência. Aliás, apesar de todos os cuidados quanto às apostas, a verdade é que a queniana recordista do mundo (2.20.43) estava no topo das favori-

tas. Por isso o seu oitavo lugar com 2.26.10 horas têm muito de desilusão. Porém, Tegla nem por isso deixou de mostrar porque motivo a consideram um fenómeno. Aos 10 quilómetros, e depois de uma quebra física que inclusive a obrigou a parar e sair da corrida, Laroupe tinha 51

segundos de atraso para o grupo da frente que Lidia Simon encabeçava. Nunca atirou a toalha ao tapete e 20 quilómetros depois apanhou o grupo da frente relançando a corrida. Contudo, a três mil metros da meta o esforço de recuperação traiu a queniana que ficou para trás.



Derartu Tulu de ouro



El Mouaziz à chegada

A alegria é permanente entre as equipas do Assomada porque o andebol também é uma festa para elas

MIGUEL NUNES/ASF



Um ovo para quatro e andebol para todas

Equipa da Outurela, herdeira do bairro da Pedreira dos Húngaros, movimenta 80 atletas • Alexandrina Barbosa é orgulho do clube

ASSOMADA

por
EDITE DIAS

AS meninas sobem a rua sem pressa para a sala de estudo improvisada na sede do Assomada, encravada no Bairro de São Marçal (Outurela), um dos herdeiros do bairro de lata da Pedreira dos Húngaros e onde um ovo chega a dar para quatro. Nos fatos de treino lê-se andebol em letras grandes. Assunção Fernandes, a São, como todas a tratam carinhosamente, vai chamando a atenção para más notas. «Temos de estar sempre em cima e ponho-as de castigo. Escola é muito importante», avisa a mãe do lateral-esquerdo do Belenenses, Elledy Semedo. Apesar de serem do bairro, as grades rodeiam o rés-do-chão. «Estamos aqui há 10 anos, as mais novas nem eram nascidas», recorda. «Precisamos de imaginação e dinheiro para manter o projecto. Acabámos com as seniores por causa disso. Dificuldades são muitas, apesar do apoio da câmara de Oeiras. Dão-nos 30 mil euros mas temos de pagar tudo», explica a mentora do projecto que conta com 80 atletas a partir dos 8 anos.

«Gostamos do andebol e nem vamos às festas nos dias de jogos», confirma Merciana, com 14 anos, uma das mais antigas do clube que, em 2005, recebeu o prémio *fair play* da Federação Europeia de Andebol. O reforço escolar passou ao jogo dos países. «Marca com letra C?», Rute, Vânia, Beti, Mercy, Sílvia escondem-se atrás dos papéis, até que uma delas atira a dúvida: «Cannabis é marca?». A gargalhada é geral. No Assomada fazem-se mulheres do futuro, insiste São, que dedica a vida a ajudar quem precisa. «Gostamos da Alexandrina Barbosa», gritam em coro, recordando que a melhor jogadora portuguesa, a actuar na Roménia, começou no mesmo bairro. «E do Nélson Pina [Belenenses]! Airmã joga nos juniores.»

A timidez desaparece rapidamente com a promessa de irem ver o jogo das juniores. Ao volante da carrinha de nove lugares oferecida pela autarquia, a outra São buzina. «Ela é a nossa São branca», brincam as jogadoras, que têm em Sílvia a melhor marcador do nacional de iniciadas com 104 golos.

Assomada tem dificuldades. «Às vezes aparecem de pantufas, chinelos e até descalças para se treinar...», diz São. Mas quem dá o que tem a mais não é obrigado e elas dão tudo. Tal como São, cuja imagem se confunde com o andebol em bairros problemáticos desde sempre. Alguém se atreve a dizer que o desporto não ajuda a mudar o mundo?

MIGUEL NUNES/ASF



Depois da Pedreira dos Húngaros, o Assomada tem na alma e no corpo a São. Sempre ela!

Os almoços em família à beira da estrada

→ A cada viagem a mãe duma jogadora faz o almoço para a comitiva com 30 euros. Para todos

A curiosa avó Lili entra na sala do Assomada e reclama da ausência das meninas para quem fez o almoço. «Já fomos a Cabo Verde! E à América, quando iremos?» O suspiro arranca os sorrisos das meninas. «Sou solteira e boa rapariga», garante a avó sem idade. «O clube chama-se Assomada porque é o nome duma cidade em Cabo Verde e quando para aqui viemos havia muitas gente de lá», explica a São, enquanto trata dos preparativos para a viagem do dia seguinte até à Batalha. É que sempre que há jogo o almoço é um alegre convívio por esse país fora. Mas não num restaurante, porque o clube não pode e as atletas também não. Para escapar à crise, cada semana um familiar de uma jogadora faz o almoço para as 25. Com 30 euros de *plafond* e às vezes ainda há troco! «Nós damos o dinheiro e uma das mães cozinha. Assim garantimos sempre que elas fazem uma boa refeição. Acontece o mesmo com os equipamentos. Não podemos lavá-los. Então, em cada fim-de-semana, uma atleta leva-os para casa para lavar. É rotativo e muda de acordo com o número da camisola. Em todos os escalões, para se habituarem de pequeninas.» E mesmo nas pequeninas o cenário não é diferente. Na Outurela o andebol ajuda a disfarçar a miséria, a enganar o estômago e mostra outros caminhos para lá do bairro. «No outro dia alguém passou por uma miúda que ia comprar um sumo com gás. Perguntaram-lhe se já tinha comido e ela disse que havia um ovo para quatro...»

Centro Sul Região



Râguebi hoje no Seixal

Realiza-se hoje (às 14 horas) mais um convívio de râguebi adaptado no Complexo Municipal Carla Sacramento, no Seixal. Esta iniciativa surge no âmbito do projecto Desporto para a População com Deficiência, da câmara do Seixal, em parceria com Benfica Rugby. Estão confirmados mais de 400 participantes.

MIGUEL NUNES/ASF



↓ Nina Bratchikova no Algarve

'Ladies open' em Portimão

Arranca no sábado o Tivoli Ladies Open, prova organizada pelo Clube de Ténis de Portimão e Rocha. A prova algarvia, que termina no próximo dia 22, disputa-se no complexo municipal e conta para o ranking do circuito WTA. Estão inscritas 120 jogadoras de 30 países. A russa Nina Bratchikova, n.º 206 mundial, vai defender o título conquistado em 2008.

ANDEBOL



POLÉMICA

O DESPEDIMENTO COM JUSTA CAUSA DE UMA ANDEBOLISTA QUE ENGRAVIDOU AGITOU OS ESPANHÓIS

Grávida? Não, obrigado

Por EDITE DIAS

E se fosse despedida porque engravidou? Ou se isso acontecesse à sua filha ou mulher? Parece impensável nos dias de hoje em que as questões da igualdade e dos direitos da cidadania são bandeiras hasteadas por quem se orgulha de viver nas democracias do século XXI. Porém, há menos de um mês, uma rapariga de 26 anos foi despedida porque engravidou e acatou serenamente a decisão que, aliás, constava no seu contrato de trabalho. A rapariga é jugoslava, jogadora de andebol e representa o campeão de Espanha, Osito L'Eliana. E se fosse em Portugal? Ser desportista é diferente de ser professora ou cabeleireira?

«Uma hipótese num milhão!», vaticinaram os médicos quanto às possibilidades de engravidar da andebolista jugoslava Tatjana Medved, após esta ter sido sujeita a uma operação a um cancro no cervix. Contudo, a natureza é caprichosa e a jogadora, que representa o Osito L'Eliana, campeão espanhol, disputou grávida um jogo dos quartos-de-final da Liga dos Campeões.

«Imprudência», bradou a treinadora e selecciona-



As andebolistas não podem engravidar

SEM EXCEÇÃO

Este tipo de casos contudo não é novo em Espanha. O Ros Casares viveu, em 1995, uma situação semelhante com a basquetebolista russa Natalia Zasoulskaya que jogou grávida a final four. Zasoulskaya chegou a um acordo económico e acabou por integrar-se na equipa meses depois de dar à luz. O mesmo sucedeu com a ex-jogadora do Canoe de Madrid Meli Suárez.

CILÍSIA CAMACHO

Assinei em consciência

Cilísia Camacho, a pivot do Madeira, SAD e da Seleção Nacional foi a primeira jogadora de andebol em Portugal a rescindir contrato com um clube por ter engravidado. Uma decisão de comum acordo. «Quando descobri que estava grávida (não foi planeada) conversei com o clube e decidi assinar a rescisão. O que era claro no contrato é que tinha de estar em condições físicas para jogar. É verdade que se partisse uma perna se calhar não propunham a rescisão, mas eu achei que esta era a atitude mais correcta. Tinha assinado um contrato de 10 meses, estava no quarto e não poderia cumpri-lo até ao fim. Até compreendo o facto de não receber salário, o que não entendo é por que motivo fazendo descontos para a segurança social não

recebemos nenhum apoio? Se estivermos lesionadas recebemos da segurança social. Dizem sempre que é um trabalho como qualquer outro e o certo é que tenho direitos e deveres, cumprio horários, mas no meu outro emprego, quando fiquei grávida, ninguém me propôs sair e fui apoiada. Nestes casos percebe-se que não é bem igual. Se me pedissem para assinar um contrato com uma cláusula dessas não o faria, se bem que acabei por rescindir e foi quase a mesma coisa. Mas fi-lo de consciência porque no fundo eu é que quebrei o acordo. Continuai, porém, a frequentar o ginásio e a natação e a fazer a preparação que podia. Fi-lo do meu bolso, mas também não pedi ao clube. Julgo que deveria ser a segurança social a suportá-lo.»



Cilísia Camacho rescindiu após a gravidez

A polémica

MENTIRA!

“

Quem quer que tenha dois dedos de testa não se arriscará a despedir uma jogadora por este motivo, pois qualquer juiz consideraria de imediato o contrato nulo e ilegal. Tem a forma de acordo amigável mas é uma mentira

”

(responsáveis jurídicos do Ferrobús Ku Mislata, eterno rival do Osito)

JAMAIS

“

Nunca tinha visto uma coisa destas! Sendo mulher nunca assinaria um contrato destes, mas como desportistas temos de tomar as nossas precauções

”

ALICIA LÓPEZ
(«capitã» do Godella)

MORAL OU NÃO...

“

Se está no contrato é legal porque o contrato é fruto da vontade das partes. Não é uma imposição. Estes temas discutem-se. Outra coisa é que seja moral ou não

”

FRANCISCO DOMÉNECH
(advogado do Ros Casares)

JUSTO

“

Esta cláusula é normal e a decisão de rescindir o contrato está mais que justificada

”

MERCEDES FUERTES
(presidente da Associação de Jogadoras de andebol)

MADEIRA, SAD

Acordo de cavalheiros

A equipa do Madeira, SAD é a única em Portugal que mantém com as suas jogadoras contratos profissionais e apesar do presidente do seu Conselho de Administração, Alfredo Mendonça, assegurar que jamais constaria um cláusula de rescisão desse género nos contratos do clube, admite que existe um «acordo de cavalheiros» entre as partes no que toca a uma provável gravidez.

«Não há nada que proíba que se estabeleça este tipo de acordo e as jogadoras aceitam sem problemas rescindir os seus contratos quando isso acontece.

Não está escrito em lado nenhum e não se pode proibir ninguém de engravidar, até porque são as mulheres que decidem, mas quando assinam um contrato conosco é para jogar.

Nas outras profissões a gravidez não as impede de cumprir as suas funções. Uma professora, uma empregada de escritório pode continuar a trabalhar até ter o bebé. Com uma atleta a situação é diferente.

Por isso, também as minhas jogadoras ganham mais do que se tivessem uma profissão dessas. Uma atleta grávida não tem o mesmo rendimento. Até hoje nunca tivemos problemas. Já aconteceram dois casos e as rescisões foram pacíficas.

Mas esta situação não acontece apenas no andebol. No voleibol e no basquetebol a situação é idêntica, se bem que estes casos são raros. Jamais incluiria este tipo de cláusulas porque são ilegais.»

Explícita ou implicitamente, a realidade é que qualquer jogadora sabe que se engravidar o seu contrato termina no dia em que anunciar a boa-nova e partir daí está entregue aos seus cuidados e à sua bolsa. Uma questão a que Alfredo Mendonça não conseguir responder é por que motivo não acontece, como em caso de lesão, as jogadoras receberem apoios da segurança social.

«Nunca se levantou essa dúvida... As atletas rescindem sempre mas se calhar pela lei do trabalho até é legítimo e correcto.»

JULIANA SOUSA, UMA PORTUGUESA COM CONTRATO ESPANHOL

Jamais assinaria!

Desde muito cedo que Juliana Sousa encantou os pavilhões portugueses e não tardou a seduzir os espanhóis que não descansaram enquanto não viram a atleta em território vizinho.

A caminho da segunda época com a camisola do Ferrobús, eterno rival do clube de Tatjana Medved, a internacional portuguesa mostra-se peremptória

na condenação do caso. «O meu contrato não tem nenhuma cláusula desse género e não assinaria um acordo em que existisse. As mulheres não são despedidas nos outros empregos quando estão grávidas. Não sou contra o facto das mulheres engravidarem quando estão a jogar porque ser mãe é um dom, um direito da mulher e uma coisa muito bonita. Os homens são



Juliana Sousa

país e nem por isso são despedidos! É evidente que não os impede de jogar mas uma mulher é livre de ter um filho quando quiser. Com as devidas distâncias, é quase como quando uma jogadora se lesiona também fica impedida de jogar temporariamente e ninguém pensa em rescindir contrato... A gravidez devia ser encarada da mesma maneira.»

MIGUEL FERNANDES PEREMPTÓRIO

Cláusula nula e dupla violação

Em Portugal não existem tais cláusulas, mas no caso da equipa do Madeira, SAD, por exemplo, — cujas atletas têm contratos profissionais — presume-se um acordo de cavalheiros baseado no mesmo princípio. Miguel Fernandes, advogado e secretário geral da Federação de Andebol de Portugal, explica que em Portugal este tipo de cláusulas seria sempre ilegal. «Há um conjunto de documentos e pactos internacionais que são importantes para analisar este caso e o direito nacional



Miguel Fernandes

condena claramente esta situação. A Constituição da República Portuguesa (CRP) recolhe os princípios internacionais estabelecendo um princípio genérico que é o da Igualdade (Art.º 13.º). Além disso, o Art.º 58 (Direito do Trabalho) estabelece a não vedação ou limitação do trabalho em função do sexo. No caso particular da atleta despedida, o Art.º 59 C) e o 68 n.º3, estabelecem a especial protecção das mulheres durante a gravidez e pós-parto, sem perda de retribuição ou quaisquer regalias.»

E se acontecesse em Portugal? «Caso existisse

alguma cláusula num contrato de trabalho que estipulasse o despedimento com justa causa em caso de gravidez, essa cláusula seria considerada nula e incorreria numa dupla violação: dos princípios de igualdade da Constituição da República e da Lei 392/79 que estabelece a igualdade e a não discriminação em função do sexo. Se a entidade empregadora promovesse esse despedimento este seria considerado ilícito com base no Art.º 13.º da LCCT — regime jurídico da cessação do contrato individual de trabalho — o que poderia conferir à atleta o direito à reintegração ou às indemnizações aí previstas.»

No caso português, as atletas mostram-se conformadas com a rescisão e só lamentam não poder recorrer à baixa, uma situação que Miguel Fernandes considera estranha: «Uma vez que descontam para a Segurança Social deveriam beneficiar do que está previsto na legislação.»

CRISTINA GOMES CORREU O RISCO

Campeã grávida de quatro meses

A central do Madeira, SAD e da Selecção Nacional foi um dos primeiros casos de uma atleta que engravidou enquanto estava a jogar. No caso de Cristina, uma situação que se arrastou durante os primeiros meses de gravidez.

«Descobri bastante tarde que estava grávida pois continuava a ser menstruada. Quando soube já tinha passado o perigo maior e o médico disse que, com os devidos cuidados, podia jogar. Fui eu que decidi continuar porque o clube deixou à minha consideração. Faltavam apenas três jogos



Cristina Gomes — um dos casos de persistência

e eram decisivos para o título, por isso, corri o risco. Só atacava e tive bastante mais cuidado com o contacto físico. Se fosse mais tempo, provavelmente, não teria arriscado. Como era o final da época e os nossos contratos não eram profissionais, não houve problemas com o ordenado. A minha filha nasceu em Outubro e eu voltei a jogar em Janeiro e a receber. Teria de pensar bem mas, provavelmente, assinaria um contrato com essa cláusula porque temos de ser responsáveis se somos profissionais.»

POLÉMICA

Opinião!

Por
TEOTÔNIO
LIMA

Dizer bem

PARA quem ensina basquetebol, para quem treina jovens, e procura que estes gostem da modalidade, é indispensável estabelecer uma boa comunicação com eles, fazendo um esforço para dizer bem muitas mais vezes do que dizer mal daquilo que vão conseguindo executar de sessão para sessão. Se estou a ensinar a um jovem de 14 anos o lançamento em suspensão, e a sua execução sai cheia de erros, como é que posso dizer bem sobre o que foi realmente mal feito? O caminho é este: começo por dizer ótimo, já tens a ideia do que é o lançamento em suspensão! Vamos, agora, melhorar o que o teu corpo ainda não conseguiu. Fixa a visão no alvo e salta na vertical, o mais alto que puderes e lança. O jovem executa e, em função dos erros detectados, digo então: sim senhor, já está diferente: Recomeço — executa outra vez e lança... Não faço mais recomendações e reforço o dizer bem... Já melhoraste, agora é preciso repetir, vai lançar para aquele cesto e escolhe um parceiro. Quando tiveres dúvidas pergunta o que deves fazer... se eu souber digo o que deve ser feito. Tudo isto acontece sem se dizer mal. Sem se dizer — Não é assim que se faz! Quando a sessão termina digo — hoje foste bom! Nós gostaríamos de proceder deste modo em relação a todos os agentes desportivos, não para lhes ensinar a fazer coisas, mas sim para lhes reconhecermos uma boa prestação em prol do desenvolvimento desportivo. Como fazê-lo em relação a um árbitro que, ao assinalar uma infracção às regras, solta uma apatidade que se ouve em Badajoz e corre em direcção ao infractor, com cara de Zé do Telhado e dedo espetado, com um ar de quem diz — apanhei-te! Como se poderá dizer bem de quem assim procede, não uma vez, mas várias vezes durante todo o jogo? Como dizer bem de uma arbitragem que, ao iniciar o jogo, arremessa a bola ao ar de modo que os saltadores a podem tocar na sua trajectória ascendente? Gostaríamos de dizer bem de dirigentes que pautassem as intervenções pelos interesses dos jovens mas como fazê-lo quando contribuem para a reprodução dos comportamentos negativos dos seniores? Os jovens de 12 anos precisam de participar em Nacionais? Os custos da organização dos jogos oficiais dos escalões de formação permitem uma vida económica sadia aos clubes que mantêm em actividade equipas de jovens? Gostaríamos de dizer bem... mas poucas oportunidades temos para o fazer!

ACTUALIDADE



TRANSEXUAIS NO DESPORTO

DUMARESQ E ABADE, OS CASOS MAIS RECENTES

Bicicletas e o futebol

A Áustria recebeu, há uma semana, o Mundial de BTT, com todos os olhares centrados numa das ciclistas do Canadá, Michelle Dumaresq, e nos seus 1,82 metros e 90 quilos. Não foi a envergadura que despertou a curiosidade sobre a atleta de 32 anos, mas sim o facto de, até há seis anos, Michelle ser Michael e ter, naturalmente, tudo aquilo que distingue um homem de uma mulher. As colegas de equipa recusam-se a falar com ela e enviaram mesmo uma carta à UCI, pedindo que não autorizasse a participação de Michelle que, aos 25 anos, se submeteu à cirurgia que lhe daria uma nova identidade, reconhecida legalmente na certidão de nascimento. «O passado masculino dá-lhe vantagem física na competição. Porque não criam uma categoria para transsexuais onde possa competir? Não é justo!», exclamam as colegas. Os resultados vitoriosos nada têm a ver com o facto de, durante 25 anos, ter sido homem, defende Dumaresq. «O facto de ser



Michelle Dumaresq

transsexual é apenas uma parte da minha história. Sou uma mulher, ciclista e bastante boa. Os transsexuais têm os mesmos direitos que o resto das pessoas e isso também se aplica ao desporto.» Na Nigéria a federação de futebol veio a público dizer que vai patrocinar a operação de mudança de sexo de Iyabo Abade, 24 anos, a melhor marcadora do campeonato interno em 1998, que se converteu numa das principais jogadoras da Selecção Nacional. Abade, porém, escondia um pequeno segredo que o ostensivo carço de Adão deixava adivinhar. Após um

TRANSEXUAL CANADIANO CAUSA POLÉMICA NO MUNDO DO DESPORTO 30 ANOS DEPOIS

E se, afinal, ela

Por EDITE DIAS

E se, afinal, Anna Kournikova, musa do ténis e do universo masculino em geral, fosse um homem? Ou se um qualquer bota de ouro decidisse mudar de sexo e jogar futebol numa equipa feminina? Estaria em risco a verdade desportiva? Um transsexual tem ou não

reconhecimento médico foi encontrado um pequeno pénis e os testes médicos revelaram que a quantidade de esperma que produz é suficiente para engravidar uma mulher. Nada demoveu a jogadora. «Quero jogar numa equipa feminina. Fui criada como mulher e sou uma mulher, com uma pequena diferença. Os adeptos não se devem esquecer de mim porque o meu problema é apenas temporário», apelou Abade que falhou o Mundial feminino dos Estados Unidos, em 1999.

se para Los Angeles e começou a fazer do ténis a sua profissão, entre as mulheres, pois claro. Mas a imprensa descobriu e não só acabou com a sua relação com um instrutor de ténis que desconhecia que a namorada era um transsexual, como tornou a sua vida num inferno. Quando a ciência substituiu o que a natureza lhe deu, mudou de identidade, mas só após uma dura batalha nos tribunais conquistou o direito de disputar como mulher o circuito WTA e em 1977, com 43 anos, garantiu o acesso ao quadro principal do US Open. Perdeu frente à campeã de Wimbledon e no dia seguinte os jornais dividiam-se entre «exemplo de humanidade» e «espectáculo de horror».

novo nome, Eric, venceria cinco provas da Taça da Europa. Retirou-se aos 21 anos e casou em 1975. Hoje é pai de uma menina, tem um restaurante, uma escola de esqui. E é feliz.



«É uma opção de vida como qualquer outra e as pessoas têm direito a mudar de sexo se o desejarem», explicou Renee que depois de acabar a carreira como jogadora foi treinadora de Martina Navratilova, antes de abandonar o ténis e voltar à medicina.

O PRIMEIRO TRANSEXUAL DO DESPORTO

Apadrinhado pelo ténis

Richard Radley era um médico rico e bem nascido, formado em Yale, casado, aparentemente feliz e com um filho saudável. Fazia do ténis um hobby, numa década em que se adivinhavam grandes mudanças no mundo. Os anos 70 ficariam marcados por profundas transformações sociais e culturais um pouco por todo o mundo. As feministas queimavam soutiens nas ruas clamando pela igualdade. Pouco antes de Richard Radley se tornar no transsexual mais famoso do universo, a tenista norte-americana Billie Jean King, em 1973, venceu Bobby Riggs na guerra dos sexos. Três anos



Renee Richards

depois, em 1976, Radley deixou tudo e empregou parte da fortuna para se tornar numa mulher chamada Renee Richards. Mudou-

SCHINEGGER E O DRAMA AUSTRIACO

De bestial a besta

A parteira entregou o bebé à mãe dizendo: «É uma bela menina.» Viria a chamar-se Erika e dedicou-se ao esqui. Em 1965, com 17 anos, ganhou a primeira descida na Taça do Mundo e foi seleccionada para o Mundial, nos Andes Chilenos, onde conquistou o ouro. A glória só não era total porque Erika não se sentia bem... Quando alguma colega se despia nos balneários sentia-se atraída sexualmente, nunca tinha sido menstruada e os peitos eram quase invisíveis. O COI implantou os testes de feminilidade e Erika chumbou. Refugiou-se então num hospital, onde descobriu

que tinha pequeninos órgãos sexuais masculinos. Após inúmeras operações, deixou o hospital vestido de homem e com



Erik Schinegger

JURISPRUDÊNCIA CONTEMPORIZADORA

A transsexualidade e a lei em Portugal

A legislação portuguesa não disciplina o tratamento a dar à transsexualidade. Contudo, não pode dizer-se que essa constitua uma situação nova da qual não tenham conhecimento e experiência os tribunais. E a orientação, na ausência de normas que contemplem de forma especí-

fica esta situação, tem vindo a ser no sentido de não considerar ilícita a mudança voluntária de sexo. Para o efeito, tem a jurisprudência considerado que essa mudança deve obedecer aos seguintes requisitos: ser o interessado maior e não casado; não estar em condições de procriar, sendo inicialmente do sexo mas-

culino; ter sofrido intervenção cirúrgica modificativa dos caracteres exteriores do sexo, aproximando-o fisicamente do outro sexo; ser irreversível, ou praticamente irreversível, o novo estado adquirido. A jurisprudência sobre esta matéria, em Portugal, é relativamente recente. E consente hoje, fazer correr um pro-

cesso judicial em que peça que seja proferida decisão no sentido de lhe ser reconhecido o direito de adquirir nova identidade civil. Se a decisão for favorável, o requerente pode averbar no seu assento de nascimento um novo sexo, e proceder à alteração do nome próprio.



TRANSEXUAIS NO DESPORTO

DE RENNEE RICHARDS TER LANÇADO O ALERTA PARA AS NOVAS OPÇÕES SEXUAIS

fosse ele?

nova mulher na Selecção Nacional de BTT. Mas este não é o único caso a encher páginas de jornais. Na Nigéria, Iyabo Abade, a melhor marcadora (30 golos) da temporada de 1998, prepara-se para realizar o sonho de se tornar definitivamente mulher com o apoio da própria federação nigeriana de futebol, que prometeu contribuir para o amellar dos 20 mil euros (quatro mil contos)

necessários para a operação cirúrgica. Mas há outros casos, ao longo da história, de hermafroditas (pessoas que nasceram com os dois sexos) que mudaram de sexo depois de terem brilhado no palco do desporto, sendo que o mais polémico parece ter sido o de Heidi Krieger, agora Andreas, a campeã do peso alemã que devido às atrocidades do doping se tornou... homem!

SEGREGO NA MORGUE

Stanislawa Walasiewicz foi a única a quebrar o pleno dos Estados Unidos nas provas de atletismo dos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles. A polaca, nascida em 1911, correu os 100 metros em 11,9 segundos. Varsóvia não podia deixar passar em claro a nova heroína e correndo contra homens, estabeleceu o novo recorde (11,7), que bateria, em 1937 (10,6). Ao longo da carreira, Walasiewicz, que se tornaria americana pouco antes de Hitler invadir a Polónia, bateria 37 recordes mundiais. Já como Stella Walsh ofereceu aos EUA 41 títulos e uma ajuda preciosa nos Marines (!) durante a II Guerra Mundial. Disse adeus ao mundo em 1980, traída por um assalto. O médico legista que a autopsiou revelou ao mundo o maior segredo do seu sucesso: era homem.

DRAMA DE HEIDI/ANDREAS KRIGER

A bela e o monstro

Andreas Krieger podia ter testemunhado sem abrir a boca. Botas de vaqueiro, calças de ganga e uma camisa preta não deixavam dúvidas quanto à virilidade de Krieger, outrora Heidi. «Arnold Schwarzenegger seria um infeliz ao pé de mim», explicou Krieger, capaz, nos tempos áureos, de levantar 260 quilos. Mas a força acabaria por revelar-se debilidade. «Já não era Heidi Krieger. Não sabia sequer quem era... As pilulas aceleraram qualquer tendência transexual que pudesse ter. Já não me identificava com o meu corpo e isso levou-me à operação, em 1997, de mudança de sexo.» Nesse dia, Heidi Krieger, campeã da Europa do peso em 1986, morreu para o mundo e Andreas Krieger tomou o seu lugar no futuro. Durante dois meses 142 mulheres deformadas pela máquina desportiva da Alemanha oriental



Andreas outrora Heidi

foram a tribunal pedir que julgassem os culpados das suas deformações: 40 desenvolveram vozes masculinas, 15 tiveram problemas ginecológicos, seis deixaram de ter seios e muitas outras deram à luz meninos deformados. E todas, sem excepção, quiseram saber mais sobre as vitaminas azuis. Hoje sabem que eram esteróides. Suspeita-se que mais de 10 mil desportistas tenham sido submetidos ao tratamento milagroso que em apenas um ano permitia resultados surpreendentes. Krieger começou aos 16 anos a tomar hormonas masculinas e um ano depois sagrava-se campeã da Europa de juniores no lançamento do peso e do disco. O segredo do sucesso, baptizado de Oral Turinabol, acabaria, porém, por tomá-la um homem e uma verdadeira aberração do ponto de vista deontológico, mas servia perfeitamente as intenções da máquina alemã. Entre 1968 e 1988 a RDA conseguiu 519 medalhas olímpicas.

BRASIL DEFENDE CORTADORA DE CANAS

A mulher-macho

Edinanci Fernandes da Silva nasceu no estado do Paraíba (Brasil) e passou uma infância pobre como cortadora de canas. Até aos 15 anos, altura em que um problema de saúde a obrigou a dedicar-se ao



Edinanci Fernandes

então 22 anos. Hoje continua a não ter seios, nunca foi menstruada e não poderá ter filhos. «Se me produzir vou parecer um travesti», explica Edinanci que teve de submeter-se aos testes de feminilidade do COI. No dia a dia a situação também nem sempre é fácil. «Nunca vou a casas de banho públicas, para evitar que alguém me diga que a dos homens é ao lado. Não tenho namorado, mas sonho casar e adoptar uma criança. Deve ser lindo carregar uma criança no ventre, mas Deus não quis assim.»

O que Deus também não terá querido foi que a ex-cortadora de cana se visse alvo de preconceito cerrado que, em Sydney, levou a australiana Natalie Jenkinson a dizer após a derrota com a brasileira: «Nunca lutei com pessoa assim. Por ser um homem, certamente, um dia ganhará a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos», vaticinou a australiana. Até agora ainda não aconteceu.

GENETICAMENTE HOMEM, HORMONALMENTE MULHER

Um caso de batota, ou talvez não

O caso de Michelle Dumaresq levantou uma série de questões na comunidade médica canadiana, que não consegue chegar a acordo. Quem se opõe à sua participação nos escalões femininos defende que a força e a massa muscular são atribuídos pelo cromossoma Y, que só os

homens possuem, e que Dumaresq terá vantagem sobre as outras atletas nascidas mulheres e sem o dito cromossoma. «O potencial de um atleta no desporto não lhe é dado pelo seu estatuto legal, mas pelos seus genes. Os homens são maiores, mais fortes e mais rápidos do que as mulheres», es-

creveu um médico na *Canada National Post*. Os defensores da atleta argumentam que a terapia hormonal a que se submeteu lhe eliminou toda a testosterona e que a massa muscular diminuiu desde que mudou de sexo. Um fisiologista da Universidade de Toronto explica que o género é baseado nas hormo-

nas e que, por isso, Dumaresq é mulher. «Se tirar uma amostra de sangue para medir os níveis de hormonas sexuais num transexual essa pessoa terá níveis de mulher.» Ao que o médico não conseguiu responder foi se um atleta geneticamente masculino pode competir em provas para mulheres.



SEBASTIEN NOGIER/EPA

«Para mim Ronaldo é o melhor futebolista do Mundo»

Bolt feliz com a imortalidade alcançada • Passar a outro desporto profissional... só se for futebol • Elogia o português

LAUREUS



reportagem de
EDITE DIAS

enviada-especial de **A BOLA** ao Mónaco

MÓNACO — Usain Bolt até pode tentar passar despercebido no Principado, mas se o seu 1,95 m não deixa que tal aconteça, a história que escreveu com as oito medalhas olímpicas e os recordes mundiais que foi registando ainda menos. Sorriente, antes ainda de ser eleito atleta do ano, garantiu que vai cumprir a promessa de abandonar as pistas dentro de poucos meses. «Acho que a única coisa de que vou sentir falta é do ambiente, de estar no estádio e sentir essa energia, quando entro e o público fica louco. Recebemos essa energia e todos os nervos desaparecem. Vou sentir muito a falta disso.» A nostalgia deu rapidamente lugar a uma gargalhada que ecoou pela sala do mítico Hotel Hermitage quando questionado sobre o estatuto único que conquistou no universo desportivo. «Imortalidade é uma das melhores coisas. Foi para isso que lutei. Um dia destes estava a ver na BBC a corrida nos Jogos e quando cortei a meta o comentador disse: 'Agora ele é imortal'. Eu queria isto. Trabalhei muito para ser o maior, para quebrar as barreiras e ver até onde conseguia ir. Por isso, para mim, a imortalidade é tudo. Quando as pessoas me colocam ao mesmo nível de Muhammad Ali é tudo.»

E terá um ponto final anunciando e sem retorno. «Profissionalmente a única coisa que gostaria de tentar é futebol. Mas há muitas coisas na minha lista de desejos,

coisas que não tive tempo para fazer por causa do atletismo. Gostaria de assistir a um GP de Fórmula 1 aqui, ir à Irlanda beber uma Guinness...», enumerou.

À noite, Bolt foi eleito o melhor atleta masculino, competindo numa lista de luxo, e não faltaram elogios ao internacional Cristiano Ronaldo. «Para mim é esmagador! Fazer parte desta lista dos Laureus é brilhante. Stephen Curry, LeBron James, Cristiano Ronaldo... É massivo. Sou enorme fã de Cristiano Ronaldo, porque sou do Manchester United e foi lá que ele começou [internacionalmente]. Já estive com ele algumas vezes, jantámos juntos e fazer parte de algo tão grande é brilhante. Considero-o o melhor futebolista do Mundo.»

SEBASTIEN NOGIER/EPA



Regresso de Michael Phelps premiado

«Estou sempre feliz e é disso que as pessoas gostam»

MÓNACO — Usain Bolt acabou de perder a medalha de ouro conquistada nos JO Pequim-08, na estafeta 4x100, depois do seu compatriota Nesta Carter ter acusado *doping*. «Foi difícil. Primeiro fiquei triste, mas acredito que tudo acontece por uma razão. Não sei qual foi, nesse caso, mas tenho que lidar com isso. Não tenho controlo nes-

te assunto, por isso tenho de aprender a lidar com isso.»

Sobre o que o campeão olímpico dos 100 e dos 200 m não tem quaisquer dúvidas é em relação ao sucesso alcançado fora das pistas e para o qual trabalha. «As pessoas gostam das minhas *performances*, mas gostam de mim pela personalidade. Falo com Shelly-Ann Fraser-Pryce, que é muito cala-

da, e estou sempre a dizer que tem de mudar. Ela diz que não consegue. Eu sempre mostrei a minha personalidade às pessoas. Estou sempre feliz e a divertir-me. É isso que as pessoas gostam, não acho que seja só pela minha velocidade. É a minha personalidade e a minha *performance*, as duas juntas, que fazem as pessoas gostarem tanto de mim», explicou.

VENCEDORES LAUREUS 2017

NOME	PAÍS	MODALIDADE
→ Atleta masculino		
Usain Bolt	Jamaica	Atletismo
→ Atleta feminino		
Simone Biles	EUA	Ginástica
→ equipa		
Chicago Cubs	EUA	Beisebol
→ revelação		
Nico Rosberg	Alemanha	F1
→ regresso		
Michael Phelps	EUA	Natação
→ paralímpicos		
Baetrice Vio	Itália	Esgrima

ANDEBOL



EUROPEU SUÉCIA-2002

GARCIA CUESTA ESTÁ SATISFEITO MAS O FUTURO SÓ FAZ SENTIDO COM MUITO TRABALHO

Não há milagres

Reportagem de
EDITE
DIAS



Fotos de
SÉRGIO
SANTOS/ASF

Enviados-especiais de «A BOLA»

ESTOCOLMO — A Selecção Nacional partiu para o Europeu com a missão assumida de regressar a casa com o sétimo lugar. Não o conseguiu, mas outras metas se apresentavam e quanto a essas Garcia Cuesta confessa-se satisfeito. A despedida frente à Jugoslávia foi um jogo que encantou o treinador que assumiu falhas e traçou claramente o caminho até ao Mundial de 2003, como rampa de lançamento para os Jogos Olímpicos de Atenas.

Portugal sai da Suécia com o nono lugar depois de se ter disposto a lutar pelo sétimo. O balanço deste Europeu é positivo?

— O rescaldo deve ser positivo. Sempre dissemos que vínhamos à Suécia com dois objectivos. Primeiro igualar o sétimo lugar alcançado no Europeu de 2000, na Croácia, pois isso seria um bom indicio para o sétimo lugar que queremos conquistar no Mundial de Portugal, em 2003, e



Garcia Cuesta não conteve a satisfação pela vitória frente à Jugoslávia

que dará acesso aos Jogos Olímpicos de Atenas. E esse falhou. Perdemos o jogo com a República Checa nos últimos minutos e tivemos de jogar para o nono lugar.

O segundo objectivo era preparar a equipa para o Mundial de 2003, jogar sete partidas de um bom nível. E jogámos, penso que melhor na segunda fase do que na inicial, mas passámos o primeiro grupo.

— Esta meta com um objectivo implícito...

— Resolver três problemas que há muito diagnosticámos. Primeiro alargar o lote de jogadores e vie-

mos à Suécia com mais atletas do que aqueles com que começámos este projecto. A segunda dificuldade era a defesa. Defendemos muito melhor e estamos a subir claramente o nível nesse aspecto. Por último pretendíamos melhorar a condição física. Penso que estamos mais fortes do que no ano passado. Os níveis de actuação da equipa nunca quebraram, mas temos ainda de melhorar no que diz respeito à força. Ganhámos muito em velocidade e em táctica, por exemplo, mas não podemos deixar que um atleta resolva um jogo fu-

rando uma defesa e passando por três dos nossos jogadores. Não a este nível.

— Falta então ainda muito trabalho neste ano que resta antes do Mundial?

— Podemos considerar que este Europeu foi um êxito da Selecção Nacional, dos clubes e dos treinadores, mas agora é preciso trabalhar e aprimorar tudo isto. Temos de trabalhar, trabalhar e trabalhar. O sucesso faz-se com trabalho diário e suor. Não há milagres.

— Neste Europeu, Portugal apresentou-se

com alguns jogadores novos, mas a base tem sido praticamente a mesma. É com estes jogadores que vai preparar o Mundial?

— O grupo base é o mesmo desde há dois anos e estou contente com ele. Aliás quero aqui render uma homenagem a dois dos jogadores. Ao Rui Rocha, que estava a fazer excelentes exhibições e que teve de abandonar a equipa por motivos de saúde e ao Carlos Resende que há 20 dias estava na cama com febre e se dispôs a estar aqui e a jogar todos os encontros, mesmo sem estar ainda recuperado, o que esperamos venha a acontecer rapidamente.

— Com Resende a cem por cento a história deste europeu seria diferente?

— Cada jogo é uma história e reconheço que Resende é um nome muito importante, mas costumo dizer que ninguém é imprescindível e o importante é a equipa. Precisamos de saúde e muito trabalho. Trabalho e mais trabalho.



EGIPTO E COREIA

Perigo à espreita

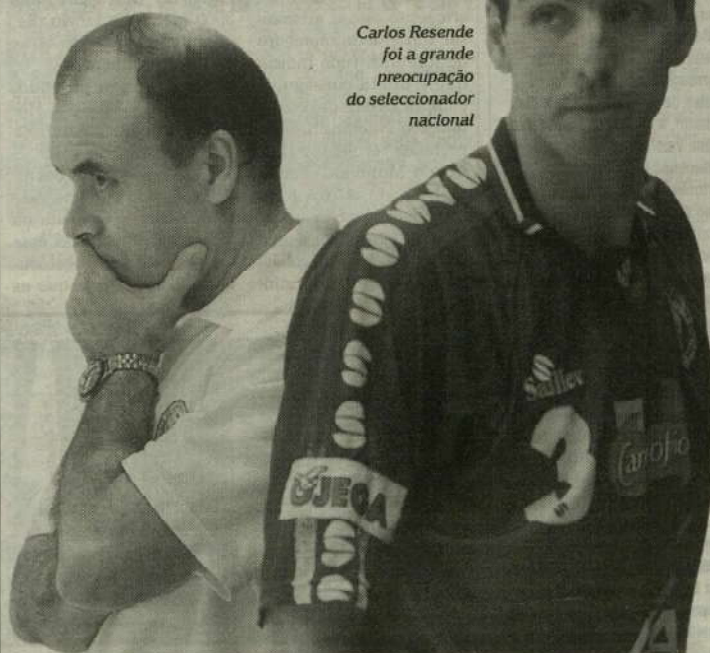
ESTOCOLMO — Falta menos de um ano para o Mundial de 2003, aquele após o qual se espera que Portugal tenha conseguido fazer história ao qualificar-se para os Jogos Olímpicos de 2004. Mas Garcia Cuesta não espera grandes facilidades e visualiza já alguns dos maiores perigos. «O andebol europeu está muito forte e muito duro, mas fora da Europa também há adversários de peso: o Egipto, como sempre, e a Coreia que é uma selecção que normalmente começa muito bem os campeonatos e pode ser perigoso na primeira fase. O Brasil e a Argentina estão a subir, enquanto Cuba caiu, mas não creio que nenhum consiga ainda afirmar-se.» Quanto ao que se passou na Suécia, Cuesta não tem muita dificuldade em apontar as surpresas: «A Dinamarca explodiu finalmente e tombou porque acusou o esforço, mas é claramente uma equipa para o futuro. A grande surpresa, porém, foi a Islândia que se apresentou aqui a um nível elevadíssimo. Dos que ficaram para trás na luta das medalhas penso que República Checa e a Polónia também vão surgir muito fortes.» Quanto às desilusões as dúvidas também são poucas: «França e Rússia. A primeira está a pagar as consequências de ser campeão do mundo. É preciso muita humildade... A Rússia continua a fazer a sua renovação.»

CARLOS RESENDE CONFORMADO

Dei o melhor que tenho

ESTOCOLMO — Carlos Resende é desde há muito uma das grandes referências do andebol português e é sobre si que caem normalmente todos os olhares nas situações de maior aflicção da equipa. Na Suécia, muitas vezes se repetiu o silencioso pedido, mas a verdade é que o capitão, a recuperar de varicela, não entrou no jogo a tempo de mostrar aos adversários as qualidades que todos lhe reconhecem e que no último Europeu lhe valeram o estatuto de melhor lateral-esquerdo do campeonato croata. A vitória frente à Jugoslávia salvou a despedida, mas Resende queria mais: «Esse triunfo serviu para atenuar um pouco o sentimento de frustração. Falhámos no único jogo em que teoricamente tínhamos um adversário mais

fraco, que era a República Checa. Contra Israel jogámos bem e vencemos, com a Dinamarca perdemos o jogo nos últimos 10 minutos, com a Ucrânia fizemos uma partida excelente tal como com a Suécia... Claro que não nos podemos esquecer é que estão a jogar em casa. A França, campeã do mundo, e os resultados que está aqui a fazer é o melhor exemplo do que isso significa.» Seja como for, os objectivos não foram atingidos: «Se tivéssemos conseguido o sétimo lugar o resultado da Croácia já seria melhorado, mas vamos ter de contentar-nos com o nono. Dei tudo aquilo que neste momento podia dar, mas sei que estou muito longe daquilo que posso fazer...», reconheceu, triste.



Carlos Resende foi a grande preocupação do seleccionador nacional

Classificação final

- 1 Suécia
- 2 Alemanha
- 3 Dinamarca
- 4 Islândia
- 5 Rússia
- 6 França
- 7 Espanha
- 8 República Checa
- 9 Portugal
- 10 Jugoslávia
- 11 Ucrânia
- 12 Eslovénia
- 13 Suíça
- 14 Israel
- 15 Polónia
- 16 Croácia

Investimento da família e rendimento

tenista português 230.^o do 'rankin



Indicaciones para to

meios, alimentação,

JOGOS PARALÍMPICOS



ATENAS-2004

DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS AOS PAÍSES EMERGENTES

Desfile de campeões

Reportagem de
**EDITE
DIAS**



Enviada-especial de «A BOLA»

ATENAS — Um desfile de verdadeiros campeões encheu o complexo olímpico de Atenas durante 11 dias. De manhã até à noite, quase quatro mil atletas esforçaram-se por derrubar algumas das muitas barreiras com que convivem diariamente. Estas, porém, no campo desportivo. Mas não só, porque, de cada vez que algum deles entrou em pista, colocou a máscara e contribuiu para a divulgação dos Jogos Paralímpicos, a maior manifestação de luta pela igualdade para as pessoas com deficiência.



Os Jogos Paralímpicos constituem a maior manifestação de luta pela igualdade das pessoas com deficiência

campeões paralímpicos. A verdade é que os Jogos gregos ficaram marcados por uma lufada de ar fresco no que diz respeito a atletas e países emergentes, cada vez mais apostados no desporto adaptado.

«Foram uns jogos fantásticos em termos competitivos, com vários recordes do Mundo a serem derrubados, tantas e tantas marcas pessoais a serem batidas e isto só revela a elevada competitividade», elogiou António Neves, o presidente da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes (FPDD). Mas os atletas portugueses lamentaram também por diversas vezes a falta de condições para lutarem de igual para igual com a concorrência cada vez mais apetrechada. O presidente da FPDD desdramatizou o assunto: «Estamos a falar de atletas que não são profissionais, que dedicam o tempo livre à prática do desporto e no mundo dos cidadãos deficientes há muito mais para resolver. Como, por exemplo, o direito ao emprego. Não queremos atletas profissionais mas condições para desenvolver e evoluir.»

PRÓTESES EM LIGA DE CARBONO E HIPÓTESES DE REVISÃO

Fenómenos e alguns fantasmas

ATENAS — A ideia de que uns Jogos Paralímpicos são um desfile de mazelas é um erro crasso. Pelo Estádio Olímpico, por exemplo, passaram alguns atletas com marcas verdadeiramente fenomenais. Um dos melhores exemplos é a corrida dos 100 m, onde Marlon Shirley e Oscar Pistorious apostaram em quebrar a barreira dos 11 segundos. Não o fizeram mas o norte-americano correu em 11,08 e não tem uma perna, enquanto o sul-africano, que não tem nenhuma, chegou em 11,16. As próteses fabricadas à medida e de uma liga de carbono e titânio tiram partido da mais elevada tecnologia de ponta, tal como um olhar por uma cadeira de rodas de competição basta para perceber que longe vão as

cadeiras com pegas para empurrar. Os Jogos Paralímpicos de Atenas registaram sete casos de *doping*, número aparentemente pequeno para uma competição com quase quatro mil participantes. O recurso a substâncias proibidas é um claro sinal

da importância do evento mas o pequeno número de casos positivos pode ser encarado não como uma questão de honestidade mas sim como uma das maiores falhas no sistema paralímpico. A falta de verba permitiu apenas a realização de

670 testes e nem sequer contemplaram todos os atletas que bateram recordes do Mundo. Outro dos fantasmas que pairaram sobre o evento está relacionado com as classes, ao ponto de o Comité Paralímpico Internacional já ter admitido a revisão do seu critério de atribuição. Quando a nadadora Natalie Du Toit venceu tudo na classe de amputados algumas atletas que possuem deficiências de nascença reclamaram da desigualdade, já que a sul-africana era nadadora de alta competição antes de, há um ano, perder a perna num acidente de moto. Do mesmo se queixou a primeira representante feminina do Afeganistão. A jovem de 14 anos, amputada dos dois pés, correu ao lado de atletas amputadas de uma mão.



Oscar Pistorious (centro) e Marlon Shirley (à direita)

A delegação portuguesa chega hoje a Lisboa com 12 medalhas ao peito, menos três que o pecúlio amealhado em Sydney, mas, juram os atletas, com tanto ou mais esforço que o despendido na Austrália. Tantas e tantas vezes, ali no desabafo da zona mista, os portugueses bateram recordes pessoais e nacionais e não chegaram às finais, com marcas que há quatro anos dariam para ser

RECORDES PORTUGUESES

Natação derruba barreiras

ATENAS — Além das medalhas, os atletas portugueses levam de Atenas duas mãos-cheias de recordes, com destaque para a marca de Carlos Ferreira nos 10 mil metros, novo recorde da Europa (33.17,30 m). Ainda no atletismo foram batidos mais dois recordes nacionais e estabelecidas seis melhores

marcas pessoais. Mas a rainha deste campeonato luso foi a natação, que fez cair nove recordes nacionais e ainda serviu para melhorar duas marcas pessoais. Assim, no total, Portugal estabeleceu um novo recorde europeu, 11 novos recordes nacionais e oito melhores tempos pessoais.

ATLETISMO SEBRLE E KLUFT VENCEM CHALLENGE MUNDIAL

Naide Gomes na Holanda

Naide Gomes está na Holanda. Foi numa viagem relâmpago ao país das tulipas à procura de solução para o problema nos tendões de Aquiles que no ano passado lhe roubou parte do sonho durante a temporada de Verão, incluindo Jogos Olímpicos. Hoje regressa a Portugal com uma receita em mãos. «É uma espécie de tratamento prolongado, coisas para ir fazendo para proteger, tratar o tendão de Aquiles.» E foi de lá ainda que comentou as

vitórias do checo Roman Sebrle e Carolina Klüft no Challenge Mundial de provas combinadas — uma espécie de *golden league* para decatlo, heptatlo e pentatlo. Os campeões olímpicos *limparam* toda a concorrência com confortáveis diferenças pontuais. Klüft foi a única a passar a barreira dos 20 mil pontos — a sueca somou 20.541 pontos, contra os 19.072 da britânica Kelly Sotherton. Naide entra no 25.º lugar, com 12.276 pontos, «A

época de Inverno foi ótima, com a medalha de ouro nos Mundiais de pista coberta, no pentatlo. Mas o Verão foi para esquecer devido aos problemas físicos que sofri. Portanto, já esperava resultado assim.» Roman Sebrle somou 25.952 pontos. A proeza rendeu a ambos 30 mil dólares, cerca de 25 mil euros, ou seja, sem diferença de disciplina. Aliás, há mesmo quem defenda na IAAF a inclusão do decatlo no sector feminino, substituindo o heptatlo.

E neste campo destaca-se a francesa Marie Collonvillé, que numa competição histórica, há dias em França, no Meeting Decaster, abriu o quadro dos máximos mundiais nesta disciplina com 8150 pontos, mais 308 pontos que a alemã Mona Steigauf fizera em 1997 também em sessão experimental. Fará Naide alguma vez um decatlo? «Se sete já custam, imagino 10. Mas se isso for para a frente lá estarei.»

CARLA NOVO



Naide e Klüft. A alemã passou os 20 mil pontos



D.R.

Ensaio sobre a homossexualidade

Os primeiros atletas portugueses a 'saírem do armário' jogam râguebi • Equipa dos Dark Horses compete na III divisão e treina em Lisboa • Grupo quer abrir mentalidades

por
EDITE DIAS

SER atleta de alta competição e homossexual parece incompatível no século XXI. Se for jogador de futebol, então, essa probabilidade é ainda mais reduzida, exceto, claro, se a carreira já tiver terminado. Aconteceu com todos os que assumiram tal orientação sexual.

O britânico Justin Fashanu foi o primeiro futebolista a tentar fazê-lo, em 1990. Oito anos depois enforcou-se sem conseguir viver com a realidade. Outros tempos sim, mas o nadador australiano Ian Thorpe demorou 15 anos para revelar que é gay, depois de o ter negado várias vezes. Retirado também.

Em Portugal não há memória de qualquer atleta de primeiro plano revelar ser homossexual.

Contudo, há uma equipa de

râguebi que se distingue pela sua orientação sexual.

Escolheram chamar-se Dark Horses, são federados e jogam na III divisão nacional. E são maioritariamente gays. Sem tabus, garante Gonçalo, um dos responsáveis do projeto, que, por questões profissionais, prefere não aparecer. «Um ex-jogador de râguebi mudou-se do Porto para Lisboa e

decidiu criar um projeto desportivo semelhante aos que existiam já em Inglaterra e França. Uma equipa que procurasse a integração pelo desporto e com uma componente em que a orientação sexual fosse relevante. Pessoas que, de alguma forma, se excluíram ou foram excluídas, por comentários, da prática desportiva».

Porque há preconceito.

SERGIO MIGUEL SANTOS/ASF



No grupo dos Dark Horses, com mais de 30 atletas, há apenas dois heterossexuais

Há uma equipa portuguesa de râguebi que é federada e orgulhosamente 'gay'

tem a palavra

TODA A GENTE MENTE

«Toda a gente mente. Não sinto vergonha, agora sinto-me bem gay. Não quero que os jovens se sintam como eu me senti. Quero que saibam que podem crescer, estar bem e serem gays. Temi a reação da minha família e dos meus amigos. Estou feliz por ter dito aos meus pais que responderam que me amavam e me apoiavam»

IAN THORPE

nadador olímpico

D.R.



Gareth Thomas numa sessão fotográfica que fez história no sempre conservador mundo do râguebi

Eles abrem as portas do armário

→ Gareth Thomas posou na primeira página com o namorado e revelou como tentou suicidar-se

Gareth Thomas foi dos primeiros atletas a sacudir o râguebi, assumindo-se como gay. Mas a saída do armário do internacional galês foi tudo menos tranquila. O antigo jogador revelou o quão difícil foi contar à sua ex-mulher que já era gay durante os seus cinco anos de casamento e que tentou suicidar-se várias vezes, inclusive na noite em que ela saiu de casa.

Jason Collins, o primeiro jogador gay na NBA no ativo, teve uma saída mais tranquila, escolhendo a primeira página da *Sports Illustrated* para anunciar ao mundo: «Sou negro, gay e jogo na NBA.»

D.R.



Na *Sports Illustrated* Jason Collins falou de forma aberta sobre um segredo que tinha bem guardado

Muitos jogadores dos Dark Horses são 'gays' e querem, com recurso às rutinas de normalidade de todas as equipas, combater o preconceito. O jogo é difícil, mas estão unidos para vencê-lo



DARK HORSES

5 perguntas a...

TERRY MARTINS



«Não perguntamos se é 'gay'»

1 Como descreve este projeto de inclusão, do qual fazem parte os Dark Horses, equipa que lidera?

«A inclusão aqui passa por aceitarmos todos as pessoas, independentemente da sua orientação sexual, do seu trabalho. Qualquer pessoa que queira jogar ráguebi pode fazê-lo conosco. Cá em Portugal não permitem a competição mista e nós já tivemos apoios e a tentar convencer. São mais duros que muitos rapazes»

2 Os atletas que jogam nos Dark Horses não integram outras equipas por falta de talento ou por se sentirem discriminados?

«Não, perguntamos as pessoas que vêm para a equipa qual a orientação sexual delas. Ninguém pergunta se é gay. Eu nunca senti discriminação. Talvez um olhar seja diferente por sermos 'aquele equipa'. Há sempre aquele preconceito. Houve pessoas que ouviam bocas, mas palavras menos boas, mas sempre de fora do nosso campo, porque quando vamos lá para dentro o que se quer é ganhar e todos querem ganhar».

3 Mas assim como esta característica não estão precisamente a excluir-se?

«Talvez não. Não pouco... Sim... Não é exclusivo, não está em lado nenhum a dizer que somos

homossexuais. Não temos de esconder, mas as outras pessoas também não escondem que são heterossexuais e ninguém lhes pergunta. E não temos nenhum projeto ou associação LGBT».

4 E ter uma equipa distinta de todas as outras ajuda, por exemplo, a atrair patrocinadores?

«Uns patrocinadores eram bem... Híndos! Temos alguns, Boris, Gypsy... Percebi que a equipa tinha um nome, foi difícil encontrar o nome, lá fui chamado a convidar para jogar em outras equipas, mas não estou neste projeto para jogar só ráguebi, mas para provar a muitas mentalidades que podemos jogar bem e chegar lá longe como todos os outros».

5 Com este projeto desportivo, os Dark Horses pretendem mais do que ganhar?

«Queremos quebrar tabus num desporto que é tão masculino, machista e não deixa de o ser por causa da nossa equipa. Estamos cá todos para provar alguma coisa a alguém, ou a nós próprios. Gostava de provar que somos todos iguais e o que importa é o que damos em campo e a forma como estamos em campo, sem preconceitos, sem discriminação. Com garra, força, respeito e todos os valores que o ráguebi tem. O papel do capitão passa por manter todos focados nos objetivos. E um objetivo é o orgulho ser o capitão dos Dark Horses».



SILVIA MEIRAS, SANTOS, AGF

tem a palavra

PRESSÃO EM CAMPO

«É uma realidade que 95 por cento são 'gays', mas dentro de campo isso não conta. São discriminados e às vezes entram em campo com a pressão de terem de provar mais que os outros»

FLIPPALES

treinador dos dark horses

«-se em campo com uma plágem bem dada». No primeiro tombo que eu arbitrei, chama-se *pitch beach* — porque é jogado um dia no campo e outro no praia — muitas pessoas aperceberam-se da orientação sexual da maior parte dos jogadores e ficaram-se. Mas esse é um problema da sociedade portuguesa, não tem a ver com o ráguebi. As pessoas têm de deixar de pensar nisso, somos todos iguais», repete.

Entre os Dark Horses são poucos os que não querem aparecer publicamente. Há dois heterossexuais num grupo com mais de 30 jogadores. Um contra isso e às vezes até põem pressão sobre eles e entram em campo com essa pressão, de terem de provar mais do que os outros. Felizmente não a orientação sexual. «Não sinto muito que seja uma equipa gay», só quando saímos depois dos jogos», confidencia.

BOCAS E PÁ-PÁ

Tiago, o sub-capitão, não sabe explicar o que acontece para o estereótipo, mas bem resolvido. «Um parar aqui, porque a mi-

Porquê cavalos?

Quando a equipa de ráguebi nasceu chamava-se Boys Just Wanna Have Fun. «Porque éramos um grupo de rapazes que queríamos divertir-nos», conta Flippa. «Mas, depois pensámos: Como é que vamos dizer isto se quisermos ter uma equipa feminina? Deixamos então criar a associação, mantendo o nome apenas pelo carinho que o ráguebi surgiu no nome Dark Horses, os cavalos que numa corrida não são favoritos, em que ninguém aposta e que acabam por ganhar». O grupo foi crescendo e pouco depois surgiu a equipa de voleibol, Lisbon Crows. Hoje há também o *lingo queer*. Notícia associada Boys Just Wanna Have Fun movimenta 3 mil euros mensais.

nha estrutura, como é visível, não é muito grande. Desde muito que via ráguebi, gostava mas achava que não poderia jogar, não sabia por onde começar. Encontrei nesta equipa uma brecha nessa barreira. O facto de ser uma equipa inclusiva é muito importante. Digamos que a orientação sexual é a base da equipa, mas não é funcional. O resto é normal, mas essa abertura é e normal. Que trata as pessoas com essa orientação sexual». Que é diferente da orientação sexual». «Sim, sou bem o caso de Tiago. «Sim, sou gay», responde sereno. «Não, não sou gay, mas bem resolvido. «Um parar aqui, porque a mi-

tem a palavra

CAVALHEIROS

ráguebi é um jogo de bestas jogado por cavaleiros e a verdade, não tenho somos os cavaleiros, também temos aqui umas bestas

TIAGO

sub-capitão dark horses

razões pelas quais nunca me senti confortável em tentar. Esse preconceito não existe no ráguebi... Existe no desporto em geral... O facto de sermos tão abertos em relação a este assunto é algo quebra todos os complexos. Há pessoas que pensam que estamos a auto excluir-nos com esta posição, mas quando jogamos vêm uma equipa como as outras e acho que é isso que acaba por quebrar as barreiras. O facto de sermos inclusivos, convida as pessoas a virem para a nossa equipa e o facto de jogarmos com outra equipa permite que esse medo da segregação não exista. Houve momentos em que sentinamos homofobia direta nos jogos. Bocas, atitudes de menos *fair-play*», recorda o jogador.

«Os valores do ráguebi são essenciais para a aceitabilidade da nossa equipa e da sexualidade. Acho que facilita. Apesar do ar machista e cheiro de testosterona! Costuma dizer-se que o ráguebi é um jogo de bestas jogado por cavalheiros e é verdade. Nós não somos só cavalheiros, também temos aqui umas bestas», afirma com uma gargalhada.



Equipa treina duas vezes por semana na Tapada e joga no Campeonato de Emergentes

<<No Benfica nunca senti homofobia>>



Vitor trocou o voleibol pelo ráguebi

não há problemas», justifica. «O preconceito é da sociedade e, como o ráguebi é viril, muito à base do contacto e há ainda há muita conotação dos homossexuais com as plúmas...» E a inclusão não acaba por ser total exclusão? «Pode ser... Porque estamos a segregar ao juntar todos os gays aqui, mas aceitamos todas as pessoas. Quem quer aprender e jogar, temos aqui todo o tipo de orientações. Há raparigas a treinar comosco. O que nós diferencia e o bom ambiente é não o facto de partilharmos a mesma orientação sexual. Mostramos que o facto de sermos gay, bí ou outros coisas qualquer não impede que pratiquemos todos o mesmo desporto. E preciso exemplos destes. Se os pararmos todos diretos o primeiro veríamos mais diferenças e o primeiro passo é, às vezes, e preciso esse tipo de indicativos para outras pessoas falarem o primeiro passo».

Com o sacro das costas, caminha tranquilo para o balneário. «Fui lecionado no Benfica, joguei voleibol cinco anos. Incidentalmente tive... Depois fui abridor camião. Havia segretamente mais gays, mas nunca gostei de mentir e assumi. Já o tinha feito com os meus amigos, mas não ben resolvido como o assunto. E houve sempre respeito. O meu espaço termina quando começa o outro, enquanto toda a gente respeitar isto, eu respeito».

Acabar com a ideia de que 'gay' não é masculino

«Nuno leva de casar-se em Espanha antes do início homofóbica»



Nuno está no grupo há quatro anos

ráguebi», justifica Nuno. O preconceito, esse, começa nas ideias erradas. «Há o eterno estereótipo de que quem é gay não é masculino. E nós mostramos que há homens que são gays mas preservam a sua masculinidade. Ao mesmo tempo, não há necessidade de criar *ghetos* para a comunidade homossexual. Participamos num campeonato nacional com equipas heterossexuais. Não me muito orgulhoso, e cada vez mais, por ver os meus amigos, camaradas a evoluírem de época para época. Estamos a mostrar que não somos nenhuns bichos-de-sete-cabeças. Somos pessoas com ideias e ideias, normais, que amam o desporto. Provamos que ser gay não impede ninguém de praticar desporto», remata.

JOGOS PARALÍMPICOS



ATENAS-2004

PORTUGAL JÁ CONTA COM DEZ MEDALHAS EM ATENAS

A nadar nos entendemos

Reportagem de
EDITE
DIAS

Enviada-especial de «A BOLA»

ATENAS — Maria João Morgado gritava na bancada agarrada à bandeira portuguesa quando viu João Martins chegar em terceiro na final de 50 m costas. E a nadadora portuguesa quase nem teve tempo para recuperar o fôlego, pois menos de 30 minutos depois a piscina voltou a encher-se da festa portuguesa, quando Susana Barroso conquistou a segunda medalha de bronze e décima em Atenas. Pena foi o dia ter ficado manchado pelo trágico acidente de viação que vitimou sete crianças que iam assistir aos Jogos (ver pag. 48).

Ainda o público se acotovelava nas bancadas da piscina já João Martins, na pista cinco, acenava para os companheiros que, na bancada, incentivavam o atleta com paralisia cerebral, na classe de deficiência mais profunda. O nadador do CNBC Oeiras partia para a prova com a confiança da medalha de bronze arrecadada nos 50 m livres, o terceiro melhor tempo da série (1.32,57 m). «Acho que o João es-



Foto de J. JÚLIO ALVES/PH. BOUTEROU/FPD

Susana Barroso emocionou-se com a medalha de bronze conquistada em Atenas

tava um bocadinho nervoso, mas ele diz que não. Foi ótimo», começou por explicar o técnico António Pitta, perante o olhar deliciado do nadador. Com a mão sobre os ombros de João, acrescentou de se-

guida: «Na intimidade tínhamos esperança de chegar à prata, atendendo à prova anterior. Foi fantástico. Mas eu estava muito nervoso porque ele começou mal, engoliu um bocadinho de água e de-

pois foi sempre a tentar recuperar até chegar ao final (1.47,19 m).» A outra medalha teve uma dedicatória especial a Francis Obikwelu, mas esta fica no coração do estreante. «Ele merece.»

Pouco depois, na zona mista, todos esperavam Susana Barroso, enquanto Carlos Mota, o treinador, recebia telefonicamente os parabéns do tenente-coronel António Neves, presidente da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes. Susana chegou entretanto e anunciou: «Cumprimento prometido. Mas foi difícil controlar a ansiedade, o stress e o cansaço. Sabia que o terceiro lugar estava praticamente garantido e que daí para a frente tudo era possível. Foi bronze porque foi o que Deus quis.»

Antes de vir para Atenas, a nadadora admitiu que esta poderia ser a sua despedida dos Jogos e ontem voltou a colocar a hipótese. «São os meus quartos Jogos e há 13 anos que levo medalhas para Portugal. Gostava muito de ter conquistado o ouro, mas acho que ter estado presente para tentar já é muito bom. Possivelmente essa medalha vai ficar para sempre atravessada na garganta. Não sei o que vai acontecer até Pequim, mas fisicamente mais quatro anos pesa muito e se estiver nos Jogos dificilmente serei bronze», assumiu a nadadora, emocionada.

PROTESTO

Câmara de TV trai Potra

ATENAS — Carlos Lopes entrou na zona mista devagar, com a Gucci ao lado. Era difícil esconder a desilusão depois do afastamento na estafeta 4x100 m, disciplina em que Portugal se apresentou como recordista mundial (44,07 s). Esta prova, porém, parecia destinada a outras mãos. Ontem bem cedo, os quatro mosqueteiros lusos — Gabriel Potra, Carlos Lopes, José Alves e Firmino Baptista — perderam a marca para os chineses (43,60 s) e falharam a qualificação para a final, na qual tinham tantas aspirações. «Espero que seja apresentado e aceite um protesto. É impensável cometerem-se erros como colocar o braço da câmara de filmar ao nível dos olhos de um atleta que não vê bem!», exclamou Nuno Alpiarça, atleta-guia e treinador. Ao seu lado, Carlos Lopes (com a cadela Gucci) desabafava: «Acontece tudo este ano!» Sem palavras e visivelmente emocionado estava Gabriel Potra, a vítima do zeloso operador de câmara que decidiu baixá-la no momento em que o atleta amplexo cumpria o primeiro percurso. Duas horas depois chegou a boa nova. Portugal iria repetir sozinho a estafeta e tinha de bater a marca dos cubanos (44,15 s) para entrar na final. Quando o relógio parou, o placard electrónico registava 44,81 s e as esperanças nacionais voltavam a cair por terra. «Com este tempo tínhamos ganho a nossa série!», lamentou José Alves a respeito dos brasileiros que venceram a amaldiçoada série da manhã com 44,89 s. «Estávamos na final e podíamos perfeitamente chegar ao último lugar do pódio.»

HÉLICES SERVEM DE MODELO

Desfile de novas tecnologias

ATENAS — Oscar Pistorious é uma das estrelas dos Jogos Paralímpicos. O jovem sul-africano, 17 anos, foi amputado, ainda bebé, à altura do joelho de ambas as pernas. As duas próteses de uma liga de vários materiais, nomeadamente fibra de carbono e titânio, são estudadas ergonomicamente e ao milímetro. «São parecidas com as hélices de helicópteros», respondeu bem-disposto o jovem, olhando para as próteses dobradas nas pontas de forma a substituírem os pés. O segundo lugar nos 100 m e a acesa disputa com o campeão mundial (11,08 s), Marlon Shirley, deram, no entanto, muito que falar. É que o norte-americano, amputado apenas de uma perna, acusou Pistorious de ter vantagem na corrida. «Ele pode ajustar a altura das pernas, não é?» Depois da corrida que Shirley



Foto de AP/PETROS KARADIS

Oscar Pistorious

ganhou, ainda que sem quebrar essa mítica barreira dos 11 segundos, Pistorious desconversou perante a insistência dos jornalistas e

até posou ao seu lado para a fotografia da posterioridade. «Sou um jovem estudante. Só agora comecei a dedicar-me ao atletismo e tenho muito tempo pela frente.» Pistorious faz parte da equipa de râguebi do colégio interno onde estuda e sobre ele Brian Frasure, medalha de bronze, disse: «Baterá a marca seguramente. O futuro é ele e não eu, por exemplo, que tenho 31 anos.» Marlon Shirley, que perdeu a perna aos cinco anos devido a um acidente com um cortador de relva, sorriu. Mas não convenceu. As próteses são feitas em algumas clínicas especializadas e custam à volta de três mil euros, enquanto uma cadeira de rodas de competição, com três rodas, poderá valer entre 1500 e 2000 euros. Não é fácil (nem barato) ser atleta paralímpico.

As nossas medalhas



Modalidade	Ouro	Prata	Bronze
Boccia	1	2	1
Atletismo		2	1
Natação			3
Total			10

ESTÁ NA HORA DAS DESPEDIDAS

Boccia alimenta esperanças

ATENAS — O dia de ontem marcou o adeus à natação — Nuno Vitorino foi 7.º e último nos 50 m costas com 1.18,60 minutos — e ao atletismo nos Jogos Paralímpicos. No total, três medalhas no atletismo e outras tantas na natação encerraram uma participação positiva. Hoje, Portugal continua a sonhar com medalhas na boccia, onde de resto já conquistou quatro, incluindo a única de ouro arrecadada por

João Paulo Fernandes (BC1). Na corrida a um lugar no pódio continuam, em pares, Fernando Ferreira e Bruno Valentim (BC4) e a equipa, que lide-

Calendário



Hoje

BOCCIA
MEIAS-FINAIS
Pares BC4 - Fernando Ferreira e Bruno Valentim
Equipa BC1-2
FINAL
Pares BC4
Equipa BC1-2

ra o grupo. Fora de jogo ficaram Armando Costa e José Macedo, também em pares (BC3). Afastadas destas emoções ficaram, ontem, Graça Fernandes nos 400 m para atletas paralisia cerebral, com o sexto lugar (1.10,89), e Odete Fiúza nos 1500 para amblíopes, terminando em 5.º (4.58,63 m).

O ciclista Augusto Pereira também se despediu dos Jogos com o nono e último lugar.



Federer e Nadal voltam a encontrar-se pelo título da relva

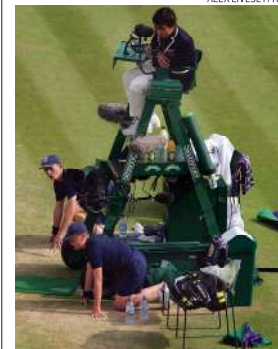
ANJA NIEDRINGHAUS/AP



Carlos Ramos na final feminina

→ Árbitro português dirige sexta final de um Grand Slam. Agora vai mediar o duelo de irmãs

ALEX LIVESSE/AP



Carlos Ramos

LONDRES - O árbitro português Carlos Ramos vai dirigir a final feminina entre as irmãs Williams. Esta será a sexta final de um Grand Slam para o mais conceituado juiz português que começou a sua carreira em 1987. Com 36 anos, Carlos Ramos atravessa um dos melhores momentos, pois já este ano se sentou no local mais alto dos courts que receberam as finais do Open da Austrália, na qual o sérvio Djokovic venceu, e em Roland Garros que consagrou Rafael Nadal como tetracampeão da terra batida. Agora, no terceiro Grand Slam da época, volta a marcar presença num dos momentos altos da quinquena londrina tendo a responsabilidade de ajuizar o encontro entre Serena e Venus Williams. No ano passado, Carlos Ramos foi o árbitro escolhido para a final masculina. Este ano, em Wimbledon, o português foi também o árbitro presente na maratona entre o Rainer Schuettler e Arnaud Clement, o segundo jogo mais longo da história do Slam inglês, que terminou após 5,12 h. A dupla de veteranos partilha o 2.º lugar com Poncho Gonzales e Charlie Pasarell, numa partida da 2.ª ronda em 1969. O encontro mais longo durou mais 16 minutos terminou com a vitória de Gregory Holmes sobre Todd Witsken em 1989.

A final anunciada

Em duas semanas, Federer não passou sequer 10 horas em 'court' → Suíço enfrenta Nadal sem ceder um único 'set' → Carlos Ramos dirige final feminina entre as irmãs Williams



reportagem de
EDITE DIAS

enviada-especial de A BOLA a Inglaterra

LONDRES - Sem dar tempo para Marat Safin pestanejar, Federer entrou no court central, começou a ganhar por 3-0 e precisou de 24 minutos para conquistar o primeiro set. O russo reagiu, cometeu menos erros e chegou a ter dois break points no quarto jogo, contudo, o suíço não queria dar-lhe motivos para crescer e tratou de responder, embora tendo igualmente desperdiçado a oportunidade de quebrar o serviço do russo. No tiebreak, o Fe-

derer entrou a vencer (4-1) e não mais perdeu. Com o segundo parcial perdido, Safin desesperou, gritou, atirou raquetas ao chão e quebrou no 10.º jogo, vendo Roger Federer concretizar o primeiro match-point. No final cumprimentou o público e Federer. «É verdade que estou quase sempre calmo, mas não foi tão fácil como parece. Tive de controlar um jogador perigoso como é Marat. Não lhe dei muitas hipóteses e foi uma partida perfeita para mim», explicou o suíço, a quem só falta um passo para conquistar o sexto título consecutivo em Wimbledon, igualando William Renshaw que cometeu a proeza há 122 anos.

«Era muito mais fácil para ele que, depois do primeiro título, jogava a final directa», recordou com

PRINCIPAIS RESULTADOS

→ masculinos → Meias-finais
Roger Federer (Sui, 1) - Marat Safin (Rus)
6/3, 7/6 (7-3) e 6/4
Rafael Nadal (Esp, 2) - Rainer Schuettler (Ale)
6/1, 7/6 (7-3) e 6/4

PROGRAMA DE HOJE

→ Finais
Serena Williams (EUA, 6) - Venus Williams (EUA, 7)

um sorriso o n.º 1 mundial que até agora não cedeu um único set e passou apenas 9.53 horas em court ao longo da quinquena.

Na segunda meia-final, Rafael Nadal teve mais trabalho do que o rival do ranking para desviar do caminho o ex-número 5 do Mundo, Rainer Schuettler. O espanhol entrou

em court, sabendo que o aguardava já Federer e demorou 22 minutos (6/1) para mostrar a Schuettler que não se incomodava com a sua experiência. O alemão percebeu a mensagem e só perdeu o segundo set (7/6) no tiebreak (7-3), após uma hora! No terceiro set, o alemão voltou a mostrar-se um osso duro de roer e só ao quarto match-point conseguiu estabelecer o 6/4 e seguir para a trajetória esperada com o temido suíço. «Não foi o meu melhor jogo, mas ganhei em três sets e estou confiante apesar de ir jogar com o melhor jogador do Mundo. Tenho de jogar muito bem se quiser vencê-lo. Ele está a jogar muito bem, mas eu também. Vamos ver», rematou o espanhol que se fez o warm-up com John McEnroe!

Derrotados, milionários e divididos

→ Safin quase aposta em Rafa, enquanto Schuettler gostava de ver Federer vencer

LONDRES - Marat Safin e Rainer Schuettler foram as vítimas da tarde, mais ou menos esperadas, embora, curiosamente, tenha sido maior a réplica do alemão, que na véspera tinha jogado uma partida de horas, do que a oferecida pelo russo ex-número um do Mundo. «Preciso de jogar muitos mais par-

tidas com Nadal, Djokovic, Roddick para poder competir com ele e ganhar o ritmo ideal. Ele não inventa, a diferença é que eu falhei muito», reconheceu Safin. «O início foi terrível, deveria ter ficado com ele mais tempo. Eram as minhas primeiras meias-finais, estava muito nervoso. Não se pode desperdiçar nada contra ele», avisou dando muito crédito a Nadal para a final. «Roger terá de jogar o seu melhor ténis se quiser bater Nadal, porque

Rafael está a jogar muito, muito bem». Mas sem ressentimentos pela derrota também há desejos para o suíço: «Espero que passe os 14 Grand Slams para eu poder dizer aos meus filhos que joguei com ele», rematou bem-disposto. Igualmente contente, ainda que não tanto conformado estava o Schuettler, após a derrota com o espanhol: «É por isso que ele é número dois do mundo e é tão difícil batê-lo. Não estive em court durante os primeiros 10 ou 15

minutos», lamentou. «Gostava que Federer ganhasse os seis títulos consecutivos porque sou amigo dele», confessou o alemão que levou para casa 450 pontos para o ranking e 236 mil euros, precisamente a mesma quantia que Marat Safin que, com a frontalidade habitual, garantiu que isso era o menos importante: «Um milhão a mais um milhão a menos não faz diferença. O que faz mesmo falta é o ténis. É a alegria de ganhar e a dor de perder.»



Rainer Schuettler foi quem mais deu luta

GLYN KIRK/APF

SELECÇÃO FEMININA

Breves

PORTUGAL JOGA FRENTE À BÓSNIA-HERZEGOVINA APURAMENTO PARA O «PLAY-OFF» DO EUROPEU

Marchar para a vitória

Reportagem de
EDITE
DIAS

Enviada-especial de «A BOLA»

SARAJEVO – Um magnífico manto branco deu as boas vindas à Seleção feminina que ontem pisou a massacrada cidade de Sarajevo. Esta tarde, a equipa portuguesa regressa à competição ao mais alto nível, mas não estará sozinha a cantar o hino pois, nas bancadas, mais de uma centena de militares portugueses que se encontram em missão de paz na Bósnia, entrarão no ritmo. E, como não poderia deixar de ser, a ordem é marchar para a vitória frente a uma desconhecida Bósnia-Herzegovina.

Antes ainda de pisar solo firme eram já visíveis os despojos de uma guerra que tantas manchetes fez pelo mundo fora. O enorme nevoeiro não consegue esconder as ruínas de dezenas de casas, sem telhados, sem portas e baleadas até à exaustão, contudo, os bósnios



Todas as indicações vão ser preciosas frente a Bósnia

parecem claramente ter encontrado maneira de se levantarem e reconstruírem pacientemente a cidade e a vida. O que só será visível esta tarde é se a equipa Bósnia também recuperou

a poderosa herança da escola jugoslava de andebol, a dúvida maior de João Comédias, o treinador nacional. «Nunca me aconteceu chegar a um jogo decisivo com quase total desconhe-

JOGAR EM CASA

SARAJEVO – A equipa feminina vai jogar a milhares de quilómetros de casa mas os militares portugueses na Bósnia vão esforçar-se para que as jogadoras não sintam essa distância. Ontem, uma calorosa recepção à chegada ajudou a motivar as tropas e garantido está um afinado coro, a mais de 100 vozes, para as 14 horas locais, altura em que se ouvir o hino nacional. Mas a hospitalidade dos capacetes azuis portugueses não vai ficar por aqui pois, depois da partida, as portas daquela que tem sido a sua casa nos últimos meses vão abrir-se para um jantar de despedida. E todos esperam que não faltem motivos para brindes entre dois lados que tentam fazer o melhor com as cores nacionais.

cimento do adversário, mas o segredo é não fazer da Bósnia um bicho de sete cabeças. A nossa equipa tem preocupar-se consigo própria. De todas as repúblicas da ex-Jugoslávia se formaram equipas fortes, por isso, a vitória seria um passo de gigante. Neste momento resta-nos tentar aumentar o índice de confiança porque sabe-se muito pouco sobre o adversário. A mesma opi-

nião tem Mats Olsson que também viajou com a equipa e se mostra encantado com o trabalho com as guarda-redes. «Trabalho com os masculinos, mas nunca disse que não gostaria de o fazer com os femininos. Aliás, treinei as jogadoras da Noruega para os Jogos Olímpicos de Sydney e adorei. As raparigas respondem com mais alegria e mais rápido ao que é pedido. E as atletas portuguesas têm uma atitude excelente: são ambiciosas. Têm, porém, um problema comum que é a altura e estamos a trabalhar para tentar resolvê-lo.» Portugal fez ontem um treino de adaptação e ficou a saber que não poderá contar com Rita Estácio e caberá a Regina Ferreira ou Celeste Viana a ponta direita.

Hugo nas «meias»

A tripulação de Hugo Rocha foi a única portuguesa a garantir lugar nas meias-finais da Land Rover Cup, um campeonato de match racing, a decorrer no anteponto de Vilamoura. «Correu muitíssimo bem. Estamos em segunda da geral, atrás do Arbuzov», explicou o medalhado de bronze de Atlanta, referindo-se ao russo que lidera a classificação e com quem perdeu um dos flights de ontem. A segunda derrota foi averbada no confronto com o britânico Williams, mas o triunfo sobre a tripulação de Lars Nordberg, a juntar às três vitórias da véspera, garantiram que, na pior das hipóteses, Hugo Rocha termine a prova na quarta posição.

C. L.

Cruzeiro Fitness

Portugal vai organizar em 2002 o I Cruzeiro Fitness. Uma iniciativa inédita que reunirá, de 1 a 5 de Maio, meio milhão de participantes numa viagem de ida e volta, que ligará Lisboa à cidade marroquina de Agadir. Tendo o paquete Funchal como palco, os interessados terão de pagar uma verba a rondar os 120 mil escudos, tendo à sua disposição além de 15 professores de elite de várias disciplinas, 200 spin bikes, steps, máquinas e equipamento de musculação e cardio-fitness.

Mota afastado

O português Bernardo Mota foi ontem afastado do circuito satélite Masters Portugal-IV, disputado em Vila Real de Santo António, após a derrota nas meias-finais frente ao finlandês Timo Nieminen, por 7/6 (7-1) e 6/1. Hoje, a final será discutida entre Nieminen e o ucraniano Orest Tereshchuck.

Horseball em Paris

A Seleção portuguesa de horseball, uma modalidade que combina basquetebol e rúgbi a cavalo, vai participar no Campeonato da Europa da especialidade, que decorrerá entre 30 de Novembro e 4 de Dezembro, no Parque de Exposições da Porte de Versailles (Paris), durante o Salão do Cavalo. Pela nona vez a marcar presença na competição, na qual já obteve seis títulos de vice-campeão, Portugal ambiciona conseguir um bom resultado.

Florete júnior

Realizou-se este fim-de-semana, em Madrid, mais um Torneio da Taça do Mundo de Florete júnior, no qual esteve presente a Seleção Nacional. Os portugueses estiveram em plano de destaque, ao conquistarem três lugares nos 16 primeiros da classificação, numa competição que contou com meia centena de participantes de oito países.

LUÍS SANTOS REELEITO NO DIA EM QUE AVANÇA O TRIBUNAL DESPORTIVO

Sem qualquer contestação

Luis Santos foi ontem reeleito para um novo mandato à frente da Federação de Andebol de Portugal. E sem qualquer tipo de contestação. Os 607 votos favoráveis apenas encontraram oposição nos 48 nulos da Associação de Andebol do Porto (AAP). Aliás as posições assumidas pela AAP caracterizaram as duas assembleias já que esta decidiu impugná-las embora o presidente da Assembleia Geral, Pedro Feist, não tivesse encontrado razões para tal. Desde logo o presidente da AAP, Norberto Carvalho, anunciou que não tomaria lugar em qualquer votação mas haveria de alterar essa pretensão pois na eleição para os órgãos sociais acabaria por votar. Mas a partir daí não mais o faria. Como consequência na segunda Assembleia Geral foram votados favoravelmente e por unanimidade todos os pontos apresentados. Destacam-se as aprovações do Orçamento e Plano para 2002 e alguns artigos do Regulamento Geral.



Foto de GONÇALO VASCONCELOS

Luis Santos a caminho de 15 anos de presidência

A partir de agora os clubes podem inscrever atletas que tenham adquirido a nacionalidade

portuguesa por naturalização depois de residência comprovada de 10 anos em

Portugal e por casamento após três anos. Foi ainda aprovado um artigo que obriga os clubes que subam à I Divisão de Elite ou outra prova designada pela Federação à entrega da autorização para a exploração comercial de direitos. O período pós ordem de trabalhos acabaria por ficar marcado pela apresentação de um requerimento que permite à Federação de Andebol avançar com uma proposta ao Governo para a criação de um Tribunal Desportivo. O presidente do Conselho Jurisdicional da FAP, juiz Pedro Mourão, foi o autor do documento onde se fala da «necessidade de credibilizar a justiça desportiva, muitas vezes foco de suspeição e polémica que em nada dignificam o desporto federado». O requerimento não esconde que «a criação do Tribunal Desportivo colida com os fortes e alguns conhecidos interesses estabelecidos, designadamente quando a modalidade assenta em avultados e egoístas interesses económicos».

I DIVISÃO MASCULINA

Sempre Fafe

O Fafe continua a dominar o nacional masculino da I Divisão. Ontem teve mais um importante teste frente ao Marítimo e, embora tenha ganho pela diferença mínima, arrecadou mais três preciosos pontos. Também o F. Holanda, ao vencer o Almada, se manteve na luta da frente ao posicionar-se no segundo lugar.

Resultados e classificação

10.ª jornada

Módicos-Fermentões	22-18
F. C. Maia-São Bernardo B	18-17
Fafe-Marítimo	29-28
F. Holanda-Almada	30-18
P. Manuel-1.º Dezembro	27-20
Infesta-Boa-Hora	22-17

	J	V	E	D	G	P
1 Fafe	10	9	0	1	274-225	26
2 F. Holanda	10	7	1	2	268-222	25
3 Infesta	10	5	2	3	240-222	22
4 Marítimo	10	5	2	3	273-273	22
5 Boa-Hora	10	5	1	4	200-202	21
6 Módicos	10	4	2	4	258-265	20
7 P. Manuel	10	3	3	4	245-235	19
8 São Bernardo B	10	4	0	6	211-236	18
9 Fermentões	10	2	3	5	228-239	17
10 Almada	10	3	1	6	204-238	17
11 F. C. Maia	10	3	0	7	235-250	16
12 GM 1.º Dezembro	10	1	3	6	206-234	16

11.ª jornada (1-12): São Bernardo B-Módicos; Fermentões-Fafe; Almada-F. C. Maia; Marítimo-P. Manuel; Boa-Hora-F. Holanda e 1.º Dezembro-Infesta.

ANDEBOL



TAÇA CHALLENGE ▶ QUARTOS-DE-FINAL



Alegria e força de vontade não faltam às algarvias do Gil Eanes

GIL EANES JOGA ESTA TARDE NA BULGÁRIA FRENTE AO ETAR VELIKO

Confio nas minhas algarvias!

Reportagem de
EDITE
DIAS



Enviada-especial de «ABOLA»

TARNOVO – A equipa feminina do Gil Eanes pisa esta tarde um imperial pavilhão búlgaro ostentando o título de única equipa portuguesa presente nas competições europeias.

Uma responsabilidade que em nada atrapalha as algarvias e as suas intenções de continuar a fazer história na modalidade. Uma hora hoje e outra no próximo sábado podem colocar a equipa de Lagos nas meias-finais da Taça Challenge, um desafio assumido por quem sente que daqui para a frente só tem a ganhar.

A presença portuguesa não passa despercebida em

Veliko e toda a gente parece acompanhar o sucesso da equipa feminina local nas competições europeias. Não só pelo sucesso desportivo, mas também porque todas as atletas foram encontradas entre os 67 mil habitantes que povoam Veliko Tarnovo e, neste momento, cinco são presença habitual na Selecção Nacional, o que faz crescer alguma apreensão entre as portuguesas. O pri-

meiro lugar que ocupam no campeonato local também não augura facilidades, mas José Manuel não se dá por rendido. «Aquilo que sabemos e aquilo com que nos deparamos aqui é um pouco diferente. As informações que vamos tendo indicam que esta equipa é muito mais forte e que o ambiente que vamos encontrar aqui deve ser infernal. Aliás, o Tarnovo até parece que está já a

fazer a festa. Vamos ver se não!»

A verdade, porém, é que as búlgaras ainda não perderam um único jogo em casa, embora fora também só somem derrotas, e não devem ter intenção de quebrar este historial face às pequenas portuguesas. «São pequeninas mas e o feito delas?! São rijas e estão bem dispostas. Confio nas minhas algarvias e tenho a

EQUIPA DE ANDEBOL É FONTE DE ALEGRIAS

A cidade de Balakov

TARNOVO – Na pacata cidade onde Balakov é o nome mais ouvido quando se fala de Portugal, ninguém parece indiferente à presença das jogadoras portuguesas que vão com a equipa local disputar a presença nas meias-finais de uma competição europeia, neste caso a Taça Challenge. Do segurança do banco aos comerciantes todos identificam de imediato as camisolas desportivas e enquanto tentam fazer negócio com o artesanato local vão deixando escapar o opti-

mismo búlgaro. «Vão perder por 20-10», vaticina o simpático empregado bancário, enquanto na rua a baixa estatura das iacobrigenses intriga os adeptos que de acordo com o presidente do clube devem lotar o pavilhão. Um minúsculo com capacidade para 2000 pessoas. «Os bilhetes são grátis porque as pessoas não têm dinheiro», explica depois de revelar que o ordenado médio não ultrapassa os 100 euros (20 contos). A equipa feminina de andebol do Etar Tarnovo é actualmente a

maior fonte de alegrias desportivas da cidade, que tem mais 27 clubes, todos apelidados de Etar (este é o antigo nome do rio local), mas todos independentes. Foi do futebol que Balakov saiu para alegria dos sportingistas até hoje saudosos do futebolista. Mas é também este o nome orgulhosamente evocado por quase todos os habitantes de Veliko Tarnovo. Krassimir Balakov afinal continua a dar as maiores alegrias a este povo que o segue agora na Alemanha.

certeza que não será por falta de empenho e vontade que as coisas vão correr mal. Vamos ver se encontramos a estratégia adequada para contrariar o seu favoritismo», advertiu José Manuel que, no entanto, se mostra confiante. Boa disposição, de resto, é o que não falta entre as atletas. Que o digam os motoristas dos autocarros que tiveram de guardar as cassetes de música búlgara e render-se a aquilo que bem poderia ser o coro do Gil Eanes...

ETAR TARNOVO-GIL EANES

Hoje, às 15,10 horas portuguesas
Pavilhão Desportivo de Tarnovo, na Bulgária
Árbitros: Vasil Vasilov
e Faruk Akman (Turquia)

RENOVAÇÕES NO ABC

Álvaro Martins e Filipe Cruz garantidos

Álvaro Martins e Filipe Cruz vão continuar a vestir a camisola amarela do ABC. Os dois jogadores que se encontravam em período de conversações com os dirigentes da equipa de Braga, tendo em vista a renovação dos seus contratos, já chegaram a acordo faltando agora apenas o acto da assinatura que deve acontecer muito em breve. Álvaro Martins chegou a acordo para renovar por mais dois anos, com um de opção, enquanto Filipe Cruz, que chegou a acordo na noite de ontem, será atleta do ABC nas próximas duas temporadas. Por resolver está a situação do guarda-redes Humberto Gomes com quem as conversações vão continuar por mais alguns dias. No entanto, tudo indica que cheguem a bom termo depois do atleta já ter manifestado junto dos responsáveis académicos o desejo de prosseguir a sua carreira no ABC.



I DIVISÃO DE ELITE

Descanso dos candidatos

As eleições de amanhã levam a que 20.ª jornada da I Divisão de Elite se realize na totalidade no dia de hoje. Uma ronda onde os principais candidatos ao título devem passar calmamente os obstáculos que terão pela frente. O F. C. Porto, líder da competição, vai até à Horta onde o Sporting local, último da classificação, não deverá criar qualquer tipo de dificuldade aos portistas. O mesmo se passará certamente, em doses menos optimistas, com o ABC em Aveiro e Sporting que na Nave recebe o Alto do Moimão pelo que todos eles não deverão ter problemas de maior em somarem os três

pontos da vitória. O mesmo já não poderá dizer o Madeira, SAD que tem pela frente com uma deslocação bem difícil até Setúbal. Os dois clubes estão separados apenas por dois pontos e na classificação os madeirenses levam vantagem mínima. A vida um pouco mais facilitada deverá ter o Águas Santas que no seu recinto recebe o Olivais e Moscavide que, no entanto, bem se pode tomar numa verdadeira cabra de surpresas. Maior equilíbrio é o que se espera para os jogos do Restelo e da Cova da Piedade embora o factor casa possa ser determinante no desfecho final das partidas.

V. SETÚBAL-MADEIRA, SAD	6.º	5.º
Hoje, às 18 horas	41p	43p
Pavilhão António Velho, em Setúbal		
Árbitros: Conceição Rufino (Santarém) e Hugo Virgílio (Lisboa)		
SP. HORTA-F. C. PORTO	14.º	1.º
Hoje, às 21,30 horas locais	19p	53p
Pavilhão Desportivo, na Horta		
Árbitros: Eurico Nicolau e Ivan Caçador (Leiria)		
SÃO BERNARDO-ABC	10.º	3.º
Hoje, às 18 horas (SportTV)	34p	50p
Pavilhão do S. Bernardo, em Aveiro		
Árbitros: Dário Ramos (Porto) e Fernando Humberto (Leiria)		
SPORTING-ALTO DO MOIMÃO	2.º	13.º
Hoje, às 18,30 horas	51p	28p
Nave do Alameda, em Lisboa		
Árbitros: Jorge Manuel e Nuno Francisco (Madeira)		
BELENENSES-F. C. GAIA	7.º	8.º
Hoje, às 17,30 horas	38p	35p
Pavilhão Acazêlo Rosa, em Lisboa		
Árbitros: António Goulão e José Macau (Setúbal)		
ÁGUAS SANTAS-O. MOSCAVIDE	4.º	9.º
Hoje, às 18 horas	46p	34p
Pavilhão de Águas Santas, na Maia		
Árbitros: Felisberto Silva e Paulo Gonçalves (Porto)		
G. SUL-BOAVIDA	12.º	11.º
Hoje, às 18 horas	30p	30p
Pavilhão do Ginásio do Sol, na Cova da Piedade		
Árbitros: António Marmoreira e Jorge Gal (Fusica)		

I DIVISÃO MASCULINA

Dia de contas

Joga-se hoje a derradeira jornada da primeira fase do Campeonato Nacional da I Divisão. Uma ronda onde algumas contas terão que ser feitas para que seja encontrado o candidato à única vaga ainda existente entre os oito clubes que seguem para o play-off de apuramento do campeão. Enquanto as actuais primeiras sete classificadas já têm a sua presença garantida, São Bernardo B, Passos Manuel e F. C. Maia são as equipas que ainda alimentam a esperança de chegarem à luta pelo título. Sem hipóteses estão apenas Almada e 1.º Dezembro já que a única luta em que podem entrar é a da permanência.

Calendário

22.ª jornada	
Módicos-São Bernardo B	Hoje, às 16 horas
Fafe Fermentéis	Hoje, às 16 horas
F. C. Maia-Almada	Hoje, às 16 horas
P. Manuel Marítimo	Hoje, às 16 horas
F. Holanda-Boa-Hora	Hoje, às 16 horas
Infesta-1.º Dezembro	Hoje, às 16 horas

I DIVISÃO FEMININA

Líder garantido

As equipas do Madeira, SAD e Colégio de Gaia, eternas candidatas ao título nacional nos últimos anos, jogam esta tarde no Funchal a única partida desta jornada onde o Gil Eanes viu a sua partida adiada já que se encontra na Bulgária onde irá participar nas competições europeias. Além de habitual encontro entre candidatos, os dois conjuntos vão disputer a liderança do Grupo A. No Grupo B o Santa Isabel tem o primeiro lugar garantido, seja qual for o resultado registado na deslocação a Castelo Branco, enquanto Porto Salvo e Juventude Lis vão lutar pela segunda posição da tabela classificativa. Equilibrado espera-se que seja o jogo entre o MaiaStars e o Santa Joana.

Calendário

2.ª jornada	
Grupo A	
G. Eanes-Sp. Madeira (adiado)	
Maieira, SAD-G. Gaia	Hoje, às 15 horas
Grupo B — 5.ª jornada	
MaiaStars-S. Joana	Hoje, às 15 horas
B. C. Branco-S. Isabel	Hoje, às 15 horas
P. Salvo-J. Lis	Hoje, às 17,30 horas

Não é só Mauri
CICLISMO
Benfica
virado
para Itália



INTERNACIONAL

ATLETISMO
Dionísio
deixa Sporting



Doce convite
do Pão
de Açúcar

Pág. 43



Dispensado pelo Benfica
HÓQUEI EM PATINS
Jorge
Godinho
em Tomar

Pág. 44

Seleção Nacional

ANDEBOL FEMININO NA REPUBLIC CUP



Uma viagem de 14 horas
e um primeiro aviso
para não saírem do hotel.
Assim foi recebida em Dyarbakir
a comitiva portuguesa

EUSÉBIO ENTRE AS MULHERES



Reportagem de **EDITE DIAS**
Enviada-especial de «ABOLA»

DIYARBAKIR — Após 14 horas de viagem, a Seleção chegou, finalmente, a Dyarbakir. Uma travessia longa, mas calma, tirando os avisos de perigo sussurrados entre dentes por alguns turcos. A curiosidade, essa, é que era enorme perante tantas mulheres juntas, mas de Portugal só mesmo um nome... Eusébio.

Até aterrar no aeroporto de Dyarbakir ninguém diria que a Seleção portuguesa está numa região em que a guerra se sente em cada esquina. Entre Istambul e Ankara, um turco simpático aconselhou, preocupado, a permanência no hotel, enquanto perguntava por Eusébio. O futebol, sempre o futebol... O primeiro sinal surgiu já em terra firme. No aeroporto, uma escolta militar e vários carros da polícia evitaram o contacto com os turcos, sedentos de apreciar as visitantes. Para evitar qualquer tipo de contratempo, nem as malas apareceram no habitual tapete rolante. Uma camioneta largou mais de uma centena de sacos à porta do aeroporto e cada um tratou da sua bagagem.

O percurso até ao hotel, de qualidade indiscutível, não conseguiu esconder as misérias de um povo em luta e o machismo tradicional dos povos islâmicos. Nem sinal de mulheres, enquanto os homens, aos ma-

gotes, bebem em tabernas de ambiente duvidoso.

Ultrapassado o primeiro impacto e habituada ao cheiro, muitas vezes nauseabundo, a equipa mantém

intocável a boa disposição. Que o digam Judite Paris e Helena Mendes. Afinal, há mais de 10 anos que são presenças regulares na Seleção. «A primeira vez que saí tinha 17 anos e fomos a França. Perdemos, mas foi muito engraçado. Hoje continua a ser assim, mas não sou protectora das mais novas. Faço tudo para que a integração seja boa, como fizeram comigo. Daquele tempo só resta a Judite.» Sempre de sorriso largo, Helena Mendes recorda a Seleção de há 11 anos, sob o olhar de

Judite, que pergunta: «Já foi há tanto tempo? É verdade. Comecei há 13 anos e tínhamos os mesmos treinadores, a Fátima Monge da Silva e o Poiars. A primeira vez que saí foi para um estágio, em Setúbal. Para o estrangeiro fui à Hungria e perdemos.» Judite tem 32 anos e Helena 28 e às memórias vão ainda buscar outra imagem... A de quando defrontavam a actual seleccionadora. «Era muito má.» Gargalhada geral. «Ganhámos sempre mas faziam-nos sofrer muito dentro de campo.»



Mesmo com uma viagem de 14 horas a boa disposição manteve-se

ANTEVISÕES DAS VETERANAS

A esperança não morre

DIYARBAKIR — Helena Mendes é mais cautelosa a avaliar os adversários e frente às austríacas, apesar de não conhecer a equipa, mostra-se desconfiada. «Não sei como será... E uma incógnita, mas não há adversários fáceis. Um bom resultado? O terceiro lugar. Vamos tentar surpreender todas as equipas. Só esperamos que elas não façam o mesmo connosco...» Judite é mais optimista. «Bom? Ganhar e porque não? A bola é redonda e são sete contra sete! Agradável era ganhar dois ou três jogos. As menos difíceis penso que sejam as formações da Turquia e da Islândia, mas mesmo assim não sei. Dizem que as holandesas estão a viver juntas há um ano e só participam em torneios. Se for verdade... Da Áustria só sei que dizem que é uma boa equipa.»

CALENDÁRIO DO TORNEIO

DIA 14 (Quarta-feira) Portugal-Austria (14 h) Holanda-Croácia (15.45 h) Turquia-Islândia (18 h)	Holanda-Islândia (16 h) Turquia-Austria (18 h)
DIA 15 (Quinta-feira) Austria-Holanda (14 h) Islândia-Croácia (16 h) Turquia-Portugal (18 h)	DIA 17 (Sábado) Austria-Islândia (14 h) Holanda-Portugal (16 h) Turquia-Croácia (18 h)
DIA 16 (Sexta-feira) Croácia-Portugal (14 h)	DIA 18 (Domingo) Portugal-Islândia (12 h) Austria-Croácia (14 h) Turquia-Holanda (16 h)

FEDERAÇÃO MARCOU O SPORTING-BENFICA

A hora do adeus

A equipa sénior de andebol do Benfica irá desapa-
recer oficialmente do meio andebolístico nacional
quando esta noite averbar, frente ao Sporting, a sua
segunda falta de comparência no Nacional da I Divi-
são, o que implicará a imediata eliminação da prova.
Apesar do anúncio oficial da Direcção encarnada, por-
mais que uma vez, da extinção do andebol sénior no
clube, o certo é que até ao dia de ontem nada foi co-
municado à Federação Portuguesa de Andebol (FPA).
Como tal, a FPA decidiu marcar para hoje, às 21 horas,
o encontro entre leões e águias e que se encontra em
atraso da quarta jornada. A hora marcada árbitros e
equipa leonina irão comparecer na Nave de Alvalade
para cumprir o que determinam os regulamentos.
Os dois juizes terão de identificar os atletas do Sport-
ing, cumprir o tempo regulamentar de espera pela
equipa em falta e depois preencher o boletim de jogo
escrevendo nele todas as ocorrências registadas que,
no caso, será tão-somente a falta do Benfica. Este
será, sem dúvida, um boletim que ficará na história da
modalidade. Tudo isto irá acontecer no dia em que
Vale e Azevedo pode finalmente dar o sim definitivo à
continuação dos escalões de formação do clube da Luz.
A habitual reunião de Direcção, que deveria ter tido
lugar ontem, irá acontecer hoje e terá este assunto
como ponto número um da agenda de trabalhos.

Entretanto, também para hoje, às 21 horas, foi mar-
cada a partida entre o ABC e o S. Bernardo, jogo
antecipado da 7.ª jornada e que deveria ter lugar no
próximo dia 1 de Novembro. Será o regresso dos
academistas às competições nacionais depois do pre-
maturo afastamento da Liga dos Campeões. O jogo
terá lugar no Pavilhão Flávio Sá Leite e não são de
esperar muitas dificuldades para os brancos em
ultrapassarem o conjunto de Aveiro, promovido esta
temporada à I Divisão. J.L.

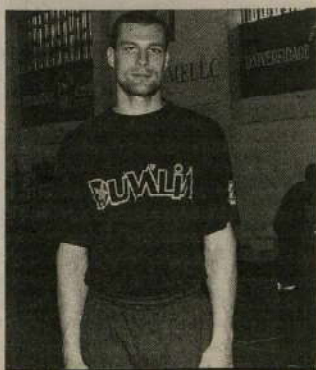
CROATAS EM SORTE E INQUÉRITO A ROMAN ABRAMENKO

Saia um F. C. Porto europeu

O F. C. Porto, única equipa portu-
guesa nas competições europeias, irá de-
frentar os croatas do RK Brodamerkur
Split nos oitavos-de-final da Taça EHF.
Assim ditou o sorteio realizado, ontem,
em Viena. «Nem bom, nem mau», assim
reagiu o técnico José Magalhães. E expli-
cou porque: «Não adianta preocupar-
me porque qualquer sorteio é assim.
Corremos o risco de nos sair uma equi-
pa fácil, mas também sabíamos que havia
a hipótese do contrário. Mesmo assim
foi bom para o F. C. Porto. Claro que

preferia um adversário mais fraco e ain-
da que o primeiro jogo fosse fora. Mas
assim não aconteceu. Só que por vezes
há surpresas. São dois jogos e só uma
equipa poderá passar a eliminatória.
Vamos trabalhar para que seja a nos-
sa.» A reacção do dirigente Nelson Al-
meida foi um pouco diferente: «Fiquei
satisfeito. Vão ser dois grandes jogos.»
Sobre o caso Abramenko, esclareceu:
«Para já abrimos um inquérito que es-
pero esteja concluído dentro de uma
semana.»

JOSÉ LOPES



Inquérito a Abramenko

Curriculum Vitae detalhado

1. Dados Pessoais

Nome: **Edite** Susana Teixeira **Dias** Calado

Data de Nascimento: 06 de agosto de 1972

Naturalidade: Lisboa

Nacionalidade: Portuguesa

2. Habilitações Académicas

Percurso e formação académica:

Licenciatura

- Conclusão da Licenciatura em Ciências da Comunicação, especialização Jornalismo

Data: 1998

Instituição de ensino: Universidade Autónoma de Lisboa

Classificação final: 14 valores

Frequência universitária

- Curso de Direito

Data: 1990/1991

Instituição de ensino: Universidade Lusíada, em Lisboa

12.º Ano via de ensino

- (3.º Curso) Geografia, História e Filosofia

Data: 1990

Instituição de ensino: Escola secundária Alexandre Herculano, Olivais

Classificação final: 16 valores

3. Domínio de língua estrangeira

- Inglês - Falado e escrito com bom nível de fluência
- Espanhol - Falado e escrito com satisfatório nível de fluência
- Francês - Falado e escrito com satisfatório nível de fluência

4. Percurso profissional

1994 - 1995

- Assessora de imprensa da Federação Portuguesa de Pentatlo Moderno

Funções:

- Identificação de atletas e eventos;
- organização de conferências de imprensa, criação de press releases;

- identificação de jornalistas e criação de base de dados;
- trabalho de media training com os atletas identificados;
- gestão e organização de eventos para media.

1996-1997

- Estágio jornalista autoproposto no Jornal *A BOLA*
 - Leitura de várias revistas estrangeiras de forma a encontrar histórias e entrevistas que pudessem ser trabalhadas no contexto português.
 - Tradução de telexes e faxes das agências internacionais para garantir a melhor cobertura possível dos eventos da atualidade
 - Produção de breves, notícias, aberturas de página e entrevistas, em crescendo à medida que aumentava a confiança das partes.
 - Acompanhamento presencial de jornalistas seniores em vários eventos de forma a ter contacto com a realidade que poderias vir a encontrar, conhecer pessoas/contactos/fontes e rotinas de trabalho.

Conclusão: O estágio incluía um grupo de seis jovens jornalistas que deveriam ficar quatro meses e serem substituídos por outros seis candidatos e, só no final, avaliariam quem poderia começar a colaborar com a empresa. Ficámos os seis e passámos a trabalhar ao piquete

1997 – Presente

- Jornalista *A BOLA*
- Jornalista *A BOLA TV*
- Apresentadora *A BOLA TV*
- Coordenação e aquisição de conteúdos para a televisão
- Responsável pela programação do canal televisão *A BOLA TV*
- Responsável pela produção e apresentação de um programa semanal “ANDEBOLA”
- Coordenadora equipa de produção e operações do Jornal *A BOLA* e *A BOLA TV*

4.1- Situação profissional atual

- Diretora de conteúdos e Produção *A BOLA TV*

Funções:

- Escolha de conteúdos para a grelha do canal de televisão *A BOLA TV*;
- avaliação dos direitos de transmissão disponíveis;
- coordenação da equipa de produção de *A BOLA TV*;
- coordenação dos repórteres fotográficos da Agência de Serviços Fotográficos (ASF) do jornal *A BOLA*;
- coordenação da equipa de agenda do jornal *A BOLA* e *A BOLA TV*;
- coordenação da equipa de Redes Sociais do jornal *A BOLA* e *A BOLA TV*;
- coordenação de eventos;
- responsável pelo departamento de Operações de *A BOLA*;
- apresentadora do programa de televisão “Conversas Com”;

4.2 – Percurso profissional no jornal *A BOLA* e *A BOLA TV*

- Jornalista A *BOLA* (1996 – presente)
- Jornalista “Sexta” – jornal criado por A *BOLA* e o Público
- Edição de fecho (2000-2017)
- Edição de modalidades (2000-2017)
- Apresentadora e produtora de um programa semanal em direto “Andebola” (2013, 2014 e 2015)
- Coordenação de conteúdos A *BOLA* TV (2017-presente)
- Diretora Produção A *BOLA* TV (2018-presente)
- Coordenação Redes Sociais (2018-presente)
- Coordenação dos repórteres fotográficos (2022-presente)
- Diretora de Operações (2022-presente)

4.3 – Atividades desenvolvidas

Jornalista A *BOLA* (1996 – presente)

- Produção notícias, entrevistas e reportagens para a edição diária do jornal A *BOLA*.
- Apresentação de propostas de reportagens e entrevistas diárias enquadradas com o calendário desportivo
- Apresentação de propostas de reportagens e entrevistas em várias áreas na área do desporto que não de competição (anexos): “E se ela fosse ele?”; “Andebol para todas, um ovo para quatro”; “Ensaio sobre a homossexualidade”; “Grávida? Não, obrigada”.
- Enviada-especial ao estrangeiro cerca de 50 vezes para fazer a cobertura noticiosa de eventos tão diversos como Torneio de ténis de Wimbledon (2008 e 2010), Mundial de MotoGP (2013), Mundial de andebol (2001, 2003), Maratona de Londres (2001), Jornadas Olímpicas da Juventude (2001), Jogos Paralímpicos de Atenas (2004), Mundial de juniores Egito (2009), Mundial de juniores Grécia (2011), Prémios Laureus em Berlim (2016).
- Entrevistas com grandes nomes do desporto mundial Roger Federer (Ténis), Usain Bolt (Atletismo), Oscar Pistorius (râguebi + atletismo), David Coulthard (F1), Lewis Hamilton (F1), Novak Djokovic (Ténis), Ruud Gullit (futebol), etc ...

Jornalista “Sexta”

- Reportagens diversas como, por exemplo, “O rapto de Fangio” e “Hotel de gelo” na Suécia

Edição de fecho (2000-2017)

- Leitura e revisão de todas as páginas do jornal, bem como das artes gráficas e fotografias.

Edição de modalidades (2000-2017)

- Escolha diária de quais os assuntos que devem figurar em cada página, qual o espaço que cada um deve ocupar, quem produz o quê em termos de jornalistas, escolha de fotografias que acompanham as peças, acompanhamento da criação gráfica das páginas e, por fim, revisão e validação final do trabalho que será impresso no dia seguinte.

Apresentadora e produtora de um programa semanal em direto “Andebola” (2013, 2014 e 2015)

- Recolha de dados semanal da atividade desportiva nacional e internacional de andebol.
- Tratamento de dados estatísticos e classificação para alimentar o grafismo presente no programa
- Seleção de convidados para estúdio, pesquisa de informação e preparação de pivots
- Apresentação e entrevista de convidados em estúdio, em direto, semanalmente

Coordenação de conteúdos A *BOLA* TV (2017-presente)

- Seleção de filmes, documentários e séries para preencher uma grelha 24 horas do canal de informação desportiva do cabo A *BOLA* TV.

- Contacto permanente com várias produtoras estrangeiras que distribuem conteúdos televisivos
- Presença na Feira Internacional de conteúdos dedicados ao Desporto, Sportel, que se realiza anualmente no Mónaco
- Seleção das transmissões diretas desportivas que preenchem as grelhas semanais de programação
- Validação da legendagem e tradução dos programas, bem como das autopromoções do canal

Diretora Produção A BOLA TV (2018-presente)

- Responsável pela equipa que produz diariamente a agenda do jornal e da televisão, trata de todos os processos de acreditação e que determina onde e o que acontece no dia seguinte
- Responsável pela equipa de produção que gere convidados da informação, conteúdos para o canal, questões técnicas de satélites das transmissões, marcação de viagens e organização da logística para que tudo corra na cobertura do evento desportivo em causa, trata da distribuição de viaturas da empresa, vales e marcações de espaços para gravações e contratação de material de for preciso. Esta equipa faz a ligação com a edição, que receciona os programas e assegura a sua qualidade técnica para ir para o ar, e garante que os mesmos chegam a tempo e horas de estar no ar, bem como direcionam, sob minha orientação, onde e quando serão traduzidos e legendados no caso de serem em língua estrangeira. Esta equipa é também responsável por minimizar as ocorrências ERC e garantir que cumprimos os requisitos legais nomeadamente no tempo de língua gestual em antena ou conteúdos de origem nacional, por exemplo.
- Responsável pelo guarda-roupa e maquilhagem do canal
- Análise de audiências e relatórios das mesmas, isolada ou comparativamente com a concorrência

Apresentadora do programa “Conversas Com”

- Entrevistas de vida com grandes figuras do desporto nacional como João Garcia (alpinista), Carlos Resende (andebol), Pedro Henriques (árbitro de futebol), Miguel Maia (voleibol), Bessone Basto (olímpico), Elisabete Jacinto (Dakar), Nuno Delgado (judo), entre outros.

Coordenação Redes Sociais (2018-presente)

- Responsável pela criação de uma equipa de trabalho para as redes sociais, discussão de software necessário para o trabalho que as mesmas exigem, validação do copy e da imagem usada e criação de um calendário de publicações

Coordenação dos repórteres fotográficos (2022-presente)

- Responsável pela gestão e agenda de trabalho de oito repórteres fotográficos (4 em Lisboa e quatro no Porto), bem como dos colaboradores. Marcação de serviços, ajuda com a manutenção do material e aquisição de novo

Diretora de Operações (2022-presente)

- Departamento criado com a nova direção que aglomera todos os departamentos acima descritos e acrescenta todas as questões legais de direitos de resposta, gestão de prémios e organização de eventos.
- Prestação de serviços ao exterior e execução dos respetivos relatórios.
- Presença no Forum Mundial de Media na Arábia Saudita (fevereiro 2023)

4.4 – Outras funções desempenhadas na área da comunicação

- Aulas de media training na Universidade Europeia em cursos de pós graduação (2018-presente)
- Noções básicas de jornalismo, como falar, como escrever, código deontológico, géneros de expressão jornalísticos, o que vestir na televisão, etc... Execução de trabalhos em grupo

- Autora do livro "Sete décadas e meia de jogo e paixão", publicado pela Federação de Andebol de Portugal na comemoração dos 75 anos de existência, que incluiu toda a pesquisa documental, escrita e fotográfica, bem como a realização de mais de 30 entrevistas para obter testemunhos e validar dados.

- Autora do livro "Next level – 44 curvas até ao MotoGP", biografia do primeiro piloto português de motociclismo no circuito mundial, Miguel Oliveira, publicada pela Leya

5. Principais trabalhos efetuados

1997

ANDEBOL – FRANÇA (vários) – Torneio Internacional George Marrane – setembro 1997

ANDEBOL – DINAMARCA (Copenhaga) – Liga dos Campeões – novembro 1997

1998

ANDEBOL – ISLÂNDIA (Reiquiavique) – Qualificação Mundial – março 1998

ANDEBOL – TURQUIA (Diyarbakir) – Torneio andebol feminino – outubro 1998

ANDEBOL – BRUXELAS (Liège) – qualificação Mundial Egito – novembro 1998

1999

ANDEBOL – Espanha (Toledo) – Torneio preparação para Europeu Croácia – setembro 1999

ANDEBOL – ESLOVÁQUIA (Kosice) – Qualificação Mundial 2001 – maio 1999

2000

ANDEBOL – POLÓNIA (Bialopodlaska), ÁUSTRIA (Viena) E REP CHECA (Pilzen) – qualificação mundial – maio 2000

ANDEBOL – SÉRVIA E MONTENEGRO (Cetinje) – Liga dos Campeões – fevereiro 2000

ANDEBOL – ALEMANHA (Flensburg) – Liga dos Campeões – março 2000

ANDEBOL – ESLOVÉNIA (Ljubljana) – Jogo das Estrelas – abril 2000

ANDEBOL – ISLÂNDIA (Reiquiavique) – Liga dos Campeões – outubro 2000

ANDEBOL – ALEMANHA (Kiel) – Liga dos Campeões – novembro 2000

2001

ANDEBOL – FRANÇA (vários) – CAMPEONATO DO MUNDO – janeiro 2001

ANDEBOL – ESPANHA (Barcelona) Entrevista exclusiva com o andebolista e príncipe espanhol, Inaki Urdangarin – abril 2001

ATLETISMO – INGLATERRA (Londres) – Maratona de Londres – abril 2001

JORNADAS OLÍMPICAS DA JUVENTUDE – ESPANHA (MÚRCIA) – agosto 2001

ANDEBOL – HOLANDA (Roterdão) – Torneio Internacional feminino – out 2001

ANDEBOL – BÓSNIA-HERZEGOVINA – Qualificação (fem) play-off Mundial – nov 2001

ANDEBOL – SÉRVIA E MONTENEGRO (Cetinje) – Liga dos Campeões – novembro 2001

2002

ANDEBOL – SUÍÇA (Tafa) – Jogos preparação para Europeu – janeiro 2002

ANDEBOL – SUÉCIA (vários) – CAMPEONATO DA EUROPA – janeiro 2002

ANDEBOL – ESPANHA (Las Palmas, Telde) – TORNEIO INTERNACIONAL DE LAS PALMAS (FEM) – maio 2002

MOTOCICLISMO – GP Portugal – setembro 2002

2003

ANDEBOL – Portugal – CAMPEONATO DO MUNDO – janeiro 2003

ANDEBOL – NORUEGA e SUÉCIA (Grebbestad, Stavanger) – QUALIFICAÇÃO Euro 2004 – março 2003

2004

ANDEBOL – UCRÂNIA (Kiev) – Play-off feminino – junho 2004

ANDEBOL – REP. CHECA (Brno) – Play-off masculino – junho 2004

JOGOS PARALÍMPICOS – GRÉCIA (Atenas) – setembro 2004

2005

ANDEBOL – REP. CHECA (BRNO) – Play-off apuramento Europeu – junho 2005

NATAÇÃO – Meeting Internacional Cidade de Tavira – novembro 2005

TÉNIS – Estoril Open – abril 2005

2006

ANDEBOL – SUÍÇA (Berna) – Campeonato da Europa seniores masculinos – janeiro 2006

MOTOCICLISMO – GP PORTUGAL – abril 2006

TÉNIS – Estoril Open – maio 2006

ANDEBOL – UCRÂNIA (ZAPOROSZHE) – Play-off para o Mundial de 2007 – junho 2006

2007

ANDEBOL – MONTENEGRO (Bijelo Polje) – Play-off para o Mundial de 2008 – junho 2007

ANDEBOL – MACEDÓNIA (Ohrid) – Campeonato do mundo de sub 21 – agosto 2007

ANDEBOL – ÁUSTRIA (Salzburgo) – Jogos particulares Seleção Nacional masculina – dezembro 2007

2008

ANDEBOL – BULGÁRIA (Varna) – Qualificação para a campeonato do mundo da Croácia – janeiro 2008

SURF – Entrevista com Tiago Pires, primeiro surfista no circuito mundial – janeiro 2008

ATLETISMO – Campeonatos de Portugal Absolutos e de Provas Combinadas em Pista Coberta fevereiro – 2008

MOTOCICLISMO – GP PORTUGAL – abril 2008

TRIATLO – Campeonato da Europa – maio 2008

ATLETISMO- Taça dos Clubes Campeões Europeus de Pista 24-05-2008 25-05-2008

TÉNIS - INGLATERRA - Torneio de Wimbledon 29-06-2008 07-07-2008

ANDEBOL - MACEDÓNIA - Campeonato da Europa de seniores Femininos -dezembro 2008

2009

F1 - Algarve - Testes das principais equipas de F1 no Autódromo Internacional do Algarve janeiro 2009

ANDEBOL - LUXEMBURGO - Qualificação para o Campeonato da Europa de Seniores Masculinos março 2009

ATLETISMO - Meeting Internacional de Elvas - maio 2009

ANDEBOL - EGITO (Cairo) - Campeonato do Mundo de Juniores - agosto 2009

2010

ANDEBOL - Portimão - Supertaça - janeiro 2010

ANDEBOL - POLÓNIA (Kwidzyn) - Final da Taça Challenge, Sporting primeira equipa portuguesa a vencer competição europeia - maio 2010

TÉNIS - INGLATERRA (Londres) - Torneio de Wimbledon julho 2010

ANDEBOL - ESLOVÉNIA (Celje) - Qualificação para o Campeonato da Europa masculino - outubro 2010

MOTOCICLISMO - GP PORTUGAL - setembro 2010

2011

AUTOMOBILISMO - Rali de Portugal - março 2011

ANDEBOL - GRÉCIA (Salónica) - Campeonato do Mundo de Sub 21 - julho 2011

2012

ANDEBOL- UCRÂNIA (Zaparozhye) - Qualificação para o Campeonato do Mundo- janeiro 2012

MOTOCICLISMO - ESPANHA (Madrid) - Apresentação da equipa do piloto Miguel Oliveira - março 2012

AUTOMOBILISMO - Rali de Portugal - março 2012

MOTOCICLISMO - GP PORTUGAL - setembro 2012

TRIATLO - Taça da Europa de Quarteira - março 2012

ANDEBOL - final four da Taça de Portugal - março 2012

OLIMPISMO - INGLATERRA (Londres)- Visita ao Centro Tecnológico de Operações Jogos Olímpicos Londres-12 maio 2012

ANDEBOL - ESLOVÉNIA (Ljubliana) - Play Off para o Mundial 2013- junho 2012

RÂGUEBI - Torneio de Sevens do Algarve - julho 2012

SURF - FRANÇA (Hossegor) - Etapa do circuito mundial - setembro 2012

2013

TÉNIS - SUÍÇA (Gstaad)- Entrevista a Roger Federer - julho 2013

ANDEBOL - Torneio Internacional de S. Mateus – agosto 2013

2014

CICLISMO – ESPANHA (Merida) - Apresentação da equipa de ciclismo Lampre onde corre o português Rui Costa – fevereiro 2014

TÉNIS – Estoril Open – abril

CICLISMO – Volta a Portugal – agosto 2014

SURF – Meo Rip Curl, circuito mundial de surf – outubro 2014

2015

GOLFE – Entrevista com o Ricardo Melo Gouveia, o primeiro português nos Jogos Olímpicos – agosto 2015

2016

LAUREUS – ALEMANHA (Berlim) – Cerimónia óscares do desporto – abril 2016

TÉNIS – Estoril Open – abril 2016

COORDENADORA CONTEÚDOS A *BOLA* TV

LAUREUS – MÓNACO – Cerimónia óscares do desporto – abril 2017

SPORTEL – MÓNACO – Encontro de produtores de conteúdos de media – Sportel – outubro 2018

SPORTEL – MÓNACO – Encontro de produtores de conteúdos de media – Sportel – outubro 2019

SPORTEL – MÓNACO – Encontro de produtores de conteúdos de media – Sportel – outubro 2021

SPORTEL – MÓNACO – Encontro de produtores de conteúdos de media – Sportel – outubro 2022

MEDIA FORUM – ARÁBIA SAUDITA (Riade) -- fevereiro 2023

LAUREUS – FRANÇA (Paris) – Cerimónia de entrega dos prémios Laureus – maio 2023

6. Outras Habilitações

✓ **Aperfeiçoamento em Jornalismo Radiofónico**

184 h

Data: 1999

Instituição de ensino: CENJOR – Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas

História do jornalismo radiofónico

- Papel do jornalista de rádio
- Características e desafios do jornalismo radiofónico
- Técnicas de Reportagem para Rádio

Pesquisa e preparação para reportagens de rádio

- Recolha de informações e entrevistas
- Redação e estrutura de peças para rádio
- Edição e montagem de peças jornalísticas

Narração e Locução para Rádio

- Princípios básicos de narração e locução radiofónica

- Técnicas de dicção, entoação e ritmo
- Prática de narração e locução em diferentes estilos de programação

Produção e Edição de Programas radiofónicos

- Planeamento e estrutura de programas de rádio
- Seleção de temas e segmentos
- Técnicas de edição de áudio para rádio
- Criação de jingles, trilhas sonoras e efeitos especiais

Jornalismo Radiofónico Especializado

- Cobertura de eventos ao vivo e reportagens de campo
- Jornalismo investigação
- Jornalismo desportivo
- Jornalismo de entretenimento
- Jornalismo político e de atualidade

Ética e Responsabilidade no Jornalismo Radiofónico

- Princípios éticos do jornalismo radiofónico
- Responsabilidade social e profissional
- Rigor, imparcialidade e verificação de fatos

Exercícios práticos de reportagem, narração e produção de programas

✓ **Aperfeiçoamento em Fotojornalismo - nível I**

250 h

Data: 2001

Instituição de ensino: CENJOR - Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas

Introdução ao Fotojornalismo

- História e evolução do fotojornalismo
- Papel do fotojornalista na sociedade
- Ética e responsabilidade no fotojornalismo
- Equipamentos e Técnicas Fotográficas

Conhecimento básico da câmara

- Composição e enquadramento fotográfico
- Uso de luz natural e artificial
- Técnicas de fotografia em situações de baixa luminosidade ou alta velocidade

Fotojornalismo de Rua

- Vida quotidiana
- Abordagem de pessoas e obtenção de consentimento
- Técnicas de fotografias de rua

Narrativa visual e construção de histórias

- Cobertura de Eventos e Fotojornalismo desportivo
- Planeamento e preparação para a cobertura de eventos
- Momentos-chave e ação em eventos desportivos
- Fotografia em ambientes desafiadores e movimentados
- Edição e seleção de imagens para contar a história do evento

Fotografia Documental

- Documentando questões sociais, culturais ou ambientais
- Pesquisa e preparação para projetos documentais
- Composição de fotoreportagens
- A importância da legenda e da contextualização

Análise e Crítica de Fotografia

- Análise de fotografias icónicas e premiadas
- Discussões e debates sobre a ética e o impacto das imagens
- Desenvolvimento do pensamento crítico e estético

Fotografia a preto e branco

- Composição e elementos visuais

- Técnica Fotográfica
- Manipulação de luz
- Uso de filtros para ajustar tons e realces
- Texturas e padrões na ausência de cores
- Composição e narrativa a preto e branco
- Uso de linhas, formas e geometria na composição a preto e branco

Princípios Básicos de Revelação em Laboratório

- Introdução ao processo de revelação em laboratório
- Preparação e manipulação de filmes a preto e branco
- Química de revelação e controlo de temperatura
- Tempo de revelação e agitação correta dos químicos
- Revelação de filmes a preto e branco

Prática de revelação de filmes em laboratório

- Controlo de contraste e tempo de revelação
- Lavar e fixar os filmes corretamente
- Armazenamento e cuidados com os negativos revelados

Ampliação de Fotografias em Preto e Branco

- Introdução ao processo de ampliação em laboratório
- Preparação do papel fotográfico e química de ampliação
- Controlo de exposição e contraste durante a ampliação
- Técnicas de dodging (clareamento seletivo) e burning (escurecimento seletivo)
- Acabamento e Preservação de Impressões em Preto e Branco
- Secagem e acabamento das ampliações a preto e branco
- Preservação e cuidados adequados com as impressões em preto e branco

✓ **Certificado de Formação de Formadores**

Instituição: Sinestecnoplis, polo Lisboa

Data: 2010

✓ **Social Media**

50h

Data: 2022

Instituição: ANJE -Associação Nacional de Jovens empresários

- Introdução ao social media;
- História e evolução de social media;
- O Novo paradigma da comunicação;
- Mobile social media;
- Plataformas e redes sociais;
- Plano estratégico;
- O futuro móvel e social;
- Conteúdo para redes sociais;
- Interação com os utilizadores;
- Diferentes formatos de conteúdos;
- Conteúdo visual;
- Vídeo marketing;
- Novas funções;
- Social media manager;
- Social media strategist;
- Community manager;
- Content strategist;
- Monitorização e gestão da reputação online;
- Social media ROI;

- Social CRM;
- Gestão das redes sociais;
- Gestão das redes sociais para a construção de uma relação de fidelização com o cliente;
- Monitorização e gestão da reputação online.

✓ **Marketing Digital**

50h

Data: 2022

Instituição: ANJE -Associação Nacional de Jovens empresários

Internet e os canais de distribuição

- Business to business – B2B;
- Business to consumer – B2C;
- One to one – O2O;
- Business to administration – B2A.

Portais/ sites/motores de busca/ centro comerciais virtuais/ lojas virtuais:

- O papel do website no marketing digital;
- Desenvolvimento e manutenção de páginas web;
- Arquitetura de informação;
- Usabilidade;
- Planeamento de um Web Site;
- E-commerce.

Tecnologias de informação e a relação com o cliente:

- A tecnologia ao serviço do marketing e da comunicação;
- O novo consumidor digital;
- Mensagens e formatos de comunicação digital com o cliente.

E-consumidor:

- Características;
- Tendências de consumo;
- Hábitos de consumo nas plataformas digitais;
- Processos de decisão de compra;
- Satisfação dos e-consumidores.

E-marketing:

- Conceito e evolução;
- Fundamentos do e-marketing;
- Vantagens da internet para os consumidores;
- Internet e o desenvolvimento de novas aplicações do marketing;
- Customer relationship management (CRM).

E-commerce:

- Conceito;
- Motivações para a adesão ao e-commerce;
- Fatores de sucesso.

✓ **Gestão e Criação de Conteúdos Digitais**

50h

Data: 2022

Instituição: ANJE -Associação Nacional de Jovens empresários

Marketing viral

- Conceitos e princípios.

Plataformas de conteúdos digitais

- Anúncio digitais;
- Adwords;
- Blogues;
- Fóruns;
- Banners;
- Motores de busca/redes sociais.

Conteúdos para a Web

- Web copywriting;
- Meios;
- Formatos;
- Enquadramento;
- Particularidades.

Marca e os conteúdos digitais

- Identidade e personalidade da marca;
- Segmentação do conteúdo adaptado ao target.

SEO

- Conteúdos para os motores de busca;
- Gamification e storytelling;
- User Generated content;
- Incentivar os consumidores a criar conteúdo;
- Buzz marketing e marketing viral.

Gestão dos blogues

- Títulos das entradas enquanto title tag no header;
- Link automático para a página principal em todas as páginas;
- Arquivos e etiquetas;
- Catalogar as diferentes secções;
- Entradas do blog de acordo com o tema e assunto;
- Indexação pelos motores de busca;
- Importância do um texto âncora;
- Seleção das fontes.
- Estratégias e tendências

✓ **Facebook Marketing**

50h

Data: 2022

Instituição: ANJE -Associação Nacional de Jovens empresários

- Fundamentos do Marketing Digital;
- A importância das personas e como identificá-las;
- Importância do Funil de Conversão e Jornada do Consumidor na elaboração de um Plano de Paid Social;
- Dados do Facebook;
- Conta comercial x conta pessoal.
- O que é Facebook ADS;
- O que é o Gestor de Negócios e o Gestor de Anúncios?
- Qual a diferença entre as duas ferramentas;
- Funcionalidades do Gestor de Negócios e do Gestor de Anúncios;
- Criação de um Gestor de Negócios e de um Gestor de Anúncios;
- Criação dos ativos do Gestor de Negócios;
- Pixel do FB – para que serve e onde instalá-lo.
- Estrutura das campanhas do Facebook;
- Tipos de campanhas do Facebook;

- Planeamento de uma Campanha no Facebook;
- Passo a passo da criação de campanha.
- Audiências do Facebook:
 - Públicos Básicos;
 - Públicos Personalizados;
 - Públicos Semelhantes (Lookalike Audiences);
 - Setup de Audiências.
- Passo a passo para criação das audiências.
- Como criar uma campanha de leads no Facebook ADS;
- Como criar eventos no Facebook ADS.
- O que é o remarketing;
- Como criar campanhas de remarketing.
- Passo a passo para criação de campanhas de remarketing.
- Otimização das campanhas;
- Passo a passo para otimizar campanhas.
- Criativos que convertem;
- Biblioteca de ADS do Facebook;
- Boas práticas de campanhas.

✓ **Publicidade nas Redes Sociais**

50h

Data: 2022

Instituição: ANJE -Associação Nacional de Jovens empresários

- Publicidade nas redes sociais- Alcance orgânico VS alcance pago- Tipos de objetivos
- Campanhas de publicidade no Facebook e Instagram- Tipos de objetivos e formatos- Segmentação de campanhas- Medição, análise e otimização de campanhas pagas
- Campanhas de publicidade no Youtube
 - Google Ads
 - Tipos de objetivos e formatos
 - Segmentação de campanhas
 - Medição, análise e otimização de campanhas pagas